



eME
eMuseu do Esporte



REFLEXÕES OLÍMPICAS E DIGNIDADE HUMANA

ORGANIZADORES
NELSON TODT
ANA MIRAGAYA
FERNANDO FONTOURA
CAROLINA MORENO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Reflexões olímpicas e dignidade humana [livro eletrônico] / organização Nelson Todt ... [et al.]. -- Rio de Janeiro : Gama Assessoria Empresarial, 2021.
PDF.

Outros organizadores : Ana Miragaya, Fernando Fontoura, Carolina Moreno.
ISBN 978-65-995711-4-5

1. Competição internacional 2. Dignidade humana
3. Diversidade sexual 4. Esportes 5. Esportes olímpicos 6. Identidade de gênero 7. Racismo
8. Relações humanas 9. Relações sociais I. Todt, Nelson. II. Miragaya, Ana. III. Fontoura, Fernando. IV. Moreno, Carolina.

21-95956

CDD-796.48

Índices para catálogo sistemático:

1. Jogos olímpicos : Esportes 796.48

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

APOIO



PUCRS



ORGANIZADORES



NELSON TODT



FERNANDO FONTOURA



ANA MIRAGAYA



CAROLINA MORENO

SUMÁRIO

8 **PREFÁCIO**

Lamartine DaCosta

14 **INTRODUÇÃO**

Nelson Todt

24 **LIBERDADE DE EXPRESSÃO**

25 **LA NORMA 50: ACUERDOS
Y DIVERGENCIAS**

Cecilia R Bollada

Daniel de la Cueva

33 **IOC RULE 50 AND
THE EVOLUTION OF
ATHLETES' ACTIVISM
IN AMERICA**

Yoav Dubinsky

41 **THE ATHLETES' VOICE
AND AN 'ETHICS OF CARE':
HUMAN DIGNITY
AND DOPING IN SPORT**

Angela J. Schneider

46 ESPORTE E VALORES

47 ESPORTE E VALORES

Ana Miragaya
Lamartine DaCosta

54 VALORES NO ESPORTE

Fernando Fontoura

59 OLYMPISM AS A WAY OF LIFE AND A COMMON LANGUAGE OF VALUES

Hilla Davidov

68 IN THE PURSUIT OF VALUE AND THE IMPORTANCE OF JOY: WHY SPORT STILL NEEDS OLYMPISM

Susannah Stevens
Ian Culpan

75 CARA E COROA: AS DUAS FACES DO ESPORTE NO SÉCULO XXI

Diego Boeira Lerina
Otávio Tavares

84 AS ATITUDES DE JOVENS NO CONTEXTO DO ESPORTE DE INCLUSÃO SOCIAL DO SUL DO BRASIL

Ricardo Pedrozo Saldanha

**90 EXPERIÊNCIAS INOVADORAS
DE ESPORTE IGUALITÁRIO:
AVANÇOS DO eMUSEU DO
ESPORTE NO USO DE TECNOLOGIAS
DIGITAIS COM ACESSOS
INTERATIVOS E INCLUSIVOS**

**Bianca Gama Pena
Lamartine DaCosta**

**97 A PROMOÇÃO DA PAZ
E OS VALORES OLÍMPICOS
NA PERSPECTIVA DO E-SPORT:
UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR
DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO
OLYMPIC VIRTUAL SERIES**

**Leonardo Jose Mataruna-Dos-Santos
Andressa Fontes Guimaraes-Mataruna**

109 REFUGIADOS

**110 BUILDING ON THE OLYMPIC
EXAMPLE: EMBEDDING
OLYMPIC VALUES IN REFUGEE
INTEGRATION THROUGH SPORT**

John Dorber

**117 DIGNIDADE HUMANA
EXPRESSA PELA EQUIPA
DE REFUGIADOS**

Leonardo Cunha

**122 TIME DE ATLETAS REFUGIADOS:
PERSEGUINDO SONHOS**

Miguel Pachioni

**130 A FILOSOFIA, OS REFUGIADOS
E OS JOGOS OLÍMPICOS:
REALIDADE E IDEALISMO**

Renata Floriano de Sousa

**139 REFUGIADOS - A INTEGRAÇÃO
ATRAVÉS DO DESPORTO E DOS
JOGOS OLÍMPICOS**

Rita Amaral Nunes

148 INTERSEXUALIDADE

**149 INTERSEXUALIDADE E
MOVIMENTO OLÍMPICO:
UMA HISTÓRIA CONTROVERSA**

Barbara Gomes Pires

**156 INTERSEXUALIDADE E
VERIFICAÇÃO DE GÊNERO
NO ESPORTE: O QUE
NOS DEFINE ENQUANTO
HOMENS OU MULHERES?**

Ellen Cristina Rodrigues Correia

**162 ATLETAS LGBTQIA+
E A VISIBILIDADE NO
ESPORTE OLÍMPICO**

Wagner Xavier de Camargo

PREFÁCIO

Lamartine DaCosta

Membro Honorário do
Comitê Internacional Pierre de Coubertin

A presente obra coletiva e internacional apresenta-se como uma contribuição teórica à renovação do Movimento Olímpico com consequentes influências no esporte de alta competição. Em sua essência, os textos organizados adiante discutem a crescente pluralidade da identidade nas relações humanas e seus impactos nas práticas esportivas. Trata-se, enfim, de um reexame dos avanços identitários postos em evidência em termos práticos ocorridos em 2021 nos Jogos Olímpicos de Tóquio, na edição adiada de 2020. E tanto naqueles Jogos como neste livro, optando-se mais por semelhanças, o foco em questão está posto nos Direitos Humanos diante de discriminações, preconceitos e desigualdades tais como exclusão social e de direito à expressão, homofobia, racismo, sexismo, xenofobia entre tantas outras rejeições das diferenças antepostas a indivíduos, grupos e minorias vulneráveis.

Nesses termos, esse livro renova antigos e novos valores do Movimento Olímpico e consequentemente das práticas esportivas em geral. Isto porque os temas abordados estão contextualizados nos retrocessos e avanços de anos recentes e referidos às relações entre atletas, praticantes, torcedores, dirigentes, patrocinadores, etc. E, se resumidas, tais tendências quer construtivas ou antissociais, têm se mostrado intercaladas ou sobrepostas ao longo da história e se revelam ainda presentes na atualidade. Por isso, o próprio Pierre de Coubertin, restaurador dos Jogos Olímpicos, já nos anos de 1920, definia o desenvolvimento do esporte moderno como “pendular”. Hoje, tal progressão com retrocessos e avanços poderia ser exemplificada pelo atual controle das falas de posicionamento dos atletas nas competições em contraponto com a posta em vigor em 2020 da expressão “Juntos” (Communis) no centenário do até então intocável lema olímpico “Mais rápido, Mais alto, Mais forte” (Citius, Altius, Fortius).

De fato, em perspectivas históricas, o Movimento Olímpico e sua entidade maior, o Comitê Olímpico Internacional – COI, caracterizam-se por uma oscilação entre a manutenção do status quo e as rupturas

de desenvolvimento em que ambas as ações são frequentemente entendidas como pragmáticas. Estas, por sua vez, são enfatizadas como reações ao exterior do Movimento Olímpico, mas por vezes são interpretadas como quebra de princípios morais quando resultam de comportamentos internos. E, mais uma vez, apelando para exemplos, cabe lembrar na dimensão externa, os posicionamentos pragmáticos do COI na gestão da crise do terrorismo nos Jogos Olímpicos de Munique 1972, advinda de confrontos Israel-Mundo Árabe. Já a crise de corrupção envolvendo dirigentes da então denominada “família” olímpica dos anos 1999-2000, teve nítidas origens nas deficiências internas da governança do COI.

Portanto, o presente livro ao fim e ao cabo liga-se necessariamente ao contexto que lhe deu origem, pois reexamina relações sociais que influenciam o esporte com ênfase nos Jogos Olímpicos por seus procedimentos intrínsecos, incluindo princípios e valores que lhes dão significados. Esta harmonia com o contexto tem tido componentes políticos além de valorativos e gerenciais como se pode verificar desde as origens dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e respectivamente do COI em suas intervenções. Efetivamente as ações pioneiras de Pierre de Coubertin caracterizaram-se por adaptações mútuas entre as partes interessadas nos Jogos Olímpicos sob a regência do COI. Consolidou-se nesta estratégia o valor do “respeito mútuo”, o mesmo citado tanto nos avanços igualitários de Tóquio 2020/2021 como no início do século XX, quando se adotou no Movimento Olímpico o lema “All Sports, All Nations” (Todos os Esportes, Todas as Nações), ao se atribuir igualdade às competições esportivas independente de nacionalidade.

Em síntese, o esporte nas suas reinterpretações olímpicas tanto nos tempos de Pierre de Coubertin como na atualidade tem assumido um modelo de desenvolvimento próprio em que as contradições são contornadas passo-a-passo até que haja uma concordância dominante ou flexibilização por adaptação das partes interessadas aos impasses originais. Na atualidade, um exemplo típico desta acomodação de interesses concerne a situação dos eSports em face aos manejos políticos e diplomáticos do COI diante da crescente aceitação dos jogos eletrônicos pela juventude e simultânea rejeição por importante parte das entidades dirigentes do esporte. Mas o mesmo procedimento teve notável eficácia no lidar com a Guerra Fria entre os Estados Unidos e a então existente União Soviética nos anos de 1950-1980, resultando na sobrevivência dos Jogos Olímpicos e do

próprio esporte de alta competição em meio a constantes e intensos conflitos internacionais.

Há então uma persistente e por vezes justificável ambivalência do Movimento Olímpico a considerar ao contextualizarmos os temas de grande sensibilidade encontrados adiante neste livro. Tal convivência com contradições tem sido particularmente relevante no caso do doping em que se têm penalizado atletas, resguardando seus dirigentes e entidades de apoio. Diante desta judicialização seletiva, Angela Schneider, autora de um dos capítulos deste livro, há duas décadas, aponta em sua produção acadêmica, os desvios do doping, com submissão da ética pública e dos direitos humanos aos interesses institucionais do COI e das entidades esportivas internacionais.

Diferenças à parte, constata-se também nesta obra que há uma longa e controvertida história da intersexualidade nas relações com o COI, mas simultaneamente admitem-se avanços importantes no trato do problema dos refugiados pela mesma entidade. Enfim, pode-se concluir que a ambivalência histórica do Movimento Olímpico se justifica no plano da política e da gestão internacional do esporte, mas torna-se controversa em termos de Dignidade Humana, exigência inegociável quando estão em foco discriminações, preconceitos e desigualdades.

O COI, contudo, tem sinalizado nos últimos anos com propostas de reformas em seus procedimentos tradicionais como ocorreu com a Agenda Olímpica 2020, emitida em 2014, com revisões que alcançam os Jogos Olímpicos de Paris 2024 e de Los Angeles 2028, além naturalmente de Tóquio 2020-2021, evento aqui já posto em relevo. Porém, ainda não está claro como a entidade maior do esporte dará trânsito à Dignidade Humana como um marco identitário como assumido na convivência com o esporte paralímpico em anos recentes. Esta dúvida, por si, somente justifica a publicação do presente livro que está organizado com informações de base tanto para desdobramento de novos estudos e pesquisas como para referenciar futuras decisões sobre reformas dos Jogos Olímpicos e do esporte em geral.

Finalizando, e diante da previsão de uma nova era do ideário olímpico, torna-se então oportuno alertar que falta, todavia, um conclusivo adendo ao lema de recente atualização “Mais rápido, Mais alto, Mais forte, Juntos”, ou seja, “Iguais”.

PREFACE

Lamartine DaCosta

Honorary Member of the
International Pierre de Coubertin Committee

This collective and international work presents itself as a theoretical contribution to the renewal of the Olympic Movement with consequent influences on high competition sport. In essence, the texts organized ahead discuss the growing plurality of identity in human relations and its impacts on sports practices. Overall, this is a review of the practical advances in terms of the 2021 Tokyo Olympic Games, in the postponed 2020 edition. And both in those Games and in this book, opting more for similarities, the focus in question is on Human Rights in the face of discrimination, prejudice and inequalities such as social exclusion, revocation of free speech, homophobia, racism, sexism, xenophobia, among many other rejections of the differences before vulnerable individuals, groups and minorities.

This book renews old and new values of the Olympic Movement and, consequently, of sports practices in general. This happens because the topics addressed are contextualized in the setbacks and advances of recent years and concerned to the relations between athletes, practitioners, fans, managers, sponsors, etc. And, if summarized, such tendencies, whether constructive or antisocial, have been interspersed or overlapped throughout history and are still present today. For this reason, Pierre de Coubertin himself, the restorer of the Olympic Games, already in the 1920s defined the development of modern sport as a "pendulum". Today, such progression with setbacks and advances could be exemplified by the current control of athletes' positioning speeches during the competitions in contrast with the recent and official addition of the expression "Together" (Communis) in the centenary of the until then untouchable Olympic motto "Faster, Taller, Stronger" (Citius, Altius, Fortius).

In historical perspectives, the Olympic Movement and its main entity, the International Olympic Committee – IOC, are characterized by an oscillation between the maintenance of the status quo and the development of disruptions, in which both actions are often understood as pragmatic. These actions, in turn, are emphasized as reactions

from outside the Olympic Movement, but sometimes they can also be interpreted as actions that break moral principles when they result from internal behaviors. And once again appealing to examples, it is worth recalling, in the external dimension, the pragmatic positions of the IOC in the management of the terrorism crisis in the 1972 Munich Olympics, arising from the Israel-Arab World confrontations. The corruption crisis involving leaders of the so-called Olympic "family" of the 1999-2000s, on the other hand, had clear origins in the internal shortcomings of the IOC's governance.

Therefore, this book is ultimately connected to the context that gave rise to it because it re-examines social relations that influence sport with an emphasis on the Olympic Games for their intrinsic procedures, including principles and values that give them meaning. This harmony with the context has had political components in addition to evaluative and managerial approaches as can be seen since the origins of the Olympic Games of the Modern Era and, respectively, of the IOC in its interventions. Thus far, the pioneering actions of Pierre de Coubertin were characterized by mutual adaptations between stakeholders of the Olympic Games under the IOC. This strategy has consolidated the value of "mutual respect", which is mentioned both in the egalitarian advances of Tokyo 2020/2021 and at the beginning of the 20th century, when the motto "All Sports, All Nations" was officially adopted in the Olympic Movement, by awarding equality to sports competitions regardless of nationality.

In summary, sport in its Olympic reinterpretations, both in Pierre de Coubertin's times and today has assumed a model of its own development in which contradictions are circumvented step-by-step until there is a dominant agreement or flexibility by adaptation of stakeholders to the original stalemate positions. Currently, a typical example of this accommodation of interests concerns the situation of eSports in view of the political and diplomatic management of the IOC in the face of the growing acceptance of electronic games by youth and simultaneous rejection by an important part of sports' governing bodies. But the same procedure had remarkable effectiveness in dealing with the Cold War between the USA and the then existing Soviet Union in the 1950s-1980s, resulting in the survival of the Olympic Games and of high-competition sport itself amid constant and intense international conflicts.

There is then a persistent and sometimes justifiable ambivalence of the Olympic Movement to consider when contextualizing the themes

of great sensitivity found in this book. Such coexistence with contradictions has been particularly relevant in the case of doping, in which athletes have been penalized, protecting their leaders and support entities. In the face of this selective judicialization, Angela Schneider, author of one of the chapters of this book, has been pointing out in her academic production, for the last two decades, the deviations from doping, with submission of public ethics and human rights to the institutional interests of the IOC and international sports entities.

Differences aside, it is also observed in this work that there is a long and controversial history of intersexuality in relations with the IOC, but at the same time important advances are admitted in dealing with the refugee problem by the same entity. Eventually, it can be concluded that the historical ambivalence of the Olympic Movement is justified in the level of politics and international management of sport, but it becomes controversial in terms of Human Dignity, a non-negotiable requirement when discrimination, prejudice and inequalities are in focus.

The IOC, however, has signaled in recent years with proposals to reform its traditional procedures, such as the 2020 Olympic Agenda, issued in 2014, with revisions that reach the Paris 2024 and the Los Angeles 2028 Olympic Games, as well as, of course, Tokyo 2020-2021, already highlighted here. However, it is still unclear how the most important entity of sport will give transit to Human Dignity as an identity milestone as assumed in the coexistence with Paralympic Sport in recent years. This doubt, in itself, justifies the publication of this book, which is organized with basic information not only for the development of new studies and research but also to reference future decisions on reforms of the Olympic Games and of sport in general.

Finally, and in view of the prediction of a new era of Olympic ideals, it is therefore appropriate to warn that a conclusive addendum to the recent update motto "Faster, Higher, Stronger, Together" is lacking, in other words, the expression "Equals".

INTRODUÇÃO

NELSON TODT

Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin

Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS

Em agosto de 2021 foi inaugurada a exposição virtual “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana”, que teve como cenário o Movimento Olímpico.

A ideia iniciada pelo filósofo Fernando Fontoura originou-se do projeto conduzido pela estudante Carolina Moreno do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (GPEO PUCRS) com o intuito de levantar temas sociais, humanos e esportivos de relevância internacional sobre o esporte e o Movimento Olímpico, o Projeto Reflexões Olímpicas desenvolve entrevistas com personalidades do esporte e do âmbito dos Estudos Olímpicos sobre problemáticas atuais.

Com o sucesso da iniciativa e a emergência dos temas propostos, veio o convite ao eMuseu do Esporte para reeditar a parceria de 2020 com o GPEO PUCRS e o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (CBPC) em outro projeto¹ com a mesma estrutura dividido em duas etapas: (1) Exposição Virtual com a curadoria de Lamartine DaCosta e de Nelson Todt; e (2) Publicação de eBook, que tem como editores Nelson Todt, Ana Miragaya, Fernando Fontoura e Carolina Moreno.

Com o nome de “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana” a Exposição Virtual teve o apoio institucional do Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio) e da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), em cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A mostra e o eBook contam ainda com o apoio do Comitê Internacional Pierre de Coubertin (CIPC).

Para mais além dos importantes envolvimento institucionais, a participação de 24 importantes personalidades e especialistas das áreas de filosofia e estudos olímpicos, permitiu somar nesta obra 8 países dos 5 continentes, caracterizando seu escopo global.

O conteúdo proposto nas duas etapas (exposição e eBook) está em consonância com alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Susten-

tável (ODSs) da Organização das Nações Unidas (ONU), tais como redução das desigualdades, igualdade de gênero, saúde e bem-estar e paz, justiça e instituições eficazes. O livro acaba abordando as políticas contemporâneas e as relações humanas que englobam todas as camadas de uma sociedade e diante disso, os Jogos Olímpicos não são exceção.

É importante considerar também que o esporte imita a vida, assim como as crises sociais também ecoam no ambiente Olímpico, em atletas e em seu entorno. A partir dessa ideia, podemos refletir o quanto o esporte demanda valores que norteiem, por assim dizer, aquela conduta desejável socialmente. O Movimento Olímpico provoca a reflexão sobre dignidade humana em resposta à atual crise de valores, contribuindo para o desenvolvimento da igualdade de gênero, bem-estar, paz e redução das desigualdades.

Na oportunidade da inauguração da Exposição, que aconteceu durante os Jogos Olímpicos 2020, realizados em Tóquio, Lamartine Da-Costa, curador do eMuseu do Esporte, considerou o projeto “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana” uma mudança de rumo nas interpretações do esporte na atualidade e, ao se associar aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em parceria com órgãos das Nações Unidas, abrem-se perspectivas globais e de maior impacto para a construção de um esporte do futuro, mantendo-se respeito ao passado e aos temas de alta sensibilidade do presente.

Na perspectiva da diretora do UNIC Rio, Kimberly Mann, o esporte é um modelo de trabalho em equipe e um motor de crescimento econômico para toda a sociedade. É possível usar este poder para construir pontes de amizade e coexistência, promover estilos de vida saudáveis e avançar nosso trabalho para alcançar um desenvolvimento sustentável e inclusivo até 2030.

É neste contexto então que nesta obra, tal como na exposição do eMuseu do Esporte, os temas foram escolhidos e organizados a partir de 4 categorias: Liberdade de Expressão, Esporte e Valores, Refugiados e Intersexualidade. Estas categorias aparecem distribuídas nos 4 capítulos do livro, nesta ordem, totalizando 19 textos.

Iniciando o capítulo sobre Liberdade de Expressão, Cecilia Bollada e Daniel de la Cueva discutem desde uma perspectiva política, social e jurídica como a liberdade de expressão dos atletas e a pausa sanitária decorrente da Covid-19, desafiaram e obrigaram, o Comitê Olímpico

Internacional (COI) e sua Comissão de Atletas a (re)considerar a Regra 50 da Carta Olímpica. Nesta mesma direção, Yoav Dubinski aponta como as lutas internas pela justiça social nos Estados Unidos se manifestaram internacionalmente, moldando o Movimento Olímpico à um ponto em que o COI precisava ajustar as suas políticas e a Carta Olímpica para tentar manter o campo de jogo politicamente neutro. Angela Schneider, aborda a “Ética do Cuidado” e sustenta que atletas foram responsabilizados e punidos pelo uso de substâncias de aumento de desempenho, mesmo que fizessem parte de um sistema que tornava o doping uma exigência para sua participação nos Jogos Olímpicos, reforçando assim, a ideia de que os atletas merecem uma palavra no esporte porque são uma parte fundamental do esporte.

Ana Miragaya e Lamartine DaCosta abrem o segundo capítulo sobre o tema de Esporte e Valores provocando uma discussão dos ODSs a partir de uma perspectiva esportiva, incluindo, o tema dos valores e o sentido da dignidade humana. Sobre a questão dos valores, Fernando Fontoura considera fundamental a pedagogia moral de Pierre de Coubertin, encontrada também no “seu” Olimpismo. Este texto traz uma perspectiva filosófica sobre os valores, delineando de forma muito geral e abrangente essa questão tão crucial em sua proposta de um aperfeiçoamento moral para o indivíduo através do esporte. Já Hilla Davidov nos lembra que Pierre de Coubertin insistia na ideia de que os Jogos Olímpicos deveriam ser mais que um mero evento quadrienal. Em outras palavras: fazer do Olimpismo como um modo de vida e uma linguagem comum de valores universais. Ainda em uma perspectiva pedagógica, Susannah Stevens e Ian Culpan nos provocam a pensar que para maximizar seu potencial educativo e social, o esporte precisa ser conceituado como um empreendimento ético e moral, fortificado com valores que fomentam as excelências humanas. Diego Lerina e Otávio Tavares trazem um olhar polissêmico do esporte contemporâneo, examinando criticamente as condições de possibilidade da identidade e unidade do esporte como objeto e prática baseadas nas ferramentas do pensamento de Wittgenstein. Em uma perspectiva mais atitudinal, Ricardo Saldanha fala sobre o comportamento de jovens praticantes de esportes no contexto da inclusão social e, alinhado a outros textos deste capítulo, ressalta o papel fundamental do professor para a criação de um ambiente adequado para o desenvolvimento moral destes jovens. Com uma abordagem de natureza igualitária e inclusiva, Bianca Pena e Lamartine DaCosta falam da experiência do eMuseu do Esporte, entidade museológica digital que assume um ensaio pioneiro do padrão Metaverso, avanço tecnológico que simula a participação múltipla, diversificada e inte-

rativa de pessoas em variadas atividades, agora incluindo o esporte. Deste outra temática, considerando a emergência do tema do eSport, em especial após a inclusão de competições no ambiente digital com a organização da primeira edição da 'Olympic Virtual Series', Leonardo Mataruna e Andressa Mataruna enfocam em seu texto o jogo 'Zwift' como plataforma para uma Educação Olímpica e promoção para a paz.

Não há dúvidas que o tema de valores e esporte já representam um tema de longa tradição no campo olímpico, porém, tem sido através dos Refugiados que a questão tem ganhado uma maior visibilidade no âmbito humanitário. John Dorber considera que a criação da Equipe Olímpica de Refugiados pode ser vista como uma poderosa declaração do compromisso olímpico com a participação universal no esporte. O autor examina quais impactos mais amplos podem ser imaginados na aplicação desses valores a populações historicamente sub-representadas no esporte, especificamente os refugiados. Nesta mesma linha, Leonardo Cunha refere que o Movimento Olímpico, ao promover a dignidade humana enviando uma mensagem de esperança e solidariedade para as mais de 82 milhões de pessoas forçadas ao deslocamento no mundo, através de gestos simbólicos, pode ter um efeito catalítico e tocar intrinsecamente 'a alma' de várias pessoas. Estes números justificam também os argumentos de Miguel Pachioni ao referir que muitos refugiados também somam às sociedades anfitriãs seu conhecimento, experiência, resiliência e comprometimento. Também é abordado que a lógica do esporte não se limita só aos resultados, incorporando em sua prática o verdadeiro espírito de competição para superar as inúmeras barreiras presentes na vida humana. Em uma abordagem mais filosófica, Renata de Sousa nos leva a perspectivas positivas ou pessimistas acerca da natureza humana, trazendo para a discussão a atual crise dos refugiados, dimensionando o poder da sua representatividade nos Jogos Olímpicos e discutindo a responsabilidade internacional por esse problema. Rita Nunes encerra este capítulo somando-se aos autores que lhe antecederam, considerando que o esporte é uma ferramenta que pode ser utilizada para facilitar a integração do refugiado e um elemento de coesão com a comunidade de acolhimento. Afirma ainda que é, sem dúvida, uma forma de colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento e da paz.

O último tema do livro trata sobre a Intersexualidade. Seguramente há diferentes formas de entender a intersexualidade e esta é justamente a característica que se destaca nos textos deste capítulo.

Para Barbara Pires há controvérsia na relação Intersexualidade e Movimento Olímpico. Em seu texto refere que a regulação esportiva da feminilidade afetou, ao longo da história do Movimento Olímpico, atletas com variações de intersexualidade. A autora destaca ainda que a competição atlética para celebrar as diferenças entre povos e nações, precisa nortear com dignidade a inclusão esportiva que essas atletas merecem no mundo esportivo contemporâneo. Em um tom igualmente questionador, Ellen Correia indaga: “o que nos define enquanto homens ou mulheres?”. Através desta pergunta aponta que não há como justificar a verificação de gênero no esporte, pois os corpos são interpretados através de uma construção sócio-histórica e o método utilizado considera apenas fatores biológicos, mostrando-se arbitrário para definir a identidade de gênero dos atletas. Desde um outro ângulo Wagner de Camargo provoca uma importante reflexão sobre a visibilidade e representatividade de atletas de atletas LGBTQIA+ na trajetória do esporte olímpico contemporâneo, na direção de pensar os sentidos de humanidade no esporte de alto nível de base olímpica e suas lógicas de exequibilidade.

Com estes temas dispostos nesta nova iniciativa do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin, só me resta agradecer aos autores que gentilmente emprestaram seu tempo, dedicação e conhecimento para este importante trabalho que representa seguramente um marco nos Estudos Olímpicos. Os agradecimentos são extensivos ao eMuseu do Esporte, através da gerente Bianca Pena e toda sua equipe. Minha gratidão aos dois membros de excelência do CBPC, Lamartine DaCosta e Ana Miragaya pelo apoio constante. Cabe destacar também o trabalho incansável do time do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS, em especial, a Carolina Moreno, Christian Kern e Fernando Fontoura.

Finalizo destacando a data de lançamento deste livro, que coincide com a data de nascimento de Pierre de Coubertin (1º de janeiro de 1863), grande nome do Olimpismo e esporte moderno.

Boa leitura e saudações Olímpicas!

¹Projeto “Reinventando o esporte e os Jogos Olímpicos após COVID-19: retorno a Pierre de Coubertin”. Acesso direto e gratuito para a Exposição Virtual - e-Museu do Esporte (emuseudoesporte.com.br) (1ª temporada) e e-Museu do Esporte (emuseudoesporte.com.br) (2ª temporada) e eBook - reinventando-esporte.pdf (coubertin-brasil.com.br).

INTRODUCTION

NELSON TODT

President of the Brazilian Pierre de Coubertin Committee
Coordinator of the Olympic Studies Research Group of PUCRS

In August of 2021, the virtual exposition “Olympic Reflections and Human Dignity” was launched, and its scenery was the Olympic Movement.

The idea that was started by the philosopher Fernando Fontoura originated from the project developed by Carolina Moreno, a student from the Olympic Studies Research Group of the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul - GPEO PUCRS. With the objective of selecting socially relevant themes, human and sporting topics of international relevance regarding sport and the Olympic Movement, the project Olympic Reflections develops interviews with personalities of sport and the area of Olympic Studies about current problematics.

With the success that came from this initiative and the emergency of the proposed themes, the invitations to the eMuseum of Sport came to strengthen the partnership of GPEO PUCRS and the Brazilian Pierre de Coubertin Committee (BPCC) in 2020, in another project¹ that had the same structure and was divided into two parts: (1) Virtual exposition with the curatorship from Lamartine DaCosta and Nelson Todt; and (2) Publishment of the eBook, whose editors are: Nelson Todt, Ana Miragaya, Fernando Fontoura and Carolina Moreno.

The Virtual Exposition called “Olympic Reflections and Human Dignity” had the institutional support from the Information Center of the United Nations for Brazil (UNIC Rio) and from the United Nations agency for refugees (ACNUR), in cooperation with the Organization of the United Nations for Education, Science and Culture (UNESCO). The eBook’s exposition also has support from the International Pierre de Coubertin Committee (IPCC).

Beyond the important institutional involvements, the participation of 24 important personalities and specialists in the areas of philosophy and Olympic Studies, there were also eight countries from the five continents, characterizing its global scope.

The content proposed in the two parts (expositions and eBook) is aligned to some of the Sustainable Development Goals (SDG) of the United Nations (UN), as well as the reduction of inequalities, gender equality, health, well-being, peace, justice, and effective institutions. The book approaches the contemporary policies and human relations that encompass all the layers of society and, through that, the Olympic Games are not an exception.

It is important to consider that sport imitates life, and the social crisis also echoes in the Olympic Environment, on the athletes and their surroundings. Through this idea, we can also reflect on how sport demands values which guide behaviors that are socially desired. The Olympic Movement provokes the reflection of human dignity in response to the current crisis in values, contributing to the development of gender equality, well-being, peace, and reduction of inequalities.

With the Exposition's opening, which happened during the Olympic Games of 2020 in Tokyo, Lamartine DaCosta, curator of the eMuseum of Sport, considered the project "Olympic Reflections and Human Dignity" a way to change the interpretations of sport in current times, and when associating the Sustainable Development, in partnership with the United Nations organizations, global perspectives have a bigger impact for building the sport for the future, maintaining respect to the past and to the themes that are highly sensitive nowadays.

In the perspective of the direction of UNIC Rio, Kimberly Mann, sport is a model of group work and an engine for economic growth to the whole society. It is possible to use this power to build bridges of friendship and coexistence, promote healthy lifestyles, and make progress in our job to reach sustainable and inclusive development until 2030.

It's in this context that in this project, as well as in the exposition of the eMuseum of Sport, the themes were chosen and organized based on four categories: Freedom of Speech, Sport and Values, Refugees, and Intersexuality. These categories are spread in four book chapters, in this order, totalizing 19 texts.

Starting the chapter on Freedom of Speech, Cecilia Bollada and Daniel de la Cueva debate from a political, social, and legal perspective, such as the freedom of speech for athletes and the sanitary pause due to Covid-19, challenged and obliged the Olympic International Olympic Committee (IOC) and its Athletes' Commission to (re)considerate

the Rule number 50 of the Olympic Charter. In the same direction, Yoav Dubinski points out how the internal struggles for social justice in the United States manifested internationally, molding the Olympic Movement to a point where IOC needed to adjust its policies and the Olympic Charter to try to maintain the game field politically neutral. Angela Schneider approached the “Ethics of Care” and sustains that athletes were responsible and punished for the use of substances to improve performance, even though they were already part of a system that turned doping into a requirement for participating in the Olympic Games, reinforcing the idea that athletes deserve to be heard in sport because they are a fundamental part of it.

Ana Miragaya and Lamartine DaCosta open the second chapter about Sports and Values provoking a discussion about the SDGs through a sporting perspective, including the theme of the values and the meaning of human dignity. About the topic of values, Fernando Fontoura considers the moral pedagogy of Pierre de Coubertin fundamental, which is also found in his Olympism. This text brings a philosophical perspective about the values, designing in a very general and expansive path this question, which is crucial in his proposal of improving people’s morals through sport. Hilla Davidov recalls that Pierre de Coubertin insists on the idea that the Olympic Games should be more than a mere quadrennial event. In other words: it is important to make Olympism a way of life and a common language of universal values. Still, from a pedagogical perspective, Susannah Stevens and Ian Culpan call us to think about maximizing your educative and social potential, sport needs to be understood as an ethical and moral enterprise, strengthening it with values that enrich human excellences. Diego Lerina and Otávio Tavares bring a polysemic view of contemporary sport, critically examining the possible conditions of the identity and the unity of sport as an object and practice which are based on the tools of Wittgenstein’s thought. In another perspective more attitudinal, Ricardo Saldanha talks about the behavior of teenagers who practice sport in a context of social inclusion and, in alignment with the other texts of this chapter, highlights the fundamental role of the teacher in creating an adequate environment for the moral development of these teenagers. With an egalitarian and inclusive approach, Bianca Pena and Lamartine DaCosta talk about the experience of the ‘eMuseu do Esporte’, a digital museum entity that assumes a pioneering essay of the Metaverso pattern, a technological advance that simulates the multiple, diversified and interactive participation of people in varied activities, now including sport. Regarding the other themes, considering the emergence of the theme e-Sport, in special after the

inclusion of competitions in the digital environment with the organization of the first edition of the 'Olympic Virtual Series', Leonardo Mataruna and Andressa Mataruna focus their text on the game 'Zwift' as a platform to the Olympic Education and peace promotion.

There is no doubt that the values and sporting theme already represent a topic which has been a long tradition in the Olympic Field, but it has been through the Refugees that the question has gained bigger visibility in the humanitarian sphere. John Dorber considers the creation of the Olympic Group of Refugees a powerful declaration of the Olympic commitment to universal participation in sport. The author examines which impacts can be imagined in the application of these values to populations historically sub-represented in sport, specifically the refugees. In the same line, Leonardo Cunha says that the Olympic Movement promotes human dignity by sending a message of hope and solidarity to more than 82 million people in forced displacement in the world. And the symbolic gestures can have a catalytic effect and touch 'the soul' of many people. These numbers justify the arguments of Miguel Pachioni when he mentions that many refugees also add their knowledge, experience, resilience, and commitment to society. It is also mentioned that the sports' logic is not limited to the results, to incorporate the true spirit of competition to practice is to overcome many barriers of human life. In a more philosophical approach, Renata de Sousa takes us to positive perspectives or pessimist perspectives concerning human nature, bringing the current debate on the refugee crisis, highlighting the power of representativeness in the Olympic Games, and discussing the international responsibility for this problem. Rita Nunes ends this chapter by adding to the authors that came before her, considering that sport is a tool that can be used to ease the integration of the refugee into a cohesive element with the community. She still affirms that it is, with no doubt, a way of putting the sport in service of the development of peace.

The last theme of the book talks about "Intersexuality". There are different ways of understanding intersexuality, and this is exactly the characteristic that is highlighted in the texts of this chapter. To Barbara Pires, there is a controversy in relation to Intersexuality and the Olympic Movement. In her text, she mentions that the sporting regulation of femininity affected, though the history of the Olympic Movement, athletes with variations of the intertextuality. The author highlights that the athletic competition to celebrate the differences between the peoples and the nations needs to guide with dignity the sporting inclusion

that these athletes deserve in the sporting contemporary movement. In a questioning tone, Ellen Correia says: “What defines ourselves as men or women?” Through this question, she points out that there is no way to justify the verification of gender in sport because the bodies are interpreted through a social-historical construction, and the method that is used considers only biological factors, proving to be arbitrary to define the gender identity of the athletes. From another angle, Wagner de Camargo provokes the important reflection about the visibility and the representativeness of the LGBTQIA+ athletes in the trajectory of the sport of contemporary Olympism, in direction of thinking about the senses of humanity in sport and the high level of Olympic base and its logic of practicability.

With these themes proposed on this new initiative of the Brazilian Pierre de Coubertin Committee, I can only thank all the authors that lent their time, dedication, and knowledge to this important work which represents a mark in the Olympic studies. The acknowledgment is to all the eMuseum of Sport, through the manager Bianca Pena and all her group. It is also important to highlight the excellence of BPCC, Lamartine DaCosta, and Ana Miragaya for their constant support. We also thank the work from the Olympic Studies Research Group of PUCRS, in special, to Carolina Moreno, Christian Kern, and Fernando Fontoura.

I conclude by highlighting the launching date of this book, which is also the same day that Pierre de Coubertin was born (January 1st, 1863), a big name of Olympism and Modern Sport.

Good reading and Olympic regards!

¹Project “Reinventing sport and the Olympic Games after COVID-19: return to Pierre de Coubertin”. Direct and free access to the Virtual Exhibition - e-Museu do Esporte (emuseudoesporte.com.br) (1st season) and e-Museu do Esporte (emuseudoesporte.com.br) (2nd season) and eBook - reinventando-esporte.pdf (coubertinbrasil.com.br).

**LIBERDADE DE
EXPRESSÃO**

FREE SPEECH

**LIBERTAD
DE EXPRESIÓN**

LA NORMA 50: ACUERDOS Y DIVERGENCIAS

Cecilia R Bollada

Daniel de la Cueva

RESUMO: Após um ano de atraso devido à pandemia, aconteceram os Jogos mais inusitados da história dos Jogos Olímpicos. Há questões subjacentes ao Movimento Olímpico, que emergiram com força reivindicatória, a defesa da liberdade de expressão dos atletas e a pausa sanitária, desafiaram e obrigaram o COI e sua Comissão de Atletas a considerar a Regra 50 da Carta Olímpica, em busca de acordos, e até eliminação. Esta análise aborda o Movimento Olímpico - COI de uma perspectiva política, social e jurídica. O fenômeno do protesto social no esporte exige uma revisão intensa dos elementos regulatórios e sociológicos; e a forma como os direitos humanos, como a liberdade de expressão, são reconhecidos, protegidos e garantidos. Nem todos os direitos reivindicados pelos atletas e seus defensores foram reconhecidos ou respeitados. Em alguns casos, as questões ainda estão em processo de discussão; em outras, mesmo com acordos, merecem ampla adoção de direitos relacionados; concluímos que isso só pode ser realizado por meio de atribuições mútuas.

PALAVRAS-CHAVE: Atletas; Regra 50; Mobilização.

ABSTRACT: After a year of delay due to the pandemic, the most atypical in the history of the Olympic Games were held. There are issues that underlie the Olympic Movement, which emerged with vindictive force, the defence of the freedom of expression of athletes and the sanitary pause, interpellated and compelled, the IOC and its Athletes Commission to consider Rule 50 of the Olympic Charter, in search of agreements, and even elimination. This analysis approaches the

Olympic Movement - IOC from a political, social, and legal perspective. The phenomenon of social protest in sport demands an intense review of the regulatory and sociological elements; and the way in which Human Rights such as free expression are recognized, protected, and guaranteed. Not all the rights claimed by athletes and their defenders have been recognized or respected. In some cases, the issues are still under discussion; in others, even with agreements, they deserve a broad adoption of related rights; We conclude that this can only be realized through mutual concessions.

KEYWORDS: Athletes; Rule 50; Mobilization.

RESUMEN: Después de un año de retraso por la pandemia, se celebraron los Juegos más atípicos de la historia de los Juegos Olímpicos. Hay cuestiones que subyacen al Movimiento Olímpico, que emergió con fuerza reivindicatoria, la defensa de la libertad de expresión de los atletas y la pausa sanitaria, interpeló y obligó, al COI y su Comisión de Atletas a considerar la Regla 50 de la Carta Olímpica, en busca de acuerdos, e inclusive la eliminación. Este análisis aborda el Movimiento Olímpico – COI desde la perspectiva política, social y jurídica. El fenómeno de la protesta social en el deporte demanda una intensa revisión de los elementos reglamentarios y sociológicos; y la forma en que se reconocen, protegen y garantizan Derechos Humanos como la libre expresión. No todos los derechos reclamados por los atletas y sus defensores han sido reconocidos o respetados. En algunos casos, las cuestiones están todavía en proceso de debate; en otros, incluso con acuerdos, merecen una adopción amplia de los derechos relacionados; concluimos que esto sólo puede hacerse realidad mediante cesiones mutuas.

PALABRAS-CLAVE: Atletas; Norma 50; Movilización.

INTRODUCCIÓN

Después de un año de retraso por la pandemia, y habiendo concluido la cita Olímpica de Tokio 2020+1; celebrados en el contexto de la crisis sanitaria global y tribunas sin espectadores, estos se han convertido en los más particulares de la historia de los Juegos Olímpicos. Por otra parte, hay cuestiones que subyacen al Movimiento Olímpico, que emergió con fuerza reivindicatoria: la defensa de la libertad de expresión de los atletas participantes.

La pausa sanitaria, interpeló y obligó, tanto a los atletas como al COI a considerar la Regla 50.2, en busca de acuerdos, e inclusive la eliminación y les permitiera total libertad para expresarse en los Juegos Olímpicos de Tokio de este verano; pero eso no sucedió. En cambio, se aprobó una serie de actualizaciones menores, recomendadas por su Comisión de Atletas.

El deporte reivindicativo ha crecido en los últimos tiempos debido a los movimientos sociales, que desencadenó el movimiento Black Lives Matters, que de inmediato obtuvo el respaldo del mundo del deporte por medio de celebraciones simbólicas.

LOS JUEGOS OLÍMPICOS Y LA LIBRE EXPRESION

Los Juegos Olímpicos suelen ser siempre una ocasión privilegiada para observar, analizar y debatir problemáticas sociales, culturales y políticas de gran relevancia y actualidad; desde la teoría de campos de Bourdieu; el capital que ponen en juego los atletas no debe ser comprendido simplemente en términos físicos, sino más bien, debe ser entendido en términos simbólicos. (1)

El atleta como individuo perteneciente a una sociedad, se halla inmerso en una estructura cultural, histórica y política, que lo coacciona y repercute en las prácticas sociales. El deporte, en tanto campo social, y el atleta, despliegan principios de conducta, y una elección voluntaria de una manera de pensar y sentir, de obrar y conducirse.

Aquellos dominadores en el campo deportivo son ciertamente sujetos de prestigio y reconocimiento por parte de los participantes de dicho campo, dotándolos de características como el reconocimiento y estima social, sumado a la capacidad de hacer valer la propia voz. Los atletas apostaron su capital físico y simbólico a fin de dominar las relaciones de poder del campo, ganar la lucha, romper los esquemas desde adentro y, aprovechando el capital simbólico que poseen, para emerger como figuras conocidas y reconocidas socialmente en la resistencia contra las discriminaciones que los oprime.

El fenómeno de la protesta social en el deporte no solo ha demandado una intensa revisión de los elementos fundamentales: jurídicos, reglamentarios y sociológicos; si no también a la forma en que se re-

conocen, protegen y garantizan derechos fundamentales; como la libre expresión. (2)

Podría considerarse que la Norma 50.2 (3) es una restricción del derecho a la libertad de expresión, reconocida y protegida en tratados internacionales de Derechos Humanos, poniendo en conflicto un interés privado.

Recordemos que la libertad de expresión y de pensamiento político, no solamente es uno de los valores que recoge la Declaración Universal de los Derechos Humanos, sino que también es uno de los valores del deporte. Aunque la libertad de expresión no es un derecho absoluto y puede ser sometido a ciertas condiciones o restricciones, sin embargo, para que esas restricciones sean válidas y legítimas, no sólo legales, deben cumplir los requisitos de proporcionalidad para la aplicación de las penalidades o sanciones impuestas por parte del COI; no existiendo en la legislación olímpica, consideraciones claras al respecto.

El COI hablo de este enfoque punitivo de mano dura: hacerlo significa taxativamente quedar fuera de los Juegos, pero eso es una sanción arbitraria, su norma actualizada en el año 2020, señalan que las consecuencias disciplinarias serán ajustadas al nivel de perturbación y al grado de incompatibilidad de la infracción con los Valores Olímpicos. (4)

El Principio de Proporcionalidad exige que las sanciones a imponer sean ajustadas a la gravedad de los hechos cometidos, lo que obliga, que las sanciones a aplicar estén previamente sujetas en una concreta normativa, por hoy inexistente en la Carta Olímpica.

LA VOZ DE LOS ATLETAS

La Comisión de Atletas solicitó al COI que “las sanciones por infringir la norma 50 sean más claras, se delimiten lo que se considera una manifestación de protesta, y se tome en cuenta el contexto de cada caso antes de imponerse cualquier sanción”, en desacuerdo con las políticas que oprimen la libre expresión de los atletas y mantienen marginados a los grupos perjudicados. (4)

Durante muchos meses, atletas de todo el mundo advirtieron que manifestarían en caso de subir al podio Olímpico en Tokio 2020. El COI,

primeramente, reforzó su posición a favor de la Regla 50.2, y más adelante convocó a la Comisión de Atletas para viabilizar una consulta; esta Comisión realizó una encuesta a más de 3500 atletas de todo el mundo, de 41 deportes olímpicos y 185 Comités Olímpicos Nacionales, que dieron su opinión.

En el estudio cuantitativo, una clara mayoría de atletas dijo que no es apropiado demostrar o expresar sus puntos de vista en el campo de juego (70% de los encuestados), en las ceremonias oficiales (70% de los encuestados) o en el podio (67% de los encuestados).

Esta posición también fue ampliamente expresada en la consulta cualitativa de la Comisión de Atletas del COI (COI AC); el argumento fue la necesidad de garantizar que los atletas y sus momentos especiales sean respetados, y que el enfoque de los Juegos Olímpicos permanezca en la celebración de las actuaciones de los atletas, el deporte y los valores olímpicos. Sin embargo, algunos representantes de los deportistas adoptaron un punto de vista diferente, utilizando la libertad de expresión como argumento, y sintieron que esto superaba a los demás. Los hallazgos cuantitativos y cualitativos indican que la mayoría de los atletas quieren proteger el campo de juego, las ceremonias oficiales y el podio.

La Comisión de Atletas del COI recomendó; preservar el podio, el campo de juego y ceremonias oficiales de cualquier tipo de protestas y manifestaciones, o cualquier acto percibido como tal y brindar claridad sobre las sanciones. (4)

Como es la práctica actual de acuerdo con los procedimientos disciplinarios del COI y las Directrices de la Regla 50 de la Carta Olímpica, recomendó también examinar las infracciones del actual párrafo 2 de dicha Norma, caso por caso para garantizar el debido proceso y la proporcionalidad de las sanciones.

El COI AC recomienda que la Comisión de Asuntos Jurídicos aclare, a su debido tiempo, la gama de sanciones que se impondrían por una infracción de la Regla, teniendo en cuenta el contexto respectivo de cada caso individual y proporcione más información sobre la Regla 50, y su combinación de la Regla 50.1 y la Regla 50.2.

Finalmente, y si bien se ratificó la vigencia de la Norma, se advirtió una cierta inquietud para lograr alguna flexibilización en su aplicación.

Los atletas se expresaron y en consonancia con varias de las manifestaciones públicas en contra de las restricciones. "Es fundamental declarar de forma inequívoca que los derechos humanos no son políticos, y que los llamamientos pacíficos en favor de la equidad y la igualdad no deben confundirse con manifestaciones divisivas", dijo la Directora Ejecutiva del USOPC, Sarah Hirshland.

"Tenemos que decir algo. Si no se dice nada, nada se hará. Nada se arreglará, y nada cambiará. Gwendolyn Berry. Lanzadora de martillo, en los Juegos Panamericanos, Lima 2019.

"El COI no es políticamente neutral", "¿Cómo puede esperar de los atletas algo diferente a lo que espera de sí mismo?" Rob Koehler, Director de Global Athlete.

"Los atletas ya no serán silenciados. El COI y IPC no pueden continuar en el camino punitivo a quienes defienden creencias coincidentes con los objetivos del olimpismo". John Carlos, ex atleta Olímpico

La polémica en torno a la Regla 50.2 no es nueva, Smith y Carlos se transformaron en símbolos de la lucha contra el racismo y los ideales humanos. Desde aquel México 68 a nuestros días, el COI supo resolver conflictos geopolíticos, económicos, de salud; pero los derechos de los atletas aún siguen siendo vulnerados.

LOS JUEGOS DE TOKIO 2020+1

En Tokio 2020+1, la lanzadora americana Raven Saunders que levanto sus brazos en forma de cruz, para visibilizar la cruz de los oprimidos; fue advertida que, por su manifestación en el podio, podría ser sancionada. Finalmente, ante la presión social, y el vacío legal de la Norma, las actuaciones administrativas del COI fueron finalmente archivadas.

La situación de Raven Saunders muestra la tirantez y el desacuerdo entre el Comité Olímpico de Estados Unidos y el COI; para el Comité Olímpico de EEUU hubo falta, pero el COI expresó que "sus manifestaciones la contravienen". La falta de un único criterio no es admisible, y cualquier atleta merece una respuesta coherente y una lógica única. (5)

En la 133ª Sesión del COI se adoptó la "Declaración de Deberes y Responsabilidades de los Atletas", inspirada en la Declaración Universal

de los Derechos Humanos y en otros acuerdos, principios y tratados internacionales de derechos humanos, siendo su objetivo el de orientar las acciones del Movimiento Olímpico, plataforma para el desarrollo de los Derechos Humanos en el deporte. (6)

Paradójicamente, el COI vulnera con el sostenimiento de la Norma 50.2, los derechos humanos básicos: “La libertad de expresión es un derecho habilitado, para facilitar el ejercicio de otros Derechos Humanos. El COI/CPI tiene la obligación adicional de asegurar, a la minoría oprimida de atletas olímpicos, que sus voces sean escuchadas, lo que constituye una gran conquista porque son centro de atención internacional.” Angela Schneider (Canadá), Directora del Centro Internacional de Estudios Olímpicos. (7)

Global Athlete por su parte expresaba; “El podio Olímpico y Paralímpico, es un medio de comunicación con el Mundo, y las limitaciones Olímpicas no pueden resultar una obstrucción contra los Derechos Humanos”.

Estamos asistiendo a una nueva era del activismo olímpico; tanto la protesta social como la justicia expresan deseos y se evidencian a favor de la dignidad humana. El activismo de los atletas se funda en la moralidad y el respeto por los demás, y deberían ser la esencia de la Gestión Deportiva.

Cabe aquí preguntarnos, si “existe un instrumento propio del Derecho Internacional para proteger los derechos económicos del Movimiento Olímpico, ¿por qué no diseñar un similar para proteger los derechos de los deportistas? Prueba de que el propio COI es consciente de que debe disponer de instrumentos para la protección de los atletas, como la crisis de los refugiados, que propició la creación del ‘Equipo de Deportistas Olímpicos Refugiados’ para los Juegos Olímpicos de Río de Janeiro, dando respuesta a una crisis político-social de gran dimensión.” Orfeo Suárez González (8)

CONCLUSIONES

No todos los derechos reclamados por los atletas y sus defensores han sido reconocidos o respetados. En algunos casos, las cuestiones están todavía en proceso de debate; y en otros, si bien ya se ha llegado a un acuerdo, todavía no se ha producido una adopción amplia de los derechos relacionados.

Es necesario establecer que, si bien se cuenta con apoyos jurídicos, el COI es un organismo de gestión deportiva, no es su función “interpretar” los Derechos Humanos, sino por el contrario debe cumplirlos y asegurar que se cumplan con los atletas.

Las modificaciones a la Norma 50.2, significaría dar sentido a las ideas del fundador del Olimpismo moderno y, al mismo tiempo, conjugarlas con los principios de la sociedad, condensados en los Derechos Humanos. El deporte es también un gran conductor de pasiones e identidades, pero no estará completo hasta que no sea también un mentor de Derecho.

CITAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOURDIEU, P., CHAMBOREDON J. C. y PASSERON, J.C. (1998). El oficio del sociólogo. Presupuestos epistemológicos. 20ed. Siglo XXI. México.
2. BOURDIEU, Pierre (2003). Campo de poder, campo intelectual. Itinerario de un concepto. Editorial Cuadrata. Buenos Aires.
3. CARTA OLIMPICA 2020
4. ATHLETE EXPRESSION CONSULTATION, IOC Athlete’s Commission Consultation Report 2020
5. MARK ADAMS, Vocero del COI
6. COI, Declaración de los Derechos y Deberes de los Atletas. 133° Sesión del COI, Buenos Aires 2018
7. SCHNEIDER, A. TOKIO 2020 – SENTIDO DE HUMANIDAD EN DEBATE. Fórum Brasileño de Estudios Olímpicos 2021
8. SUAREZ GONZALEZ, O., La Inmunidad Olímpica La violación de derechos de los deportistas y la propuesta para la creación de un mecanismo jurídico de protección- <http://hdl.handle.net/10803/586254>

IOC RULE 50 AND THE EVOLUTION OF ATHLETES' ACTIVISM IN AMERICA

Yoav Dubinsky

RESUMO: As lutas internas pela justiça social nos Estados Unidos se manifestaram internacionalmente, moldando o Movimento Olímpico à um ponto em que o Comitê Olímpico Internacional (COI) precisava ajustar as suas políticas e a Carta Olímpica para tentar manter o campo de jogo politicamente neutro. A regra 50 da Carta Olímpica estabelece que "Nenhum tipo de manifestação ou propaganda política, religiosa ou racial é permitida em quaisquer locais olímpicos, instalações ou outras áreas". No entanto, muita coisa mudou desde que Tommie Smith e John Carlos foram enviados de volta para a América depois de protestarem contra a injustiça racial nos Estados Unidos durante os Jogos Olímpicos de 1968. A ascensão das recentes ondas de ativismo social na América levou a uma pressão sobre o COI para mostrar mais flexibilidade e permitir uma maior expressão no campo para os atletas. Este capítulo aborda a evolução do ativismo dos atletas na América à luz do artigo 50, incluindo manifestações sociais e políticas nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Tokyo 2020; Justiça Social; Black Lives Matter.

ABSTRACT: Domestic struggles for social justice in the United States have manifested internationally shaping the Olympic Movement to a point where the International Olympic Committee (IOC) need-

ed to adjust its policies and the Olympic Charter to try and keep the playing field politically neutral. Rule 50 of the Olympic Charter states that “No kind of demonstration or political, religious or racial propaganda is permitted in any Olympic sites, venues or other areas”. Yet, much has changed since Tommie Smith and John Carlos were sent back to America after protesting racial injustice in the United States during the 1968 Olympic Games. The rise of recent waves of social activism in America led to pressure on the IOC to show more flexibility and allow more on-field expression for athletes. This chapter discusses the evolution of athletes’ activism in America in-light of Rule 50, including social and political manifestations in the Tokyo 2020 Olympic Games.

KEYWORDS: Tokyo 2020; Social Justice; Black Lives Matter.

In the attempt to keep the playing field and the podium politically neutral, Rule 50 of the Olympic Charter states that “No kind of demonstration or political, religious or racial propaganda is permitted in any Olympic sites, venues or other areas” (International Olympic Committee, 2020, p. 90). Although the Olympic Charter has been introduced in 1908 under the title of *Annuaire du Comité International Olympique* (International Olympic Committee, n.d.), the title Olympic Charter was given only in 1978. The prohibition of any political manifestations was included in the 1975 document of Olympic Rules By-laws and Instructions (International Olympic Committee, 1975), stating: “Every kind of demonstration or propaganda, whether political, religious or racial, in the Olympic areas is forbidden” (p. 35). Although there have been ample political manifestations, such as exclusions of countries after the two World Wars, the International Olympic Committee (IOC) saw a need to formally address the politization of the Olympic Movement in the 1970s.

In 1968, Avery Brundage, the American IOC President, instructed the United States Olympic Committee to sanction Tommie Smith and John Carlos, the winners of the gold and bronze medals in the 200m race, after the two track and field athletes protested against racial injustice in America during the US National Anthem (Cooper, Macaulay, & Rodriguez, 2019). Instead of being celebrated for their achievements, the athletes were sent home, scrutinized, and suffered personal backlash. With over half a century of perspective, Smith and Carlos are the ones who are celebrated as American heroes while Brundage’s lega-

cy is being questioned and criticized (Edwards, 2016). In the heart of San Jose State University there is a giant statue of the athletes protesting, celebrating Smith and Carlos as standing for “justice, dignity, equality, and peace”. In 2019, the United States Olympic and Paralympic Committee, the same organization that sanctioned the athletes in Mexico City, inducted Smith and Carlos to its Hall of Fame.

The USA and American athletes played an important role in the evolution of athletes’ activism and of the Olympic Movement. According to sports sociologist Harry Edwards (2016), the first wave of black athletes’ activism was characterized by American athletes who received recognition abroad but suffered from racism in America in the early twentieth century and until World War II. One of the key athletes in this period was Jesse Owens, who won four gold medals in the 1936 Berlin Olympic Games held under Nazi Germany. The second wave of activism was mostly internally within America, characterized by a process of desegregation of American sports. One of the key athletes in that wave was Jackie Robinson who broke the race barrier in Major League Baseball (Cooper, Macaulay, & Rodriguez, 2019). According to Edwards (2016), Smith and Carlos were among the leaders of the third wave of black athletes’ activism in the United States. The wave was characterized by athletes such as Muhammad Ali, Kareem Abdul Jabar, Bill Russell and of course Smith and Carlos, who were influenced by social movements in the 1960s and 1970s and used their platforms to advocate for social justice in America. These athletes often faced backlash, sanctions, and paid personal price.

Dubinsky (2019) refers to the decades between the end of World War II and the mid-1980s as the Political Era of the Olympic Movement. After the war, the IOC became more international, the Olympic Games were held in more continents, television broadcasting gradually developed, and more countries, communities, athletes, and different pressure groups saw value in using the Games to try to achieve political goals. The Black Power Salute in Mexico City 1968, the Munich Massacre – the terror attack during the 1972 Olympic Games in Munich in which Palestinian terrorists kidnapped and murdered 11 Israeli athletes’ coaches and referees, the mass African boycott of the 1976 Olympic Games in Montreal, the American-led boycott of Moscow 1980 and the retaliation of the Soviet Union and its allies of boycotting Los Angeles 1984, were prime examples of how politics at times overshadowed the competitions. Despite the political turmoil, the USA gradually became the most influential force in what once was a Eu-

ropean-led movement. Leading 60 countries to boycott Olympics for a political reason did not result expelling the USA from the Olympic Movement, but with granting the American to host the 1984 in an unprecedented way, by funding the events through private sponsorships. Such a change led to the creation of the IOC TOP Program, a rise in television rights, and the abolishment of amateurism. By the end of the millennium, and especially after the end of the Cold War, American capitalism and American values shaped the Olympic Movement.

Domestically in the USA, the 1980s, 1990s, and early 2000s, were characterized by a decline in athletes-activism and a perception of a post-racial America (Edwards 2016). Since the last decade though, a fourth wave of activism emerged, with some of the most influential athletes using their influence and platforms to protest police brutality against African Americans. What started as domestic protests by LeBron James, Colin Kaepernick, and dozens of other American athletes during national competitions in the United States along with the Black Lives Matter movement, quickly manifested as well on the international stage (Edwards 2016; Cooper, Macaulay, & Rodriguez, 2019). When Megan Rapinoe started to take a knee during the national anthem in an international game of the United States Women's National Team (USWNT), she was instructed by U.S. Soccer to stop. Fencer Race Imboden and hammer-thrower Gwen Berry protested on the podium during the American anthem after winning medals in the Pan-American Games. They were officially reprimanded by the United States Olympic and Paralympic Committee (USOPC) (Dubinsky, 2021). American athletes were among the leaders of the social demonstration in the spring of 2020, following the murder of George Floyd and other racially and socially driven events. Demonstrations that transcended sports, races, and geographic boundaries. Edwards and other critical scholars classified the events as a "fifth wave" of black athletes' activism (Rose, 2020; Williams, 2021). Organizations such as the NFL, US Soccer, and the USOPC, have officially apologized for past behaviors and changed their policies, now supporting their athletes' freedom of speech (Dubinsky, 2021).

Following the global wave of social justice and prior to the 2020 Tokyo Olympic Games, the IOC Executive Board approved extended opportunities for athlete expression based on the recommendations of the IOC's Athletes Commission. According to the IOC's new guidelines of Rule 50.2:

"During the Olympic Games, athletes also have the opportunity to express their views, including:

- In the mixed zones, including when speaking to the media
- In the International Broadcasting Centre (IBC) or the Main Media Centre (MMC), including when speaking to the media
- During press conferences in the venue or in the MMC
- During interviews
- At team meetings
- In traditional media or digital media
- Through social media channels
- On the field of play prior to the start of the competition (i.e. after leaving the “call room” (or similar area) or during the introduction of the individual athlete or team) provided that the expression (for example, gesture) is:
 - I. consistent with the Fundamental Principles of Olympism;
 - II. not targeted, directly or indirectly, against people, countries, organisations and/or their dignity;
 - III. not disruptive (by way of example only, the following expressions are considered disruptive: expressions during another athlete’s or team’s national anthem and/or introduction, as this may interfere with such other athlete’s or team’s concentration on and/or preparation for the competition; physical interference with the introduction of another athlete or team or the protocol itself (for example by unfurling a flag, a banner etc.); causing (or assuming the risk of causing) physical harm to persons or property, etc.); and
 - IV. not prohibited or otherwise limited by the rules of the relevant National Olympic Committee (NOC) and/or the competition regulations of the relevant International Federation (IF).” (International Olympic Committee, 2021).

The extension of Rule 50 resulted with several types of protests during the postponed Tokyo 2020 Olympic Games. Several athletes, including players from the USWNT, took a knee before the start of each competition (Wharton, 2021). Perhaps the bluntest protest was by America shot putter Raven Saunders who signaled an X on the podium after winning a silver medal, a gesture representing “the intersection of where all people who are oppressed meet” (Wharton, 2021).

Although it was not a political protest, the focus on social activism and the role of the athlete as a social leader also manifested through American gymnast Simone Biles, a survivor of the sexual abuse scandal in USA Gymnastics. A scandal that received local, national, and international publicity after top athletes such as former Olympic champion McKayla Maroney openly discussed the abuse on social media, using the hashtag #MeToo (Dubinsky, 2021). Biles withdrew from several events during the Tokyo 2020 Olympic Games, emphasizing the need to prioritize and protect athletes' mental health (Abdul-Jabbar, 2021). Basketball Hall of Famer Kareem Abdul-Jabbar, one of the main voices of the third wave of athletes' activism who decided not to join the American delegation for the 1968 Olympic Games and later received the Presidential Medal of Freedom, reflected on the different social and political manifestations in Japan, writing:

The Olympics are always evolving, just like the rest of society. Athletes continue to break records, to elevate the capabilities of the human body. But what's the point of developing the body without also developing our conscience? Tokyo has shown us evidence of that developing conscience within sports, but it has also exposed areas that still need our attention. (Abdul-Jabbar, 2021)

The events in Tokyo 2020 correlate with some of the trends America is going through, especially as millennials are in leadership positions and Gen Z, as a socially and technologically savvy generation, is shaping consumption trends. The use of social media and the focus on influencers and individual athletes rather than teams or organizations are just some of the characteristics that define the way Gen Z consumes sports (Dees et al., 2022). Corporate America recognized the shift, including Nike focusing a campaign around Kaepernick's activism, or different sponsors pressuring teams, leagues, and sports organizations to change (Dubinsky, 2021). With the IOC desperately trying to target the youth, with millennials becoming more influential and Gen Z athletes becoming more popular, with the Olympic Games coming to Los Angeles for the third time in 2028, with the growing power of athletes' voices in the USA, and with the fear of being on the wrong side of history, IOC's Rule 50 is bound to continue to be challenged.

REFERENCES

Abdul-Jabbar, K. (August 8, 2021). Kareem Abdul-Jabbar: What I learned Watching the Tokyo

Games. The Hollywood Reporter. Retrieved from <https://www.hollywoodreporter.com/tv/tv-news/kareem-abdul-jabbar-olympics-lessons-1234994649/>

Cooper, J., Macaulay, C., & Rodriguez, H. S. (2019). Race and resistance: A typology of African

America sport activism. *International Review of the Sociology of Sport*, 54(2), 151-181. <https://doi.org/10.1177/1012690217718170>

Dees, W., Walsh, P. McEvoy, C., & McKelvey, S. (2022). *Sport Marketing* (5th Edition).

Champaign, IL: Human Kinetics.

Dubinsky, Y. (2021). Country image and political satire in sport management: Analyzing

America through sports in South Park. *Sport in Society*. 1-23. <https://doi.org/10.1080/17430437.2021.1980781>

Dubinsky, Y. (2019). Analyzing the Roles of Country Image, Nation Branding, and Public

Diplomacy through the Evolution of the Modern Olympic Movement. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*, 84(1), 27-40. doi: 10.2478/pcssr-2019-0024

Edwards, H. (2016). 4th Wave of Black Athletes in Political Protest – Keynote Lecture. North

American Society for the Sociology of Sport 2016 Conference, Tampa, FL. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=Oimoyyx-0HpE>

International Olympic Committee. (n.d.). Olympic Charter. Retrieved from <https://olympics.com/ioc/olympic-charter>

International Olympic Committee. (1975). Olympic Rules 1975 (Provisional Edition). Comité International Olympique; Lausanne. Retrieved from: <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Olympic-Studies-Centre/List-of-Resources/Official-Publications/Olympic-Charters/EN-1975-Olympic-Charter-Olympic-Rules.pdf>

International Olympic Committee. (2020). Olympic Charter. International Olympic Committee;

Lausanne, Switzerland. Retrieved from: <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/EN-Olympic-Charter.pdf>

International Olympic Committee. (July 2, 2021). IOC extends opportunities for athlete expression during the Olympic Games Tokyo 2020. Olympics. Retrieved from <https://olympics.com/ioc/news/ioc-extends-opportunities-for-athlete-expression-during-the-olympic-games-tokyo-2020>

Rose, A. (June 18, 2020). "Coming back is problematic" — Dr. Harry Edwards on sports returning. SI. Retrieved from <https://www.si.com/nba/raptors/news/harry-edwards-nba-coronavirus>

Williams, L. A. (2021). The Heritage Strikes Back: Athlete Activism, Black Lives Matter, and the Iconic Fifth Wave of Activism in the (W) NBA Bubble. *Cultural Studies - Critical Methodologies*. <https://doi.org/10.1177/15327086211049718>

Wharton, D. (August 7, 2021). Despite the IOC's fears, the Tokyo Olympics didn't become the Protest Games. *Los Angeles Times*. Retrieved from <https://www.latimes.com/sports/olympics/story/2021-08-07/ioc-fears-tokyo-olympics-athletes-protests>

THE ATHLETES' VOICE AND AN 'ETHICS OF CARE': HUMAN DIGNITY AND DOPING IN SPORT

Angela J. Schneider

RESUMO: Os atletas merecem uma palavra no esporte porque são uma parte fundamental do esporte. Cada decisão do COI ou das federações esportivas afetam diretamente os atletas. Parece difícil ser ao mesmo tempo um competidor olímpico e um crítico informado sobre as instituições esportivas nacionais, uma vez que os atletas mais honestos precisam ser selecionados pelas instituições que eles próprios criticam. Embora a literatura "Ética do Cuidado" e a polarização de gênero não sejam uma parte dominante das teorias atuais, pois é uma teoria mais antiga, elas são úteis para uma análise da voz dos atletas nos escândalos de doping. A culpa por testes positivos de doping foi muitas vezes mal direcionada. Os atletas foram responsabilizados e punidos pelo uso de substâncias de aumento de desempenho, mesmo que fizessem parte de um sistema que tornava o doping uma exigência para sua participação nos Jogos Olímpicos.

PALAVRAS-CHAVE: Dignidade Humana; Doping; Ética do Cuidado.

ABSTRACT: Athletes deserve a say in sport, because they are a fundamental part of sport; every decision of the IOC or sport federations

affect athletes directly. It does seem hard to be both an Olympic competitor and an informed critic of national sport institutions since the most outspoken athletes need to be selected by the institutions they criticize. Although the 'Ethics of Care' literature and gender polarization is not a dominant part of current theories as it is an older theory, it is useful for an analysis of the athletes' voice in the doping scandals. The blame for positive doping tests was often misdirected. Athletes were blamed and punished for their use of performance enhancement substances even if they were part of a system that made doping a requirement for their participation at the Olympic Games.

KEYWORDS: Human Dignity; Doping; Ethics of Care.

INTERNATIONAL COLLABORATION AND HARMONY BETWEEN NATIONS

It can be argued that throughout this discourse on universal international cooperation, discussions about athletes' experiences are lacking (with the notable exception of the Russian 2016 athlete whistleblowers). Athletes' experiences were not ignored but were never truly prioritized - the personalities or athletes' personal feelings. Officials were notably expressing their concerns for athletes during doping scandals by insisting on the Olympic ideals, without directly asking the athletes 'how do you feel?' or 'what do you need?'

THE FEMINIST THEORY AND ETHICS OF CARE

Carol Gilligan's 1982 work 'In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development,'¹ that revolutionized social scientific theorizing about women and making their voices heard with their own integrity, in their own right. Gilligan argued that women were systematically misunderstood and that their motives, commitments and special view of what is important reshapes our understanding of not only female experience, but male experience too.

What follows is summary of the 'ethics of care' perspective and then the application of it to the voices of women athletes responding to the Russian doping scandal, These women athletes seemed to rep-

resent a way of thinking that may fall in line with the ethics of care –prioritizing caring for athletes, rather than some ‘objective’ form of justice, and making moral decisions in a way that was counter to that was expected of them and that came from the sport system.

- i. *Women and men judge differently.* Rachels adds: ‘women’s way of thinking is not inferior to men’s [...] On the contrary, female ways of thinking yield insights that have been missed in male-dominated areas’². This idea that the feminine ‘way of thinking’ is not inferior but complementary
- ii. *Women tend to care more – the ‘feminine’ tends to care more.* Noddings defined the caring attitude, characteristic of most women, by affirming that it has two essential feelings. The first one is the sentiment of natural caring, an instinctive desire to help others. The second one is the remembrance, the ‘memory of our own best moments of caring and being cared for.
- iii. *Women are made to feel inferior in ethics, perhaps to an objectifying level.* In morality and ethical education, women cross obstacles to expression, are not respected for their moral beliefs, and feel inferior to men when suggesting ‘caring’ resolutions to dilemmas.

CARING FOR AND LISTENING TO ATHLETES

The discourse they generally supported has fallen under the dominant reactive stream, possesses the notion of care at its core and could be named *the discourse of care for athletes*. It revolves around the theoretical nuances of the Ethics of Care, where women lean toward the *caring attitude* and assess moral dilemmas as ‘*concrete human problems to be lived*’ or ‘*in terms of concrete situations*’³, based on feelings and personal responsibilities toward others. It considers relationships among persons, the question ‘what does this person feel?’ or, in this case, ‘what do athletes feel?’

COMPLEMENTARY OF DISCOURSES AND MISSING VARIABLES

On discourses being complementary

Experiences were not ignored in the procedural approach but it never prioritized athletes' feelings. The more impartial reactions were necessary to report, prove findings and bring corrupted sport institutions to justice. However, the caring approach was necessary to build relationships with victims. The two approaches were necessary and coexisted.

On missing Voices and Information

Feminist theory brings new ideas in the debate on doping in sport; there is an opportunity to find new voices and information in the discourse for athletes' care. For example, athletes who tested positive during the 2016 re-tests, if directly asked about their needs, have the potential to bring original information. With more of their own words, new solutions may be proposed, new sides of events observed.

Elected officials may have cared for athletes, but did in a different way, speaking in the impartial language of sport law, without directly asking 'how do you feel about...' to the individuals. Surely, it is a possibility that, without directly asking them, they truly cared.

If this is the case, in certain situations, it must also be true that cheating or cheated athletes are denied opportunities to express themselves to sport organizations, that some had a dismissive attitude or obstructed some subjects' freedom of speech. From an analytical perspective, the neglect of athletes' testimonies is a refusal of valuable empirical facts, variables to understand 'what athletes want' and the responsibility of institutions.

In it, the arguments, as much as they belong to the universal cooperation discourse, misses both new variables about the experiences of athletes and opportunities to broaden the doping in sport debate.

A solution to this Burden

The initial reactions from whistle-blowers are the easiest to interpret and should be valued as a form of philosophical certitude. They prove that some Russian athletes felt coerced to dope by diverse pressures and had a poignant feeling of injustice, explaining their initial reaction to speak-out. These athletes' feelings are the closest thing we have to certitude, a fundamental truth, in discussions about the 2016 doping scandal and this article dares to say that it has more value than some objective explanations.

The most important interviews are the Klokov Interviews, because they gave weightlifters an opportunity to express their own concerns on their Russian federation, suspicious qualifying system for the Games⁴, new national coach selected by the Ministry of Sport⁵ and national team's pharmaceutical prescriptions⁶. It is said, for example, that athletes were not properly informed on the selection process for the 2008 Olympic Games, a valuable and overlooked piece of information. In short, The Klokov interviews constitutes a multitude of testimonies that adds more empirical evidence to analysis than some 'objective' explanation and nuances Russia's reaction to the scandal, an unconceivable generalization of the nation's many reactions and debates. For these reasons, the initial reactions of whistle-blowers and testimonies of penalized athletes should be valued highly in research.

ESPORTE E VALORES
SPORT AND VALUES
DEPORTE Y VALORES

ESPORTE E VALORES

Ana Miragaya
Lamartine DaCosta

RESUMO: O objetivo desta avaliação analítica é discutir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas da Agenda 2030, sob uma perspectiva esportiva, incluindo a questão dos valores, em particular. Foca-se no sentido da dignidade humana, que representa a base não só das reflexões citadas, mas também das práticas esportivas, incluindo atividades físicas e exercícios, tendo valores como referências. Levando em conta os valores do esporte e os valores no esporte, especialmente iluminados pelo olimpismo, e ao abordar os ODS com seus fundamentos, é possível criar um poderoso apoio às mudanças, considerando problemas de alta sensibilidade que nem sempre são acessíveis a acordos entre as partes. Tendo em vista as lições do mundo olímpico do passado e as práticas esportivas atuais com seus valores intervenientes, é possível identificar alguma base para levar em conta os debates atuais sobre a dignidade humana, ainda hoje tão afetados.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes; Valores; ODS.

ABSTRACT: The objective of this analytical appraisal is to discuss the United Nations Sustainable Development Goals (SDGs) of the 2030 Agenda, from a sports perspective, including the issue of values, in particular. It focuses on the sense of human dignity, which represents the basis not only of the reflections cited, but also of sports practices, including physical activities and exercises, having values as references. By taking into account the values of sport and the values in sport, especially illuminated by Olympism, and by addressing the SDGs with their foundations, it is possible to create a powerful support for changes, considering high-sensitivity problems that are not always accessible to agreements between parties. In view of the lessons of the past

Olympic world and the current sports practices with their intervening values, it is possible to identify some basis to take into account in the current debates on human dignity, still so affected today.

KEYWORDS: Sports; Values; ODS.

A “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, lançada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, inclui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, constituindo um plano geral de referências para seus 193 países-membros assim criarem soluções às questões socioambientais e econômicas até 2030. O alcance desses objetivos passou a ter protagonismo fundamental no planejamento das instituições e organizações em muitos países. Eles se tornaram desafios para o término dos maiores problemas que a humanidade tem enfrentado, como a fome, a pobreza e a desigualdade social, assegurando a todos a dignidade humana, contra toda e qualquer discriminação e tratamento degradante.

Assim disposto, pretendemos na presente apreciação analítica discutir os ODS segundo a abordagem do esporte e nesta, a questão dos valores em particular. Trata-se, portanto, de uma escolha ligada à Exposição Virtual “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana”, que teve lugar em agosto de 2021, durante os Jogos Olímpicos de Tóquio na Plataforma do eMuseu do Esporte. E para tal propósito manteremos como foco o sentido de dignidade humana, fulcro tanto das reflexões citadas como também das práticas esportivas quando referenciadas a valores.

Em termos de ODS, objetivo ora em proposição, concerne em nossa análise a meta 3.4, i. e. “Até 2030, reduzir em um terço a mortalidade prematura por doenças não transmissíveis por meio de prevenção e tratamento, e promover a saúde mental e o bem-estar”. Este dispositivo em nossas perspectivas não se refere somente à “atividade competitiva institucionalizada, realizada conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades esportivas, determinada por regras preestabelecidas que lhe dão forma, significado e identidade” (CONFED, 2002), ele também se refere à atividade física e ao exercício físico. A definição do CONFED (2002) para atividade física como “todo movimento corporal voluntário humano que resulta num gasto energético acima dos níveis de repouso, caracterizado pela atividade do cotidiano e pelos exercícios físicos” já inclui os exercícios, cuja

definição mais precisa se refere a uma “sequência sistematizada de movimentos de diferentes segmentos corporais, executados de forma planejada segundo um determinado objetivo a atingir” (CONFEEF, 2002). Assim sendo, conclui-se que a atividade física é a base do exercício físico que é a base do esporte. O movimento humano é essencial à saúde e à vida humana, pois sem saúde a vida humana não é sustentável. A saúde, portanto, é um valor essencial à vida humana de forma explícita e amplamente reconhecido, estando diretamente ligada à dignidade humana.

Corroborando com a Agenda 2030, a declaração da UNESCO, em sua Carta Internacional da Educação Física, Atividade Física e Esporte, publicada em 1978 e revisada em 2015, enfatiza que o acesso ao esporte, à educação física e à atividade física é um direito fundamental de todos. Neste caso, o direito traz a compreensão da dignidade entre humanos numa primeira instância de revelação. Todavia, conforme o documento, a prática do exercício, da educação física e do esporte repercute em diversos valores e benefícios para a sociedade de uma forma geral, como o bem-estar, a saúde, a capacidade de se melhorar a resistência, a força, a flexibilidade, a coordenação e o equilíbrio. Ou seja, há em tese uma relação implícita entre a salvaguarda da dignidade e a preservação de valores cultivados pelos esportistas.

Além disso, a prática de esporte contribui para a melhora da autoestima e da autoconfiança, diminuindo o estresse, a ansiedade e a depressão, aumentando a função cognitiva, e desenvolvendo uma ampla gama de habilidades e atributos tais como cooperação, comunicação, liderança, disciplina, trabalho em equipe, que tanto contribuem para a vida de cada um de nós. O documento ainda aponta que um estilo de vida ativo ajuda a prevenir doenças cardiovasculares, diabetes, câncer, obesidade, e reduz a morte prematura. Além de reduzir custos relacionados à saúde, a prática esportiva aumenta a produtividade e fortalece o engajamento social (UNESCO, 2015). Em suma, uma vida saudável sugere ser também digna de ser vivida, um nexos já perceptível aos filósofos da Antiguidade.

Dentre os muitos valores e benefícios que a prática esportiva traz à saúde, é importante observar que o documento da UNESCO menciona em seu artigo 11 a realização dos objetivos de desenvolvimento, de paz, pós conflito e pós-desastre, sendo que essa última expressão pode ser aplicada à atual situação de pandemia, que coloca a saúde e a sustentabilidade em risco. O esporte, a prática de ativi-

dade física sistemática e seus valores têm muito a contribuir para a situação hoje vivenciada pela humanidade, daí sua relação mais uma vez sugerida como um dos suportes da dignidade entre pessoas e grupos sociais.

A pandemia de COVID-19, que assola e assombra o mundo desde fevereiro de 2020, tem exposto com maior evidência as fragilidades estruturais das sociedades e ampliado seus problemas relacionados à sustentabilidade, elevando a intensidade e a quantidade de desafios, que precisam ser vencidos por todos. A Agenda 2030 da ONU é, mais que tudo, é o caminho a ser seguido, pois se trata de um plano de ação para toda a humanidade, plano esse que foi coletivamente desenvolvido para colocar o mundo numa rota mais sustentável e resiliente até 2030. Portanto e também em tese, sustentabilidade e resiliência estão se tornando sinônimos da dignidade humana em situações extremas.

Para isso, vários passos já foram dados, inclusive no Brasil. A prática de atividade física sistemática e do esporte tem sido alçada a uma categoria superior ao longo de 2020 e 2021, através da aprovação de Projetos de Lei nos níveis federal, estadual e municipal, reconhecendo a essencialidade da atividade física (CONFEEF, 2021). Nesse período, houve também o desenvolvimento de pesquisas relacionando a prática de esportes e de atividades físicas com a imunidade e o combate ao novo coronavírus assim como a publicação de documentos como o Guia de Atividade Física para a População Brasileira, publicado pelo Ministério da Saúde (2021), e o Manifesto da Atividade Física no Pós Covid: uma chamada para a ação (CELAFISCS, 2020), enfatizando a saúde e colocando em prática os princípios e valores que fazem parte da Agenda 2030.

Ao adotarem a Agenda 2030, os Estados-membros da ONU se comprometeram a tomar medidas ousadas e transformadoras para promover o desenvolvimento sustentável nos anos subsequentes sem deixar ninguém para trás. Governos, sociedade, empresas, academia, organizações não governamentais e instituições de uma forma geral devem buscar fortalecer a paz universal e promover sustentabilidade, dignidade e prosperidade a cada pessoa devemos nos engajar e trabalhar nesse sentido.

Nesse contexto, o desenvolvimento sustentável e a dignidade humana são prioridades também para o Comitê Olímpico Internacional, e

fazem parte da Carta Olímpica e da Agenda Olímpica 2020+5. A Carta Olímpica, revisada em 2020, como instrumento básico de natureza constitucional, se apoia nos Princípios Fundamentais e os valores essenciais do Olimpismo, que é uma filosofia de vida que procura criar um caminho de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo, na responsabilidade social e respeito pelos princípios éticos fundamentais e universais. O objetivo do Olimpismo é colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade, para promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana. Por sua vez, a Agenda Olímpica 2020+5 reforça 15 recomendações, que incluem principalmente o desenvolvimento sustentável e a solidariedade. O esporte tem sido reconhecido como facilitador essencial para o desenvolvimento sustentável e, por isso, tem chances de fazer diferença contribuindo justamente para os ODS. Por seu lado, a solidariedade vinda do esporte pode contribuir para enfrentar os desafios impostos à união dos povos e à paz, em mobilização para que a sociedade se torne mais inclusiva e solidária, promovendo muitos valores, como, por exemplo, a saúde com base na prática da atividade física e do esporte.

A afirmação do Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, em abril de 2014: “Os Princípios Olímpicos são os Princípios das Nações Unidas” (*Memorandum of Understanding between the IOC and the UN, April 2014*) atestam que essas duas organizações compartilham dos mesmos princípios e valores.

Objetivos como a redução das desigualdades, a igualdade de gênero, a boa saúde e o bem-estar, a prática da paz e a eficácia das instituições fazem parte de princípios estampados na Agenda Olímpica 2020, que se permeia também de valores. Abordam-se, portanto, tanto princípios como valores, sendo os primeiros operacionais das ações e os segundos comportamentais dos agentes de mudança. Esta bivalência princípios-valores é um dos principais legados de Pierre Frédy, o barão de Coubertin, educador francês, que fundou o Comitê Olímpico Internacional - COI e instituiu os Jogos Olímpicos da era moderna ao final do século XIX.

Coubertin deu vida ao que se conhece hoje como Olimpismo, ou seja, filosofia de vida baseada em valores universais, como lealdade, dever, respeito, honra, integridade, coragem, honestidade, que contribui enormemente para as características desejáveis no ser humano, através do esporte. Mas a promoção prática do Olimpismo tem

ocorrido por princípios gerenciais e institucionais dos entes esportivos, dispondo-se assim que o COI tenha se desenvolvido sem confrontos com a diversidade cultural e religiosa dos países filiados.

Dessa forma, o esporte como líder carreador de princípios e valores muito pode contribuir para que se atinjam os objetivos propostos pela Agenda 2030, na medida em que opere com valores típicos do Olimpismo como solidariedade, amizade, respeito mútuo, superação, coragem, excelência e determinação, seguindo igualmente princípios ambientais, sociais e econômicos, estes, todavia dependentes de acordos entre partes, principalmente em outras entidades internacionais.

Em conclusão, ao levarmos em consideração os valores do e no esporte, sobretudo iluminados pelo Olimpismo, e ao abordarmos os ODS com seus fundamentos, criamos um poderoso suporte para mudanças cogitando-se de problemas de alta sensibilidade nem sempre acessíveis a acordos entre partes. Ou seja: tendo em vista as lições do mundo olímpico no passado e as atuais das práticas esportivas com seus valores intervenientes, há uma base a levar em conta nos debates correntes sobre a dignidade humana, ainda tão comprometida nos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Guia de Atividade Física para a População Brasileira. Brasília, 2021. Disponível em [guia_atividade_fisica_populacao_brasileira.pdf](https://www.saude.gov.br/images/stories/pdf/guia_atividade_fisica_populacao_brasileira.pdf) (saude.gov.br) Acesso em: 20 set. 2021.

CENTRO DE ESTUDOS DO LABORATÓRIO DE APTIDÃO FÍSICA DE SÃO CAETANO DO SUL. Manifesto Internacional para a Promoção da Atividade Física no Pós-COVID-19: Urgência de uma Chamada para a Ação. São Caetano do Sul, 2020. Disponível em [Manifesto da Atividade Física no Pós Covid: uma chamada para a ação | Manifesto to Promote Physical Activity Post-COVID-19 | Manifiesto para la Promoción de la Actividad Física en el Post-COVID-19 | CELAFISCS](#) Acesso em: 20 set. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Resolução CONFED nº 046/2002. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em www.confef.org.br. Acesso em: 4 ago. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Leis reconhecem a essencialidade da atividade física. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em www.confef.com/472 . Acesso em: 24 set. 2021.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Charter. Lausanne, 2020. Disponível em www.olympic.org. Acesso em: 1 ago. 2021.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Agenda 2020+5. Lausanne, 2021. Disponível em www.olympic.org. Acesso em: 1 ago. 2021.

UNITED NATIONS. Transforming our World: The 2030 Agenda for Sustainable Development. New York, 2015. Disponível em www.sustainabledevelopment.un.org . Acesso em: 1 ago. 2021.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. International Charter of Physical Education, Physical Activity and Sport. Paris, 2015. Disponível em [International Charter of Physical Education, Physical Activity and Sport \(unesco.org\)](http://unesco.org) Acesso em: 20 set. 2021.

VALORES NO ESPORTE

Fernando Fontoura

RESUMO: A questão sobre *valores* é fundamental na pedagogia moral de Pierre de Coubertin e em seu Olimpismo. Dentro de uma perspectiva filosófica sobre os valores, tentamos delinear de forma muito geral e abrangente essa questão tão crucial em sua proposta de um aperfeiçoamento moral para o indivíduo através do esporte. O que são *valores*, quais as perspectivas básicas sobre eles e como podemos compreendê-los dentro de uma perspectiva ética que tenha o caráter de formação do caráter da qual o Olimpismo propõe? Serão questões iniciais para uma também incipiente pesquisa sobre tão ampla questão tanto na filosofia quanto na proposta educacional-ética de Coubertin. A proposta é delinear de forma geral essas questões para futuras pesquisas e discussões sobre este tema.

PALAVRAS-CHAVE: Coubertin; Olimpismo; Valores.

ABSTRACT: The question of values is fundamental in Pierre de Coubertin's moral pedagogy and his Olympism. Within a philosophical perspective on values, we tried to outline in a very general and comprehensive way this very crucial issue in its proposal of a moral improvement for the individual through sport. What are values, what are the basic perspectives about them and how can we understand them within an ethical perspective that has the aim of formation of character proposed by Olympism? These will be initial questions for equally incipient research on such a broad issue both in philosophy and in Coubertin's educational-ethical proposal. The proposal is to outline these issues in general for future research and discussions on this topic.

KEYWORDS: Coubertin; Olympism; Values.

No diálogo de Platão *Eutífron* em E 10 está, “Aquilo que é sagrado é amado pelos deuses porque é sagrado ou é sagrado porque é amado pelos deuses?” (Platão, 1914, *Eutífron*, B-C-D). Em uma analogia podemos perguntar “Aquilo que é moral (correto/bom/justo) é amado pelos deuses porque é moral ou é moral por que é amado pelos deuses”? Dependendo da resposta que dermos teremos duas perspectivas diferentes sobre como percebemos a questão moral sobre valores. Se respondermos que o que é moral assim o é porque é amado pelos deuses, colocamos os deuses como padrão absoluto do que é moral; se respondermos que os deuses amam o que é moral por ser moral, destacamos dos deuses o padrão ou referência daquilo que é moral. Neste sentido, o padrão pode ser as relações humanas enquanto humanas, a natureza humana, a sociedade, o tempo histórico, entre outros. Ao darmos respostas diferentes à pergunta de Sócrates no diálogo acima, teremos, minimamente, duas maneiras de considerar o padrão ou referência daquilo que é um valor. E é isso o que nos interessa aqui nesta pequena introdução sobre o tema.

E quando falamos de *valores* é onde se dá a possibilidade da discordância. Mas de que conteúdo falamos quando há possibilidade de discordância sobre *valores*? Diz Sócrates no mesmo diálogo,

Mas sobre o que é a discordância, que causa inimizade e raiva? Vamos olhar dessa maneira. Se você e eu discordássemos sobre o número, por exemplo, qual dos dois números era o maior, a discordância sobre essas questões nos tornaria inimigos e nos irritaria uns com os outros, ou não deveríamos resolver isso rapidamente recorrendo à aritmética? [...] Então, também, se discordássemos sobre o tamanho relativo das coisas, deveríamos rapidamente acabar com a discordância medindo? – Sim. – [...] Não se trata do certo e errado, o nobre e vergonhoso, o bom e mau? Não são essas as questões sobre as quais você e eu e outras pessoas nos tornamos inimigos, quando nós nos tornamos inimigos, porque divergimos sobre elas e não podemos chegar a um acordo satisfatório? (Platão, 1914, *Eutífron*, B-C-D³)

Portanto, a questão sobre valores está inserida dentro da questão sobre a ética ou moral⁴ e falar de um é mencionar, mesmo que implicitamente, o outro.

A pedagogia moral de Pierre de Coubertin é uma filosofia da educação apoiada ou teleologicamente⁵ orientada para valores. Mas então fica a primeira pergunta: o que são valores? Infelizmente, não temos espaço aqui para averiguar a resposta a essa pergunta abrangente, podemos apenas indicar uma resposta ampla: valor é tudo aquilo que queremos conquistar, manter ou efetivar. Mas tentaremos dar algumas indicações de caminhos a serem percorridos.

Nossa perspectiva aqui é filosófica, portanto, iniciaremos a visada sobre *valores* em dicionários de filosofia⁶. No *Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon* está a palavra grega *aksia* (ἀξία) que representa *valor* no geral, uma estimativa do *valor* de uma coisa, opinião. Aqui podemos ter sentido de *valor de uso* ou *valor de troca*, como um martelo ou o dinheiro, respectivamente. A respeito de pessoas representa reputação, dignidade. No Abbagnano diz que valor é o que deve ser objeto de preferência ou escolha. Sobre os valores não de uso ou de troca, mas aqueles vinculados aos seres humanos ou tendo eles – os seres humanos – como fonte de valor, ou ainda valores transcendentais ao ser humano e ao seu mundo, também se considera o *valor em si* ou *intrínseco*, que faz a contraposição ao *valor instrumental* ou *extrínseco*. Neste sentido, o que tem valor em si ou intrínseco diz-se que tem *valor objetivo* ou *metafísico* pois atribui ao valor um status que independe completamente das suas relações com o homem e de sua subjetividade. Aquilo que tem valor subjetivo é relativo, ou seja, o modo de ser do valor está em estreita relação com o homem ou com as atividades humanas, não sendo, portanto, objetivo. A respeito dos valores subjetivos ou relativos, eles nascem e morrem na história e não subsistem fora dela nem acima de seu curso. Neste sentido, não existem valores absolutos. Valores são só aqueles que, em determinadas condições, os homens reconhecem como tais.

Dada essa divisão básica sobre valores, - *objetivos e relativos* ou *intrínsecos e extrínsecos* -, podemos tentar a começar a refletir sobre valores e sua função em nossas vidas. A axiologia, isto é, o estudo sobre valores, pode ser considerada basicamente preocupada em classificar ou avaliar o que é bom e o quão bom é e o que é mau ou quão mau é.

“O prazer é bom/mau”; “Seria bom/ruim se você fizesse isso”; “É bom/ruim para ele conversar com ela”; “Muito colesterol faz bem/faz mal à saúde”; “Essa é uma faca boa/ruim”; “Jack é um ladrão bom/mau”; “Ele é um ho-

mem bom/mau”; “É bom/ruim que você veio”; “Seria melhor/pior se você não fizesse”; “Alface é melhor/pior para você do que Oreos”; “Meu novo abridor de latas é melhor/pior que o antigo”; “Mack é um ladrão melhor/pior que Jack”; “É melhor/pior acabar agora do que sermos apanhados mais tarde”; “Melhor/pior de tudo, seria se eles ganhassem a World Series e mantivessem todos os seus jogadores para o próximo ano”; “O aipo é o melhor/o pior para a sua saúde”; “Mack é o melhor/pior ladrão que existe” (SCHROEDER, 2021, p. 2).

Nesta concepção geral de valor mencionada nesta citação acima, ele acaba sendo uma estimativa a partir do ser humano e suas relações. De uma forma mais específica acaba sendo um padrão de valorização das atitudes humanas e ainda, mais especificamente, da personalidade moral dos indivíduos. É justamente aí que ele é uma questão ética, do caráter, portanto, relacionado a uma ética das virtudes. Uma ética das virtudes tem uma relação estreita com o conceito de valor e é em função ou objetivando estabelecer, reconhecer ou efetivar valores que uma ética das virtudes se estabelece. A questão em aberto é qual é o padrão para estabelecer o que é um valor ou um des-valor. As éticas antigas terão várias respostas para essa questão dependendo da escola filosófica que entrarmos em contato.

Dado esse panorama geral sobre *valores*, qual a relação dele no esporte e, mais especificamente, em Pierre de Coubertin e no Olimpismo?

A pedagogia moral de Coubertin é fundamentada em valores – sendo alguns deles, ou os mais proeminentes o *respeito*, a *amizade* e a *excelência* – e ela tem como fim o aperfeiçoamento moral daquele que pratica o esporte, portanto uma educação em valores no esporte. Qual a relação destes valores com alguma ética é assunto que escrevemos em outro lugar⁷. Dentro de tantas frases ou declarações de Pierre de Coubertin sobre *valores*⁸, citamos esta pela ligação entre valores e o aperfeiçoamento moral que ele propõe no Olimpismo,

O treinamento normal pode ser puramente físico e não desembocar senão na resistência, mas pode também contribuir para o progresso moral graças ao desenvolvimento da vontade, do valor e da confiança em si mesmo, bem como o progresso intelectual graças à criação da calma e da ordem mental (MÜLLER; DÍAZ, 2015, p. 445).

O Olimpismo, enquanto uma pedagogia moral dentro da área da filosofia do esporte, é fundamentalmente uma abordagem ética do aperfeiçoamento moral baseada em valores ou direcionada a eles. Portanto, um estudo mais amplo e ao mesmo tempo mais específico sobre valores dentro do Olimpismo pode ajudar não somente a compreender melhor a ideia ampla de Pierre de Coubertin, mas a direcionar melhor também sua prática nas diversas áreas de atuação do Olimpismo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bossi, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MÜLLER, N.; DÍAZ, D. P. Pierre de Coubertin (1863-1937): Olimpismo -seleção de textos. Trad. Luiz Carlos Bombassaro, Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2015.

MÜLLER, N.; DÍAZ, D. P. Pierre de Coubertin (1863-1937): Olimpismo – selección de textos. Traductores José Antonio Millán Alba, Daniel Poyán Rubow, Comité Internacional de Coubertin: Lausana, 2011.

SCHROEDER, M., "Value Theory", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2021/entries/value-theory/>>.

PLATO. Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus. Trad. Harold North Fowler, London: Harvard University Press, 1914.

The Online Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon em <http://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=1&context=lsj> .

OLYMPIISM AS A WAY OF LIFE AND A COMMON LANGUAGE OF VALUES

Hilla Davidov

RESUMO: Cada pessoa e cada sociedade têm valores em que acreditam. Valores são crenças importantes e duradouras, ou ideais compartilhados pelos membros de uma cultura sobre o que é bom ou ruim e desejável ou indesejável. Valores são a consciência; o farol que nos direciona como nos comportar em diferentes situações. Os três valores do Olimpismo são excelência, amizade e respeito. Constituem a base na qual o Movimento Olímpico constrói suas atividades para promover o esporte, a cultura e a educação com o objetivo de construir um mundo melhor. Eles são identificados pelo Movimento Olímpico como os valores essenciais do Olimpismo. A intenção de Coubertin era criar uma linguagem universal com valores humanistas que seriam compreendidos por todos. Isso permitirá que todos se conectem e entendam que somos uma nação lutando pelo mesmo objetivo para evitar guerras.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Valores Olímpicos; Educação Olímpica.

ABSTRACT: Every person and every society has values that they believe in. Values are Important and lasting beliefs, or ideals shared by the members of a culture about what is good or bad and desirable or undesirable. Values are the conscience; the lighthouse that directs us how to behave in different situations. The three values of Olympism

are excellence, friendship and respect. They constitute the foundation on which the Olympic Movement builds its activities to promote sport, culture and education with a view to building a better world. They are identified by the Olympic Movement as the essential values of Olympism. Coubertin intention was to create a language that would be universal with humanistic values that would be understood by all. This will allow everybody to connect and understand that we are one nation fighting for the same goal to avoid wars.

KEYWORDS: Olympism; Olympic Values; Olympic Education.

PIERRE DE COUBERTIN AND THE EDUCATIONAL VALUES OF SPORT

According to Pierre de Coubertin, the modern Olympic Games (OG) should be more than just an event that takes place every four years. From the first modern OG in 1896 onwards, this international sports meeting should serve as a means to emphasize the educational values of sport around the world. It should be borne in mind that Coubertin viewed the OG as only a framework for promoting the deeper meaning of the Olympic ideas and their educational possibilities (Wassong 2006, 222). Coubertin has seen Olympic sports as an opportunity for self-sufficient independent improvement. He devised educational concept and create teaching resources to serve as models for this purpose (Pierre de Coubertin and Müller 2000, 748).

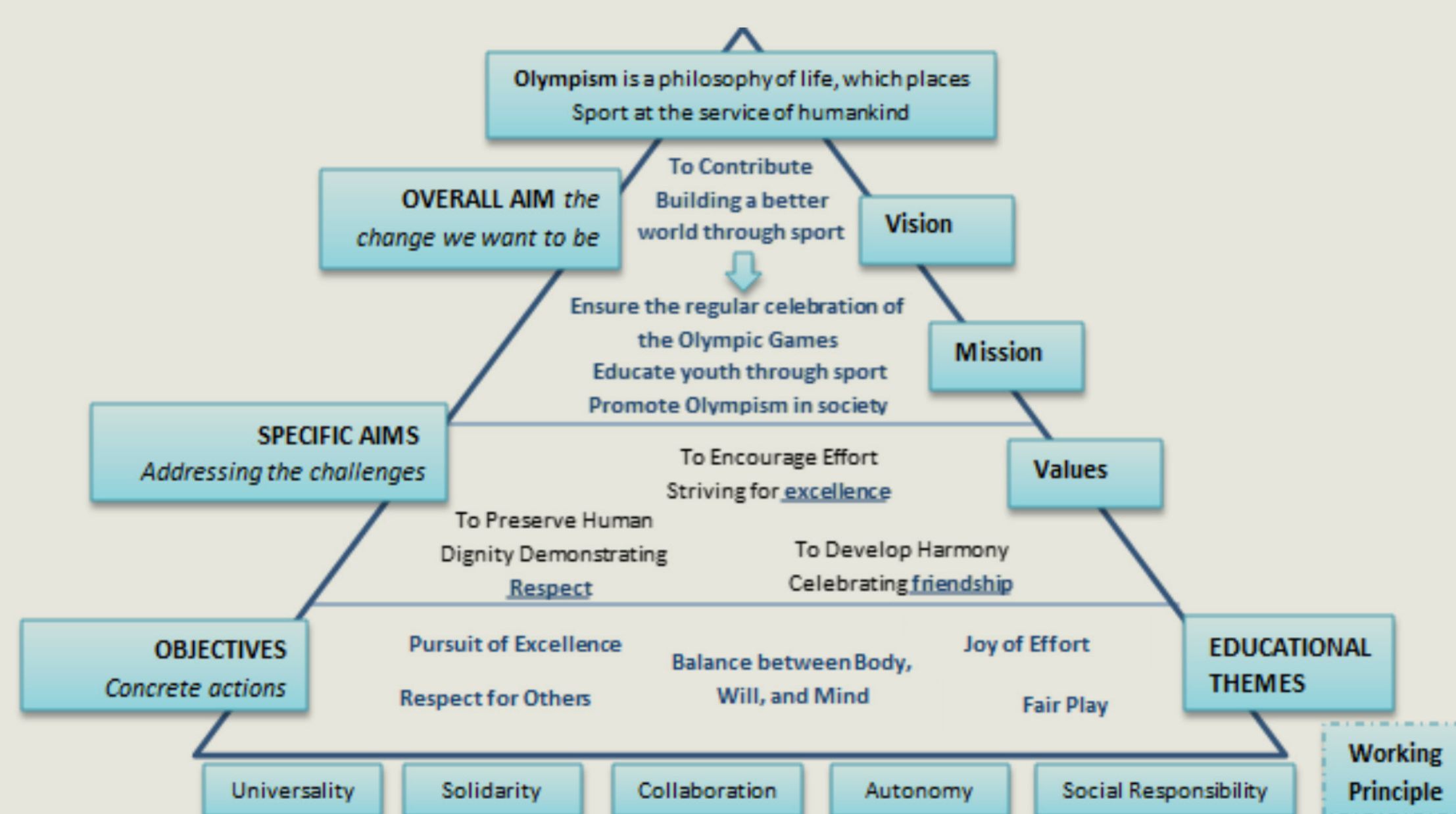
In Coubertin's speech on the German radio in 1935, "The Philosophical Foundations of the Olympic Movement," which can be regarded as his ideological testament, we won't find an accurate and expanded definition of what Olympism really is. In that speech Coubertin only listed a set of values that form the basis of Olympism. Among them are: the idea of universal sacred truce, competition for the selection of the best, biological improvement of the human race, chivalrous spirit, spiritual beauty, religion. Continuation of this list can be found in his other works and speeches. Yet the analysis of Coubertin's works enables to allocate some of the most important ideas of the concept of modern Olympism he has developed. In order to understand this concept it is particularly important to consider the main purpose, which he set for himself throughout his life: to reform the system of education and training existed in France in the period of his life. This

idea "brought meaning to his whole from the moment when in solving educational problems he saw the key to human happiness and social well-being" (Stolyarov, n.d.).

The concept of Olympism, central to Olympic education, is defined in the second Fundamental Principle of the Olympic Charter as "a philosophy of life, exalting and combining in a balanced whole the qualities of body, will and mind". The IOC mission is built on the Fundamental Principles of Olympism. Blending sport with culture and education, Olympism seeks to create a way of life based on the joy found in effort, the educational value of good example and respect for universal fundamental ethical principles" (IOC 2020, 11). The goal of the Olympic Movement (OM) is clearly defined in the Olympic Charter, Rule 1.1: to contribute to building a peaceful and better world by educating youth through sport practiced in accordance with Olympism and its values, which requires mutual understanding with a spirit of friendship, solidarity and fair play (IOC 2020, 11, 15).

This embodies a holistic pedagogical objective and a philosophy of life, as Coubertin attempted to impart the philosophical foundation of "modern Olympism" (IOC 2020, 10). Figure 1 illustrates the Olympism Platform.

Figure 1: The Olympism Platform



Apart from fair play, the Olympic value to which most attention is paid today is the idea of peace. "Olympic internationalism", a key feature of Olympism, is said to promote cross-cultural understanding, mutual respect, and ultimately, world peace. Olympic internationalism can be taught in many ways as part of an "Olympic curriculum"; it encompasses the following aspects: it seeks to promote understanding of the specific cultural features of other nations and continents; it seeks to help familiarize people with the forms of sport played by others; it seeks to improve familiarity with the cultures of those countries which organize the Olympic Games; and it endeavors to assist and promote internationally sporting contacts and personal contacts between individuals. This is a microcosm of an extensive field of action, because sport speaks all languages. Olympism, as a part of world culture, is unaffected by financial resources, color or creed. The OG are the greatest of all peaceful global gatherings, taking place every four years. Coubertin's idea of peace education as a core area of Olympism is more real today than ever. (U.S. Sports Academy 2004, 9).

OLYMPIC EDUCATION

According to Naul, Nobert Müller (1975) was the first to use the explicit term "Olympic education" as a reminder of Coubertin's association with sport's educational concerns (Naul 2008, 53). Coubertin (1863-1937), saw himself first and foremost as an educator, and his primary aim was educational reform (U.S. Sports Academy 2004, 1). His aim, initially limited to France and the French schools, was to make modern sport an integral part of the school routine, and so introduce into that routine a sports education which would embrace both body and mind. He had learned from modern sport in England, and especially from his knowledge of public school education at Rugby, that the moral strength of the young can be critically developed through the individual experience of sporting activity and extended from there to life. "Coubertin intention was to create a language that would be universal with humanistic values that would be understood by all. This will allow everybody to connect and understand that we are one nation fighting for the same goal to avoid wars" (Zolidis, 2021, 54:27-57:37).

The stronghold of Coubertin's vision lay in safeguarding the needs of future generations through the ancient practice of sport and translated to an active and modern form of inspiring youth to develop a val-

ues-based, life-long learning perspective. Under the guidance of the Olympic Education Commission and in alignment with the IOC's Olympic Agenda 2020 strategic roadmap, recommendation 22 (IOC 2014, 18), the department is focusing on learning principles for youth within the framework of the Olympic principles and philosophy: (i) experiencing the values of sport through play and physical activity; and (ii) development of a curriculum using the 'power of play' and the practice of sport to learn about Olympism and experience the intrinsic value of sport (IOC 2017a, 2).

Fundamental to the understanding of Olympism is its emphasis on an educational mandate. In fact, the "Olympic idea cannot be understood without an understanding of its educational mission" (Gessman 1992, 33). This educational mandate is outlined in several of the fundamental Principles of the Olympic Charter (Binder 2010, 1).

Every person and every society has values that they believe in. Values are Important and lasting beliefs, or ideals shared by the members of a culture about what is good or bad and desirable or undesirable. They are what the civilized and rational minds cherish, esteem, prize and have inclined attitude for. They are principles or standards of a person or society for the good or benefit of the person or the society concerned ("What Is Values | IGI Global", n.d.).

Values are the conscience, the lighthouse that directs us how to behave in different situations. The three values of Olympism are excellence, friendship and respect. They constitute the foundation on which the OM builds its activities to promote sport, culture and education with a view to building a better world. They are identified by the OM as the essential values of Olympism. They are the desired outcomes of participation by elite athletes in Olympic sport competitions. These values are highlighted in all of the Olympic Games and in the Youth Olympic Games (IOC 2017b, 18).

OLYMPIC VALUES EDUCATION PROGRAMME (OVEP)

The Olympic Values Education Programme (OVEP) is a series of teaching resources that have been created by the International Olympic Committee (IOC 2017b, 10). Its original purpose was to provide

an Olympic education resource for developing nations who lacked the funding or human resources to develop their own Olympic education materials (Binder 2012, 295). OVEP uses the context of Olympic sports and core principles of Olympism to encourage participation in values-based learning and to assume the responsibilities of good citizenship (IOC, n.d.).

It communicates the benefit of sport and physical activity through an understanding of Olympism and its impact on individual health, enjoyment, and social interaction. OVEP focuses on educational processes for experiencing values wherein five educational themes are highlighted in the learning methodology: experiencing joy of effort, living fair play, practicing respect, pursuit for excellence and learning balance between body, will and mind. These teaching themes stem from the Olympic Charter and the Fundamental Principles of Olympism and integrate the objectives of positive youth development in the learning curriculum (IOC 2017b, 18).

Physical activity and sport have significant benefits for health, well-being and youth development. Sport can be a tool for outcomes such as peace, holistic education and social development. Recognizing the unique potential of sport as an educational and communication tool, OVEP was designed to inspire and allow young people to experience life/humanistic values such as excellence, respect, and friendship. As explained by the IOC President, Thomas Bach: "Sport is not just physical activity; it promotes health and helps prevent, or even cure, the diseases of modern civilization. It is also an educational tool which fosters cognitive development, teaches social behavior, and helps to integrate communities" (IOC 2018, 1).

THE LANGUAGE OF VALUES

Nelson Mandela was quoted "Sport has the power to change the world". President Bach said "It was true then and it is even more relevant today, as the world is more fragile than ever. We are living in an age of global crises, division and discrimination. Our society is more fragmented, more individualized and more selfish.

In our troubled times, the OM more than ever stands up for the ideals and values that define us - excellence, respect and friendship, and also universality, diversity, sustainability, peace, inclusivity, credibility

and solidarity. Our aim is and will remain to contribute to building a better world with even more solidarity" (Bach, 2021).

The mission is to bring sport into education by implementing an Integral and global education program in the world and raising the awareness of this philosophy as a way of life that everybody will speak in a common language - speak the language of values, live their life with values and lead the change with values.

BIBLIOGRAPHY

Bach, Thomas. 2021. Three questions to IOC president Thomas Bach interview by the Olympic studies center. The latest insight from the Olympic studies center. OSC Newsletter on the Pulse, June 2021, No. 49.

<https://oscnewsletter.olympics.com/article/131/three-questions-to-ioc-president-thomas-bach?lang=en>.

Binder, Deanna L. 2010. Teaching Olympism in schools: Olympic education as a focus on values education. University lectures on the Olympics. Bellaterra: Centre d'Estudis Olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB): 1-17. Accessed February 28, 2021. https://ddd.uab.cat/pub/worpaper/2010/181092/binder_eng.pdf.

Binder, Deanna L. 2012. "Olympic values education: evolution of pedagogy". *Educational Review* 64 (3): 275-302. <http://dx.doi.org/10.1080/00131911.2012.676539>.

Gessman, Rolf. (1991, September). Olympische Erziehung in der Schule unter besonderer Berücksichtigung des Fair-play Gedankens. Presented at the First National Teacher Professional Workshop of the National Olympic Committee of Germany, Frankfurt, Germany: Lehrerfortbildung des NOK.

IOC. 2014. "Olympic Agenda 2020 20+20 recommendations reference document. Lausanne, Switzerland.

<https://stillmed.olympics.com/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/Olympic-Agenda-2020/Olympic-Agenda-2020-20-20-Rec>

ommendations.pdf?_ga=2.5434227.1969055192.1631963921-140693061.1619979508.

IOC. 2017a. "Background Document Olympic Values-Based Learning enhancing the outputs of the MINEPS VI Activity and Sport Agenda". Public Affairs and Social Development through Sport Department. Lausanne, Switzerland.

<https://www.icsspe.org/system/files/Background%20document%20-%20OVEP%20and%20MINEPS%20VI.pdf>.

IOC. 2017b. "The Fundamentals of Olympic Values Education a sport-based programme acknowledgements". 2nd edition. Olympic Foundation for Culture and Heritage. Lausanne, Switzerland. <https://stillmed.olympics.com/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/What-We-Do/Promote-Olympism/Olympic-Values-Education-Programme/Toolkit/The-Fundamentals/English.pdf?la=en&hash>.

IOC. 2018. Factsheet Olympic Values Education Programme (OVEP) update- February 2018. Lausanne, Switzerland.

<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/OVEP/Factsheet-Olympic-Values-Education-Programme-OVEP-January-2018.pdf>.

IOC. 2020. "Olympic Charter". Lausanne, Switzerland. https://stillmed.olympics.com/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/EN-Olympic-Charter.pdf?_ga=2.218989149.572676143.1628844386-140693061.1619979508.

IOC. n.d. "Olympic Values Education Programme". Accessed February 25, 2021. Lausanne, Switzerland. <https://www.olympic.org/olympic-values-and-education-program>.

Naul, Roland. 2008. Olympic Education. Meyer and Meyer sport (UK) Ltd. United Kingdom.

Pierre De Coubertin, and Müller Norbert. 2000. Olympism: selected writings. Lausanne: Comité International.

Stolyarov, V.I. n.d. "Ideas of Pierre de Coubertin and Modern Olympic Movement | Teoriya.ru". www.teoriya.ru. Accessed February 28, 2021. <http://www.teoriya.ru/ru/node/1780>.

U.S. Sports Academy. 2004. "Olympic Education". Edited by Nobert Muller. The Sport Journal. January 6, 2004. <https://thesportjournal.org/article/Olympic-education/>.

Wassong, Stephan. 2006. "Olympic education: fundamentals, success and failures". Proceedings: International Symposium for Olympic Research, 220-230.

<https://link.gale.com/apps/doc/A176818725/AONE?u=anon~425a82e1&sid=googleScholar&xid=7e4ad9cf>.

"What Is Values | IGI Global". n.d. www.igi-global.com. Accessed July 8, 2021. <https://www.igi-global.com/dictionary/migrants-learning-to-become-entrepreneurs/31388>.

Zolidis, A. N. (2021, August 25). Olympism & its Values Ep 1 | Discussion on Olympic movement in the post covid era [Video file]. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=Ne907b3GtYc>

IN THE PURSUIT OF VALUE AND THE IMPORTANCE OF JOY: WHY SPORT STILL NEEDS OLYMPIISM

Susannah Stevens
Ian Culpan

RESUMO: Independentemente do desenvolvimento ou da ruptura social, o esporte continua sendo uma parte essencial da vida humana. Seja através da participação ativa ou passiva, continuamos investindo tempo e dinheiro no esporte, buscando nossas próprias conexões e caminhos pessoais. O esporte, no entanto, não é naturalmente bom. Devemos praticar o esporte de forma educativa para maximizar seu potencial. Para maximizar seu potencial educativo e social, o esporte precisa ser conceituado como um empreendimento ético e moral, fortificado com valores que fomentam as excelências humanas. Alguns valores são inerentes à experiência esportiva, mas outros precisam ser adicionados de forma responsável e priorizados de forma pedagógica pelo professor e/ou treinador.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Esporte; Valores; de Coubertin; Alegria de esforço.

ABSTRACT: Irrespective of societal development or disruption, sport remains an essential part of human life. Whether through active or passive participation, we continue to invest time and money into sport, pursuing our own personal connections and paths. Sport, however, is not naturally good. We must practice sport in an educative way to maximise its potential. To maximise its educative and social potential, sport needs to be conceptualised as an ethical and moral enterprise, fortified with values that foster human excellences. Some values are inherent in the sporting experience, but others need to be responsibly added and given pedagogical priority by the teacher and/or coach.

KEYWORDS: Olympism; Sport; Values; de Coubertin; Joy of effort.

INTRODUCTION AND PURPOSE

The construct of sport has become a global phenomenon practised in diverse forms across the human lifespan. The construct has drawn a tsunami, of scholarly interrogation with the orthodox acceptance that sport can have educative and social merit worthy of attentiveness and promulgation. The trans-cultural nature of sport has the promise to transcend cultural distinctions resulting in increased understandings and acceptances of human similarities and difference. This microcosm of cosmopolitanism can reflect and change the values and maladies of communities and societies (Coakley, 1986). Inherent in this process is the assent that sport, despite instances of debasement, is framed with concepts, ethical principles and moral values based on a veneer of universality and impartiality (Arnold, 1997). This mutual understanding, involving values such as friendship, unity, respect, equity, and justice form the basis of sport. They are the fundamental values that allow a set of social relations, structures, and engagements to formulate its practice within contextual boundaries and understandings.

This chapter discusses the competitive values and humanistic values attributed to sport, highlighting the concept of Olympism that purportedly enriches the sporting experience. The chapter will also pinpoint the priority Pierre de Coubertin, the founder of the modern

Olympic Movement, gave to the two values of being Olympic. The chapter will conclude by emphasising the educative importance of the teacher and coach in the propagation of sporting values.

SPORT'S INHERENT AND ADDED VALUES

Human values can be considered as assemblages of beliefs, attitudes and behaviours that are desirable and worthy of commitment, in order to achieve a flourishing life. They can be considered a set of human excellences, often referred to as virtues, that have strong moral and ethical foundations. The construct of sport can be considered a valued human practice because its essence is based on values, and morals embodied by rules and traditions grounded in equity, justice, and fairness (Arnold, 1997). Scholars argue that this is sport's educative worth - the learning of virtues, values, and morals through sport. De Coubertin, realised that learning through sport, provided the learner with a holistic education depicted by developing a desirable, fruitful, and balanced alliance between the mind, body, and character (Muller, 2000). De Coubertin argued that such an education liberated the learner from drudgery, slothfulness, dullness, and moral degradation that pervaded education systems at the beginning of the 20thC. For de Coubertin, learning through sport created a permanent kind of civic unity, developed around a philosophy of commitment, peace, social responsibility, role modelling, effort, joyfulness, courage, zestfulness, perseverance, respect, and internationalism (Muller, 2000). Since de Coubertin's time, it is recognised that mere participation in sport does not maximise the learning opportunities that sport can offer. Parry (2007) argued that sport, with its natural affiliation to physical education, provides learning laboratories for experiments in character and values development. He suggests that within the sporting context, individuals naturally react to opportunity and circumstance e.g. the contest, competition, rivalry, pressure, decision-making, physical exertion, self-improvement and the striving for victory etc. in their quest to achieve goals bounded by rules and structure. These pedagogical sporting encounters are a natural source of learning and form the 'inherent values' of sport. Martinkova (2012), stretches Parry's argument and suggests that to maximise the sporting experience, learning the inherent values through participation, also needs to be accompanied by deliberate acts of

teaching, and coaching. She proffered these deliberate acts foster the learning of the 'added values' of sport. This fostering needs special thought and attention for development and implementation. Examples of such are how to respect opponents, how to be generous of spirit, how to be non-discriminatory, how to understand diversity, how to display tolerance and what desired behaviours to role model. For Martinkova, the inherent values of sport are labelled the competitive values and the added values are called humanistic values. When sport's competitive values (inherent values) and added values (humanistic values) are integrated into a holistic sporting experience, its educative and social value are realised, and sport is elevated to a higher level of humanness. This amalgamation coheres with de Coubertin's concept of Olympism. While there is no immutable definition of de Coubertin's Olympism, a studied understanding of it, messages that Olympism is "a culturally relevant, experiential, critical process of learning an integrated set of life principles through the practice of sport: (Culpan and Moon, 2009 p.1). Over time, scholars have debated the relevancy of this concept. However, Parry (2007) unequivocally supports it and states that "the philosophy of Olympism has been the most coherent systematization of the ethical and political values underlying the practice of sport so far to have emerged" (p. 214). Adding to this support, Bennett and Culpan 2014 argue that Olympism is also the most coherent educative explanation of sport to have emerged over the last 100 years. For de Coubertin, Olympism makes sport more educative, virtuous, and humanising.

When asked as to the two most important values to be promoted in sport, de Coubertin emphasised the importance of joyfulness and effort (Muller, 2000).

THE JOY FOUND IN EFFORT

Aesthetic appreciation is not confined solely to the visual element of movement. Joy can be gained from the sensual nature of competition, performance or play (Arnold, 1979; Müller, 2000). For example how we feel when engaging in movement. An example could be the joyous feeling we get when we succeed – the aesthetic appreciation of effort. De Coubertin proclaimed, "Well I ask you, what feeds effort, but joy?" (Müller, 2000, p549). Obtaining the joy of effort through sport requires a particular form of internal motivation. One that is not

just about the movement itself, but about the environment, time, and space in which that movement occurs. The anticipation of play, pre-activity rituals, previous experiences of success, commonalities of the surrounding environment, and the people involved, can all contribute towards the stimulation of joyful senses which trigger patterns and memories (Csikszentmihayli, 2008; Wellard, 2016). To find the joy in movement requires the removal of barriers. An activity that does not provide the right level of challenge; the individual's inability to escape external stimuli; a lack of intrinsic motivation; a poor coach or teacher, a lack of control, self-consciousness or lack of concentration can all prevent the joy of movement, intrinsic pleasure and movement meaning. The reality is that if the joy of effort is not pedagogically planned for alongside our stake in skill development as teachers and coaches, then we risk shaping a space to move that is void of value. This does not have to be at the expense of any other physical activity outcome. By aiming for delight and the intrinsic value the physical activities have in, and of themselves, then desirable outcomes such as health and well-being will occur regardless (Arnold, 1979; Csikszentmihayli, 2008; Kretchmar, 2005; and Nesti, 2007). Moreover, values in sport are desirable by youth. Findings from Stevens (2011) investigation into youth perceptions of Olympic and sporting values showed that the participants could easily differentiate between joy from winning and joy from effort in sport. The majority of participants also articulated that they would rather play their best, than win and they valued the educative value and function of sport. So how can we ensure that sporting opportunities reflect youths' desire for valuable, joyful and educative sporting experiences?

IMPORTANCE OF TEACHERS AND COACHES PROPAGATING THE VALUES OF SPORT

Scholars are unanimous in emphasising the educative role of the teacher and coach in the learning of sport values. What is important for these educators, is the identification of what inherent values the sporting activity spawns as of itself, and what added values are developmentally laudable to maximise the sporting experience (Martinkova, 2012). The challenge for teachers and coaches is developing their pedagogical content knowledge that allows the sporting ex-

perience to be maximised. A study by Culpan and Stevens (2017) highlighted the inadequate knowledge of Olympism and sport values of graduating physical education teachers. Furthermore, a study by Flatau (2014) found that elite sport coaches' knowledge was not only inadequate, but they were also not much interested in conveying sports values despite their athletes support for such. Both studies, which align with other international findings, concluded that the content knowledge associated with the promotion and learning of sport values needed to be incorporated into initial teacher and coach education programmes.

Clearly the teachers' and or coaches' educative role cannot be overly emphasised as arguably the future of maximising the sporting experience becomes a pedagogical priority.

CONCLUSION

The educative function of sport is still unequivocally relevant to human life. However, we cannot leave this to chance. Values that we cherish and wish for youth to learn, must be prioritised pedagogically. The grounding for this pedagogical arrangement can be found in de Coubertin's philosophy of Olympism which allows all "to taste the joy of living to the full" (Müller, 2000, p. 629).

REFERENCES

- Arnold, P. (1979). *Meaning in movement, sport and physical education*. London, England: Heinemann.
- Arnold, P. (1997.) *Sport, Ethics and Education*. London: Cassell.
- Bennett B., and Culpan I. (2014). The coach as educator: Content and pedagogical frameworks. *Journal of Physical Education & Health: Social Perspective*, 3(5): 5-18. <http://jpe-health.pwsz.raciborz.edu.pl/>.
- Csikszentmihayli, M. (2008). *Flow: The psychology of optimal experience*. New York, NY: Harper Perennial; Modern Classics.

Culpan, I., and Stevens, S. (2017). Olympism, physical education and attitudes and values: what do graduating teachers in Aotearoa, New Zealand know and understand? *Asia-Pacific Journal of Health, Sport and Physical Education*, 8(3): 259-272. <http://dx.doi.org/10.1080/18377122.2017.1345284>.

Flatau, J. (2014). Sport coaches as conveyors of Olympic values: An empirical survey. In D. Chatziefstathiou and N. Muller, (Eds.). *Olympism, Olympic education and learning legacies*. UK: Cambridge Publishing, pp. 28-38.

Kretchmar, S. (2006). Ten more reasons for quality physical education. *Journal of Physical Education and Dance*, 77(9), 6-9.

Martinkova, I. (2012). Teaching values in movement activities: Inherent and added values. *ACTA Universitatis Carolinae Kinanthropologica*, 48(2): 111-119.

Müller, N. (Ed.). (2000). *Pierre de Coubertin 1863-1937; Olympism selected writings*. Lausanne, Switzerland: International Olympic Committee.

Nesti, M. (2007). Existential psychology and sport. In J. Parry, S. Robinson, N. Watson, & M. Nesti (Eds.), *Sport and spirituality, an introduction*. London, England: Routledge.

Parry, J. (2007). The religio-athletae: Olympism and peace. In J. Parry, S. Robinson, N. Watson, and M. Nesti M. (Eds.). *Sport and spirituality: An introduction*. London: Routledge, pp.201-214.

Stevens, S. (2011). *Olympism practised through sport: An insight from youth*. University of Canterbury. Christchurch, NZ: Retrieved: <http://ir.canterbury.ac.nz/handle/10092/5806>

Wellard, I. (2016). Isolated embodied (guilty) pleasures. In I. Wellard (Ed.), *Researching embodied sport; Exploring movement cultures*. New York, NY: Routledge.

CARA E COROA: AS DUAS FACES DO ESPORTE NO SÉCULO XXI

Diego Boeira Lerina
Otávio Tavares

RESUMO: Com base na observação do caráter polissêmico do esporte contemporâneo, o texto examina criticamente as condições de possibilidade da identidade e unidade do esporte como objeto e prática baseadas nas ferramentas do pensamento de Wittgenstein. A partir da conseqüente ambivalência do fenômeno esportivo, propomos a necessidade de mais discussões e o acúmulo de um conjunto de evidências empíricas sobre tais questões.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Identidade; Polissemia.

ABSTRACT: Based on the observation of the polysemic character of contemporary sport, the text critically examines the conditions of possibility of the identity and unity of sport as an object and practice based on the tools of Wittgenstein's thought. From the consequent ambivalence of the sports phenomenon, we propose the need for further discussions and the accumulation of a set of empirical evidence on such issues.

KEYWORDS: Sport; Identity; Polysemy.

1. INTRODUÇÃO

A maneira como praticamos e os valores que atribuímos às práticas esportivas no século XX foram, em grande medida, formatados pelo Movimento Olímpico. Contudo, nos dias atuais, o esporte é mais bem compreendido como um fenômeno polissêmico (Puig; Heinemann, 1991). Como Gebauer (1990) observa, o esporte de terceira idade, o fitness ou o esporte de aventura são algumas das manifestações onde a referência olímpica, talvez, não tenha validade adequada.

Por outro lado, é possível identificar um movimento circular entre esporte e sociedade. Observa-se uma tendência tanto de ‘esportivização’ de certos aspectos das relações sociais como uma pluralização das manifestações esportivas (GEBAUER, 1990; GRUPE, 1990; STEENBERGEN, 2001; STEENBERGEN & TAMBOER, 1998).

A apresentação desse estudo por meio da metáfora – ‘Os dois lados de uma mesma moeda’ – é o enunciado de uma tensão insolúvel entre polaridades. Se de um lado é possível encontrar uma faceta preponderantemente polissêmica e polimórfica do esporte, de outro, reside um núcleo identitário interno razoavelmente estável que permite identificar o esporte como um fenômeno de continuidade histórica. Portanto, se a primeira face está permanentemente relacionada aos constantes desenvolvimentos e mutações sociais, a segunda, é o que torna a sua experiência particular. É na tensão gerada entre valores extrínsecos versus valores intrínsecos que novos usos, sentidos, formas, expressões e significados podem ser atribuídos ao esporte em sociedade.

2. CARA: VALORES, FORMAS E SIGNIFICADOS EM PERSPECTIVA DE MUDANÇA

Autores como Puig e Heinemann (1991) têm partido de uma definição de esporte entendida como um sistema aberto, com escassa identidade própria. Segundo esses autores, a razão desta conceptualização fundamenta-se na ideia de que o esporte tem se mostrado como uma realidade cada vez mais complexa. É nesses mesmos ter-

mos que Bailey (2005) caracteriza 'esporte' como um substantivo genérico, o qual é designado a um amplo espectro de atividades.

Na perspectiva da filosofia é possível pensar o esporte como um problema do tipo wittgensteiniano¹ (STEENBERGEN, 2001; DaCOSTA, 2009). Se em parte, o interesse do debate é a compreensão da polissemia do esporte, então os questionamentos são fundamentalmente de ordem semântica. Em outros termos, o significado de uma prática esportiva é um do total de seus inúmeros possíveis usos. Segundo Steenbergen (2001) e DaCosta (2009) as práticas esportivas possuem um relacionamento wittgensteiniano do tipo 'semelhança de família'.

Quando Wittgenstein fala sobre os membros de uma família ter uma marca que os assemelha uns aos outros, isto significa dizer que pode não ser o caso de que todos eles tenham um único aspecto em comum, mas somente sobreposições e entrecruzamentos entre um conjunto de possíveis aspectos. Nesse sentido, o fenômeno esportivo possui significados por meio de diferentes jogos de linguagem. Os jogos de linguagens são práticas governadas por regras e que podem se assemelham uns aos outros em diferentes modos. Assim, o esporte é considerado nas circunstâncias em que as pessoas o praticam.

Sem embargo, o esporte é um fenômeno que possui uma imensa rede de sentidos, valores e significados. Em certa dimensão, esse debate envolve questionamentos sobre o relacionamento entre a formação de possíveis significados e uma metalinguagem. A compreensão do que é uma metalinguagem, nesse caso, é exatamente um hiperônimo das possíveis formas de comunicação presentes disponível aos seus praticantes. Se uma metalinguagem é algo que acompanha um objeto, então há aí uma estreita conexão com o seu significado. Dessa forma é necessário pensar sobre as diferentes camadas de sentidos e de conceitos que estão imbricadas nestas possíveis formas de comunicação.

Com isto posto, resta ainda perceber, qual o tipo de linguagem que acompanha o esporte. A resposta parece estar na relação entre uma meta-teoria e a construção de significados e um tipo de metalinguagem axiológica e a produção de mensagens valorativas que possibilitam a: "[...] formação de narrativas capazes de emoldurar as práticas esportivas e exercícios físicos como uma linguagem de transmissão de conhecimentos sobre estas atividades que permi-

te recepção e assimilação eventual pelos praticantes” (DACOSTA, 2009, p.24). Nesse particular, o significado social do esporte seria inacessível sem a compreensão de categorias linguísticas, uma vez que os fenômenos no mundo não surgem para os indivíduos como um tipo de experiência desestruturada da realidade.

O aspecto mais radical no pensamento wittgensteiniano é que não há nenhum ponto de vista fora da linguagem aonde um jogo de linguagem possa ser visto e avaliado. Isto é, não existe nada além de lugar linguístico. Em síntese, sempre operamos em um jogo de linguagem e não existe se quer uma concepção operando fora de um jogo de linguagem. Portanto, um objeto na realidade é constituído pela concepção da realidade integralmente estruturada e categorizada nos sistemas de representações linguísticas. O ponto radical e controverso em Wittgenstein (1996) é que não existe tal coisa como o pensamento ou a experiência humana, pois não há como ir além da linguagem.

3. COROA: SOBRE A AUTONOMIA RELATIVA DO ESPORTE

A determinação de uma essência para esporte enfatiza a existência de uma ‘natureza’, a qual pode ser considerada desde o ponto de vista lógico independente de possíveis transformações temporais. É nesse sentido que autores com Parry (1998) e Steenbergen (2001) apresentam determinadas características que fornecem uma identidade ao esporte. O quadro abaixo sintetiza essas informações.

Quadro 1- Conceito essencialista para esporte.

Autor	Critérios para um conceito de esporte
John Steenbergen	“[...] (i) físico; (ii) competitivo; (iii) governada por regras; (iv) um jogo; (v) institucionalizado e; (vi) globalizado” (2001, p.34).
Jim Parry	“[...] institucionalizado (‘autoridade legal’); competição (‘um contrato para competir’); obrigação em conformidade com as regras; uma atividade livremente escolhida; devido ao valor respeito é dever perceber os oponentes como co-facilitadores” (1998, p.204).

Os elementos que constituem uma essência para esporte possuem relação com certa fração da experiência humana. Assim, é possível pensar na influência da sucessão da temporalidade sobre a essência. Nesse sentido, o esporte possui apenas 'autonomia relativa', uma vez que sua identidade apresenta um núcleo razoavelmente estável. Nesse sentido, há, em grande medida, uma preservação de sua lógica interna, onde certos valores são absolutamente necessários para atingir um conjunto específico de situações que caracterizam o esporte como tal (SUITS, 1988; 1989).

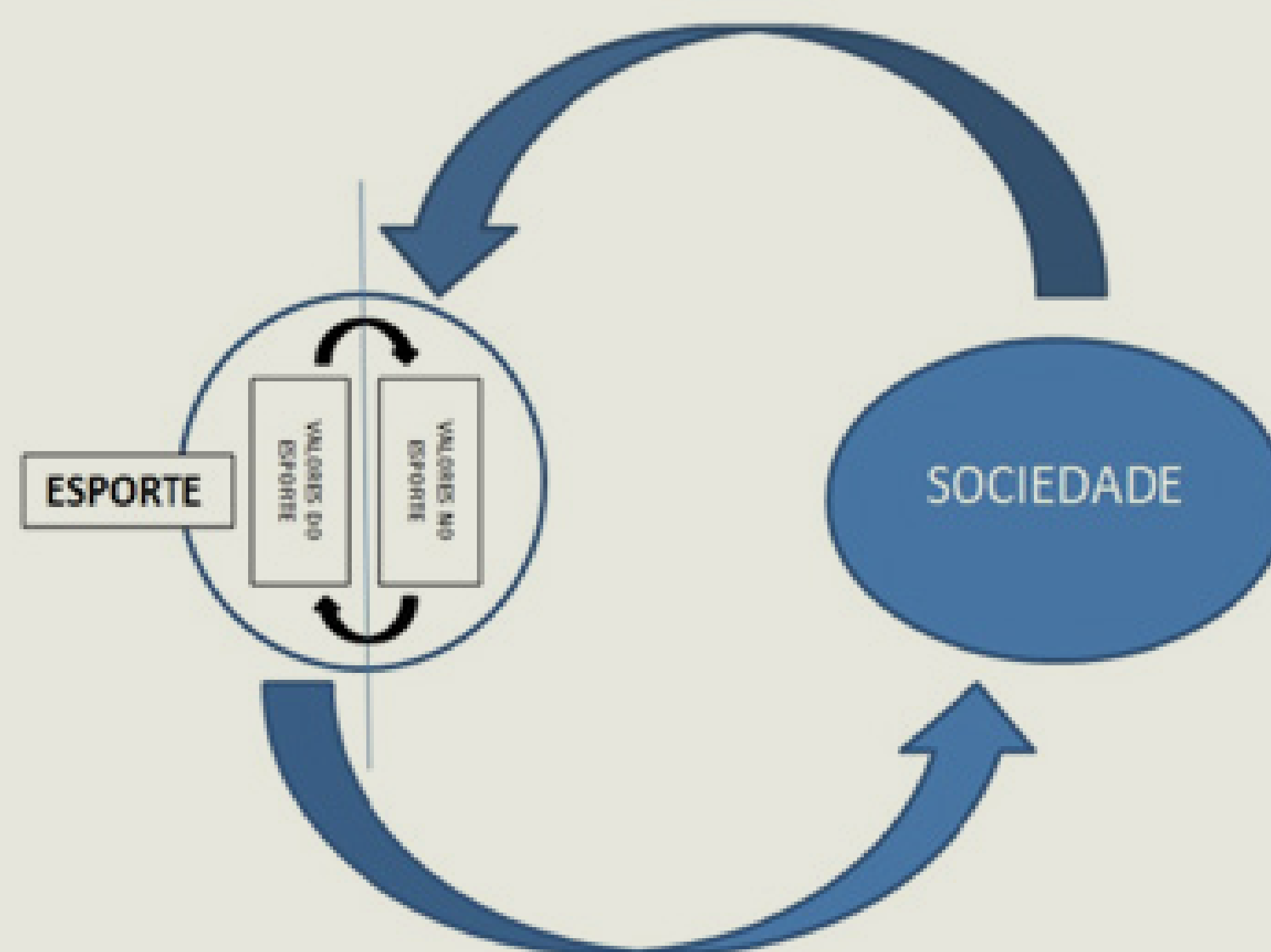
Se há uma contribuição histórica em sua sociogenia, então a formação de ambientes esportivos também pode remontar determinados aspectos de certas organizações socioculturais específicas. Embora este fato não seja totalmente transparente, Elias (1985) sugere que o estudo de alguns aspectos do esporte pode lançar também algum esclarecimento sobre a natureza do próprio desenvolvimento social. Steenbergen (2001) observa que é necessário considerar algumas dimensões desta última afirmação: (a) integrada em uma rede ampla de interesses institucionais e; (b) na influência e de normas e valores compartilhados. Sem embargo, essa discussão pode iluminar a razão pela qual algumas manifestações desse mesmo fenômeno gestadas, inicialmente, em outros lugares, puderam ser importadas e adotadas por outras sociedades ao ponto de exprimirem-se como fenômeno local conservando assim aqueles traços fundamentais que caracterizam toda sua força de apresentação e originalidade².

4. CARA E COROA: O ESPORTE UM FENÔMENO AMBIVALENTE

Em síntese, o esporte é um fenômeno ambivalente, isto é, há um 'duplo caráter' no esporte (TAMBOER & STEENBERGEN, 1998; STEENBERGEN, 2001). Se de um lado, a faceta polissêmica e diversificada das manifestações esportivas no século XXI são características pouco elucidadas por meio da determinação de uma essência³, a análise do campo semântico per se é significativamente limitada, porque, a relativização de um conceito para esporte pode resultar em uma tendência de dissolução desse fenômeno entre os outros demais campos de atividade humana. De outro, uma abordagem essencialista tende a simplificações e reduções na totalidade das possíveis expressões do fenômeno esportivo culminando no problema da atemporalidade.

Ademais, a castração e, por consequência, a apologia de apenas uma das faces produz significativas restrições na compreensão de novas manifestações do esporte em sociedade.

Figura 1 - O fenômeno esportivo no século XXI.



Partindo desse corolário, DaCosta (2009) compreende a ambivalência do fenômeno esportivo como polaridades não excludentes (valores intrínsecos versus valores extrínsecos) moduladas através de um continuum. Esse autor brasileiro denomina essa tese de 'valores do/no esporte'. Essa teorização parte da reformulação conceitual feita por Breivik (1998), quando o autor norueguês caracteriza o esporte como um 'portador de valores sociais' 4. De acordo com Breivik (1998), o esporte encontra-se em constante infusão com diferentes conjuntos de valores que se projetam por meio dele. Para esse autor norueguês, embora a relação entre esses valores seja por vezes contraditória, ela nunca é de mutua exclusão devido ao seu aspecto inter cruzado e sobreposto.

Sem dúvida, uma distinção sobre a natureza desses valores deve ser apresentada. Os 'valores do esporte' são aqueles valores intrínsecos e indissociáveis da identidade de uma prática esportiva. Portanto, eles são autotélicos e são componentes fundamentais da lógica interna de alguma atividade⁵. Em contraste, estão 'valores no esporte'. Esses últimos são dissociáveis, heterotélicos e uma condição não necessária para realização de uma prática esportiva. Os 'valores no esporte' estão ligados a elementos extrínsecos e eles sempre se realizam em contrapartida à experiência proporcionada pelos 'valores do esporte'.

Breivik (1998) não vê os 'valores do/no esporte' como atemporais, mas somente como intersecções, derivações simples e indutivas do esporte e de suas práticas em sociedade. Breivik pensa que não é necessário estar consciente de nenhum desses valores para que alguém possa experimentá-los. Daí o problema em confundir certas práticas com as instituições que as suportam, pois nesse caso a instrumentalização de valores é enfatizada, como, por exemplo: a busca pela inclusão social, a redução da criminalidade ou a promoção de eventos esportivos. Sem dúvida, há uma tentativa de legitimar o esporte como um 'bom' meio para atingir certos objetivos. No entanto, a escassez de evidências empíricas sobre essa última afirmação é o que torna tal discurso problemático (BAILEY, 2005).

Sem embargo, as preocupações sobre os usos do esporte não são novidades e vêm gerando há algum tempo questionamentos do ponto de vista ético⁶. Parece prudente examinar com certo ceticismo a promoção de discursos sobre as políticas internacionais de desenvolvimento esportivo⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, o conceito trinomial de esporte (rendimento, participação e educacional) ainda é, em grande medida, consensual. Essa classificação parece ter gerado, principalmente, no tema da Educação Física Escolar, polarizações e radicalizações. A principal contribuição da tese exposta ao cenário brasileiro resulta em uma superação dessa discussão em pelo menos duas frentes: (i) estímulo para renovações teóricas e; (ii) e o avanço metodológico sistemático. Com efeito, outras contribuições não são menos importantes, como aquelas ligadas ao viés positivo das avaliações dos efeitos sociais do esporte. Sem dúvida, esse é um aspecto que parece muito pouco questionado no senso comum. Nesse sentido, é frutífero um estímulo a novas discussões e bem como acumulação de um conjunto de evidências empíricas sobre tais questões. Como, consequência, o papel do teste poderá prover a clarificação de importantes suposições que habitam um imaginário coletivo baseado em um sistema de crenças que tem se desenvolvido há mais ou menos 150 anos.

REFERÊNCIAS

BREIVIK, G. Sport in high modernity: Sport as a carrier of social values. *Journal of Philosophy of the Sport*. XXV. Issue 1. p. 102-118. 1998.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo: EDUSC. 2002

DACOSTA, L. P; TAVARES, O. Introdução. In: DACOSTA, L. P; TAVARES, O. (Eds). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho. 1999.

DACOSTA, L. P. Educação Olímpica como metalinguagem axiológica: revisões pedagógicas e filosóficas de experiências intervencionais e brasileiras. In: REPPOLD et al. (Orgs). *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2009

ELIAS, N. A busca pela excitação. Lisboa: DIFEL. 1985.

GEBAUER, G. Citius-Altius-Fortius and the problem of Sport Ethics: A philosopher's viewpoint. In: LANDRY, F; LANDRY, M; YERLÈS, M. (Eds.) *Sport: The third millennium: Proceedings of the International Symposium*. Le Presse de l'Université Laval. p. 467-77. 1990.

GRUPE, O. The sport culture and the sportivization of culture: Identity, legitimacy and nonsense of modern sport as a cultural phenomenon. In: LANDRY, F; LANDRY, M; YERLÈS, M. (Eds.) *Sport: The third millennium: Proceedings of the International Symposium*. Le Presse de l'Université Laval. p. 135-46. 1990.

PARRY, J. S. Violence and aggression in contemporary sport. In: MACNAMEE, M.J; PARRY, S.J (Eds). *Ethics and Sport*. London: E & FN Spon. p. 205-25. 1998;

PRINGLE, R. Debunking Olympic sized myths: government investment in Olympism in context of terror and the risk society. *Educational Review*. Vol. 64. 2012, p. 265-274.

PUIG, N.; HEINEMANN, K. El deporte en la perspectiva del año 2000. *Papers* 38, p. 13-141, 1991.

STEENBERGEN, J. The double character of sport. In: STEENBERGEN, J; ELLING, A.H.F. Values and norms in Sport: Critical reflection on the position and meanings of sport in society. p. 33-56. 2001.

STEENBERGEN, J; TAMBOER, J.W.I. Ethics and the double character of Sport: An attempt to systematize discussion of ethics of sport. In: MACNAMEE, M.J; PARRY, S.J (Eds). Ethics and Sport. London: E & FN Spon. p. 33-53. 1998;

SUITS, B. Tricky Triad Games Play and Sport. Journal of philosophy of the sport. XV, Issue 1. p. 1-9. 1988.

_____. The trick of the disappearing goal. Journal of philosophy of the sport. XVI, Issue 1. p. 1-12. 1989.

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

AS ATITUDES DE JOVENS NO CONTEXTO DO ESPORTE DE INCLUSÃO SOCIAL DO SUL DO BRASIL

Ricardo Pedrozo Saldanha

RESUMO: O presente capítulo tem por objetivo analisar e compreender o comportamento de jovens praticantes de esportes, vinculados a projetos esportivos de inclusão social do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul). A análise dos resultados foi embasada a partir da participação de 1.125 jovens, de ambos os sexos, que responderam ao Questionário de Atitudes no Esporte (QAE-16). O QAE-16 avalia dois tipos de atitudes no esporte: Pró e Antissociais. Foi constatado que as atitudes pró-sociais, como ações voltadas ao espírito de grupo, solidariedade, cooperação, reconhecimento do bom desempenho do adversário, busca na superação de seus limites individuais, respeito pelas regras sociais e do jogo, são predominantes entre os participantes do estudo. Além disso, considera-se que o papel do professor é fundamental para que o ambiente de aula seja o mais adequado para o desenvolvimento moral destes jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes; Esporte juvenil; Esporte de inclusão social.

ABSTRACT: This chapter aims to analyze and understand the behavior of young sports practitioners, linked to sports projects of social inclusion in southern Brazil (Rio Grande do Sul). The analysis of the results was based on the participation of 1,125 young people, of both sexes, who answered the Questionnaire of Attitudes in Sport (QAE-16). The QAE-16 evaluates two types of attitudes in sport: Pro and Antisocial. It was found that prosocial attitudes, such as actions focused on group spirit, solidarity, cooperation, recognition of the opponent's good performance, search to overcome their individual limits, respect for social rules and the game, are predominant among the study participants. In addition, it is considered that the role of the teacher is fundamental for the classroom environment to be the most appropriate for the moral development of these young people.

KEYWORDS: Attitudes; Youth sport; Sport of social inclusion.

INTRODUÇÃO

As primeiras vivências nas comunidades esportivas é uma experiência que normalmente ocorre na infância e na adolescência, podendo provocar o desejo de participar, de competir ou, até mesmo, de se integrar socialmente. O esporte, neste sentido, passa a ser um excelente meio para o desenvolvimento do caráter de jovens, inclusive, em aspectos relacionados aos valores e às atitudes (GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008). Neste meio, o praticante tem a possibilidade de empenhar-se nas atividades e práticas esportivas, de estabelecer diferentes tipos de relacionamento com colegas (de equipe, de aula ou de projetos esportivos de inclusão), de respeitar adversários, colegas, as regras do jogo e o professor responsável pela prática.

Os comportamentos observados nas práticas esportivas, podem ser descritas como comportamentos (ou atitudes) pró-sociais e antissociais (SAGE, 2006; SANMARTÍN, 1995; SALDANHA et al., 2018; SALDANHA et al., 2020). O primeiro pode ser caracterizado como as ações que têm a intenção de ajudar ou beneficiar os outros, enquanto o segundo como ações que visam causar danos ou desvantagens aos outros. Um ambiente em que há um incentivo e que estabelece convivências com comportamentos que violam as regras sociais e quebram o espírito do jogo, levariam, muitas vezes, os jovens a adotar

condutas negativas no esporte (DODGE; ROBERTSON, 2004; GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008; SALDANHA et al., 2018; SALDANHA et al., 2020).

Para tanto, o objetivo deste trabalho é analisar e compreender o comportamento de jovens praticantes de esportes, vinculados a projetos esportivos de inclusão social do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul).

RESULTADOS

Os resultados apresentados foram analisados a partir de uma amostra composta por 11251 praticantes de esportes de projetos de inclusão social (do Rio Grande do Sul – Brasil) com idades entre 12 e 19 anos, de ambos os sexos. A maioria era do sexo masculino (61,06%; n = 687) e participava dos projetos a, no máximo, 12 meses (70,04%; n = 788). No sexo masculino a faixa-etária predominante foi a de 12 até 14 anos (521 meninos), ao passo que no sexo feminino foi de 15 a 19 anos (118 meninas). Os jovens responderam ao Questionário de Atitudes no Esporte (QAE-16), adaptado a partir do Questionário de Atitudes no Esporte (QAE-23), na qual foi possível avaliar o comportamento a partir de duas dimensões: Atitudes Pró-sociais (aPró-Sociais = 0,694) e Atitudes Antissociais (aAntissociais = 0,869).

Os resultados indicaram que, independentemente do sexo, os participantes dos projetos de inclusão social apresentaram um comportamento pró-social muito parecido. Tal constatação pode ser explicada pelo tipo de orientação que projetos esportivos desta natureza, no Brasil, se propõe. O propósito principal é contribuir para a melhoria da vida das pessoas, minimizando os problemas sociais e capacitando-as a interagir na sociedade, de forma mais construtiva e igualitária.

Os resultados corroboram o argumento de autores de que o esporte contribui para a construção do caráter das pessoas (SANMARTÍN, 1995; GONÇALVES et al., 2006; BREDEMEIER; SHIELDS, 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008; EVANGELISTA et al., 2010; SALDANHA et al., 2018). A palavra “caráter”, mesmo que às vezes surja como sinônimo de “personalidade” tem conotações éticas ou morais (BREDEMEIER; SHIELDS, 2006). Uma pessoa de caráter é uma pessoa que age de forma ética. O caráter refere-se a aspectos que guiam a vida moral e permitem que a pessoa viva em fidelidade com seus valores morais, julgamentos e intuições.

A prática esportiva oferece aos jovens interações sociais importantes, em um meio com características próprias. Estas interações sociais no âmbito esportivo têm como objetivo desenvolver e manter relações satisfatórias entre professores, treinadores, árbitros, colegas de equipe e adversários e com o respeito às regras (SAGE, 2006). Outro ponto a ser destacado refere-se à liderança e ao comportamento dos professores, como elementos que podem contribuir positivamente na formação do caráter, através das vivências esportivas. O professor exerce influência nas atitudes que serão incorporadas à vida e ao dia a dia dos jovens (SOBRINHO; MELLO; PERUGGIA, 1997; SALDANHA et al., 2018; SALDANHA et al., 2020).

As atitudes dos jovens estão diretamente relacionadas com o tipo de atividades que participam. É importante que os professores exercitem as virtudes do esporte para o empenho, como dedicação e esforço, nas práticas esportivas; deve haver, também, respeito aos adversários, aos companheiros, às regras e aos árbitros (convenção) (CLIFFORD; FEEZEL, 2001; SALDANHA et al., 2018). Desta forma, a orientação pedagógica poderia contribuir para encorajar os jovens a refletirem por si próprios a realizarem julgamentos sobre suas atitudes esportivas durante o jogo, evitando condutas antissociais, mesmo que a “vitória” fosse o objetivo principal. O fato das atitudes pró-sociais estarem mais evidentes do que as antissociais pode ser um indício de que as intervenções pedagógicas dos professores estejam mais voltadas para orientações com características de orientação para uma prática que valorize o processo, o empenho do que a vitória a todo custo.

A experiência e a influência dos professores passam pela comunicação entre professor-aluno, assim como às orientações para a realização das tarefas, além das percepções dos praticantes sobre o comportamento do professor. Gonçalves et al. (2010), em estudo sobre o tema, analisaram seis treinadores (três experientes e três inexperientes) da modalidade esportiva basquetebol. Foram gravados em áudio e vídeo 18 jogos dos seis treinadores em questão, que foram posteriormente analisados. Dentre algumas características para a diferenciação destas duas subcategorias, destacam-se o número de anos de carreira como treinadores das equipes (inexperientes: 2 anos; experientes: 15, 23 e 24 anos). Os atletas (sexo masculino) das equipes observadas (n = 58; média de idade = 16 anos) responderam às versões portuguesas dos questionários sobre orientação para a tarefa e para o ego, as atitudes no esporte e as percepções do comportamento do treinador.

O estudo aponta que o efeito da experiência do professor sobre as atitudes é significativo no que diz respeito à trapaça (transgressão às regras), ao antidesportivismo (provocações e dissimulações que visam desestruturar o adversário psicologicamente) e à convenção (respeito aos adversários, aos companheiros, às regras e aos árbitros). Os resultados sugerem que os atletas de treinadores experientes estão mais predispostos a respeitar as regras do jogo e a manter um nível ligeiramente superior de empenho, mas também mais abertos a fazer algo a mais para chegar à vitória. Os estudos descritos, além do presente trabalho, apontam as atitudes antissociais, principalmente a trapaça, como sendo algumas das dimensões mais evidentes, corroborando a ideia de que os meninos tendem a adotar comportamentos voltados para o interesse próprio, reforçando a característica competitiva do sexo masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o professor é peça chave para o desenvolvimento de seus alunos. O exercício das virtudes do esporte na prática cotidiana deve ser alicerçado no respeito aos adversários, companheiros e árbitros. O ensino do esporte para jovens (iniciação ou formação) não deveria ter o foco principal nas “vitórias”. Os resultados indicam que tal prática influencia em ações ou atitudes antissociais. Superação individual, através da luta, do empenho pela excelência na prática, cumprir as regras e os costumes do jogo como elementos fundamentais da atividade esportiva são meios considerados de significativa relevância na formação dos jovens. São questões consideradas essenciais para o desenvolvimento de atitudes positivas (pró-sociais), principalmente em projetos de inclusão social que se destinam a este fim.

REFERÊNCIAS

BREDEMEIER, B. L.; SHIELDS, D. L. Sports and character development. Research Digest/ President’s Council on Physical Fitness and Sports, Washington D. C., v. 7, n. 1, p. 1-8, mar. 2006.

CLIFFORD, C.; FEEZELL, R. M. Desportivismo – Compreender, ensinar e demonstrar as virtudes do desportivismo. Treino Desportivo, n. 14, p. 12-17, jun. 2001.

EVANGELISTA, P.H.M. et al.. As atitudes morais de jovens atletas praticantes de modalidades esportivas coletivas. *Revista Motriz*, v. 16, p. 379-386, 2010.

GONÇALVES, C. E. et al. Tradução e validação do SAQ (Sports Attitudes Questionnaire) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 6, n. 1, p. 39-47, jan. 2006.

LEE, M. J.; WHITEHEAD, J.; NTOUMANIS, N. Development of the attitudes to moral decision-making in youth sport questionnaire (AMDYSQ). *Psychology of Sport and Exercise*, v. 8, n. 3, p. 369-392, jan. 2007.

LEE, M.J. et al. Relationships among values, achievement orientations, and attitudes in youth sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, n. 30, 2008, p. 588-610. Disponível em: <<http://nntoumanis.googlepages.com/JSEP-publishedversion.pdf>>. Acesso em: ago. 2009.

SAGE, L. D. Predictors of moral behaviour in football: A thesis (Doctor of Philosophy Degree) 2006. School Of Sport And Exercise Sciences University Of Birmingham, England. 241 fl. Disponível em: <<http://etheses.bham.ac.uk/27/2/Sage07PhD.pdf>>. Acesso em: set. 2021.

SALDANHA, R.P. et. al. Atitudes morais de atletas juvenis no esporte de competição: um estudo com praticantes do futebol de campo. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v.10, n.9, p. 428-438, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/rbpe.v8i1.9322>. Acesso em: set. 2021.

SALDANHA, R. P. et al.. Values and attitudes in social sport: A test of the explanatory model of values and attitudes of sport. *Journal Of Human Sport And Exercise*, v. 15, p. 57-70, 2020.

SANMARTÍN, M. G. Valores sociales y deporte: la actividad física y el deporte como transmisores valores sociales y personales. Madrid: Editorial Gymnos, 1995.

SOBRINHO, L. G. P.; DE MELLO, R. M. F.; PERUGGIA, L. Influências de pais, técnicos e torcida. *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí, São Paulo: Editora Ápice, 1997. p. 57-80.

EXPERIÊNCIAS INOVADORAS DE ESPORTE IGUALITÁRIO: AVANÇOS DO eMUSEU DO ESPORTE NO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS COM ACESSOS INTERATIVOS E INCLUSIVOS

**BIANCA GAMA PENA
LAMARTINE DACOSTA**

RESUMO: O eMuseu do Esporte desde suas origens em 2019 tem representado a combinação de uma proposta tradicional de preservação da memória do esporte com aparatos digitais avançados.

Em termos de desenvolvimento, o eMuseu do Esporte opera como um empreendimento startup incubado sem propósitos comerciais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Neste caso, buscam-se soluções de transição entre hábitos tradicionais e novos modos de convivência, hoje acelerados pela pandemia COVID 19. Organizaram-se também 24 exposições e galerias 3D com acesso via Internet, como também se mantém edições de livros técnicos e cartilhas infantis complementares às exposições. Concluindo, importa relevar que já durante 2020 o eMuseu do Esporte alcançou uma audiência próxima a um milhão de participantes (visitantes e compartilhamentos nas redes sociais). O avanço mais atual, no final de 2021, consiste na proposta inovadora da “Carreta Interativa eMuseu do Esporte” que circulará nas cidades brasileiras a partir de janeiro 2022. Este projeto sintetiza a natureza igualitária e inclusivas desta entidade museológica digital desde que assume um ensaio pioneiro do padrão Metaverso, avanço tecnológico que simula a participação múltipla, diversificada e interativa de pessoas em variadas atividades, agora incluindo o esporte.

PALAVRAS CHAVE: Esporte Igualitário, Tecnologias Digitais, Metaverso.

ABSTRACT: Innovative Experiences of Egalitarian Sport: Advances of the eMuseum of Sport in the Use of Digital Technologies with Interactive and Inclusive Accesses. The eMuseum of Sport in its origin presented itself as a project of digital technologies but renewed by means of looking for solutions of transition between traditional habits and new modes of coexistence, today accelerated by the COVID pandemic. This innovative proposal has given rise to the "eMuseum of Sport's Interactive Trailer" that is now circulating in Brazilian cities. This proposal of Metaverse still rare in the world of sports was made possible by the production of a traditional mobility platform, i.e. a trailer for travel by public roads and streets and promotion of meetings without costs or impediments with users of any age, sex, physical condition and socioeconomic status. Thus, the new format of offers of the eMuseum of Sport aims to maintain its egalitarian and diversified purposes by giving them interactive and inclusive attributes, with routine precautions against Covid-19. Above all, the new participation offer makes the museum project of hybrid reach combining digital experiences on the Internet with mobility to reach participants in the places where they live.

KEYWORDS: Egalitarian Sport, Digital Technologies, Metaverso

A concepção do eMuseu do Esporte ocorreu ao longo de um período em que Bianca Gama Pena estagiou na Universidade Tecnológica de Munique, Alemanha, em 2017, visitando vários Museus de Esporte na Europa e intercambiando ideias via Internet com Lamartine DaCosta, então sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Ao retornar ao Brasil e dar continuidade ao seu doutorado nesta entidade em citação, passou a colaborar com a Inovuerj, setor da UERJ promotor e incubador de projetos de inovação, onde finalmente em 2018 nasceu formalmente o eMuseu do Esporte.

MEMÓRIA, TECNOLOGIA DIGITAL E STARTUP

Enquanto produto de inovação, o eMuseu do Esporte inicialmente representou a combinação de uma proposta tradicional de preservação da memória do esporte com aparatos digitais avançados, com este conjunto tornado viável por meio de uma gestão ao estilo tríplice hélice, i.e. integrando três suportes básicos: universidade, governo e empresa (1). Esta composição surgiu da elaboração da tese de doutorado de Bianca Gama Pena que a colocou em prática orientando o novo projeto dentro dos padrões da Inovuerj e da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Governo do Estado do Rio de Janeiro para projetos incentivados, resultando também no patrocínio da ENEL, empresa privada do setor de energia.

O modelo de gestão tríplice e os objetivos ligados à memória do esporte adaptados às tecnologias digitais foram ativados a partir de 2019 com progressiva incorporação de aperfeiçoamentos nos anos seguintes. Neste período, em específico nos anos de 2020 e 2021, o eMuseu do Esporte conviveu com os problemas sociais e gerenciais advindos da pandemia Covid-19 mas a sua natureza digital original permitiu um desenvolvimento constante e inovador sobretudo considerando sua opção operacional de 'startup', isto é, um empreendimento concentrado na inovação e com um mínimo de infraestrutura, rotinas e pessoal próprio. Para isso, o apoio técnico, administrativo e jurídico do Inovuerj foi fundamental, como também ocorreu com os

vários compartilhamentos com setores e cursos da UERJ no desenvolvimento das ações empreendidas (2).

CONVIVÊNCIA DO PASSADO COM O FUTURO

Em sua fase inicial, o eMuseu do Esporte optou por priorizar a preservação da memória do esporte nacional, o que na prática representou associações com entidades tradicionais do setor como confederações, órgãos militares, clubes tradicionais e o Comitê Olímpico do Brasil. Esta concertação de interesses criou uma base de sustentação permanente, somando 24 exposições e galerias 3D com acesso livre via Internet.

Neste estágio de partida o sentido igualitarista e inclusivo previsto pelo projeto ligado a uma universidade pública fez-se presente pela inclusão do Comitê Paralímpico Brasileiro entre as entidades líderes do esporte nacional nas exposições programadas. Por outro lado, o site de entrada das exposições e demais ofertas do eMuseu do Esporte foi organizado de modo a ter plena acessibilidade a visitantes vulneráveis.

CONVIVÊNCIA DO LOCAL COM O INTERNACIONAL

Também a base de sustentação inicial e depois permanente da nova proposta museológica, foi adaptada para ter significados e audiências internacionais assumindo três línguas nas exposições, português, inglês e espanhol. Este avanço coincidiu com iniciativas de associação com entidades brasileiras e estrangeiras – começando no Brasil com o Centro Esportivo Virtual-CEV e o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin-CBPC – integrando às exposições colaboradores de várias nacionalidades.

Ainda em 2020 foram inauguradas duas exposições temáticas que se tornaram complementares às demais ligadas a instituições tradicionais do esporte nacional: “70 Anos do Maracanã” e “Pelé 70 Anos”. Neste ano também foi lançada a exposição internacional “Reinventando o Esporte e os Jogos Olímpicos após Covid-19: Retorno a Pier-

re de Coubertin”, a qual constituiu empreendimento em conjunto com a CBPC tal qual como ocorreu com os temas ‘Maracanã’ e ‘Pelé’ com variadas associações. Este retorno a Pierre de Coubertin teve duas dezenas de autores internacionais e o apoio da Universidade de Tsukuba, Japão, na sua preparação.

Na mesma linha de procedimentos, é citável a parceria do eMuseu do Esporte com as Nações Unidas e o CBPC na organização em 2021 da exposição “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana”, temática apropriada para a compreensão do esporte como igualitário e diversificado, em convergência com as funções originais do eMuseu do Esporte. Neste caso, como também no resgate de Coubertin de 2020, livros complementares nas três línguas do eMuseu do Esporte foram lançados de modo a consolidar o conhecimento oferecido pelas exposições.

CONVIVÊNCIA COM APRENDIZAGEM TRADICIONAL

Diante da falta de evidências de que os nexos digitalizados redundam em conhecimento por parte de seus ‘leitores’ ou ‘visitantes’, sobretudo os ocasionais, o eMuseu do Esporte adotou todavia em 2020, a função de editora de ebooks como complementação das exposições. Portanto, além dos dois livros citados, ‘Coubertin’ e ‘Reflexões’, foram criadas duas linhas de publicações, ambas em versão ebook e disponíveis no site do eMuseu do Esporte para ‘downloads’ com acesso gratuito: uma de livros acadêmicos e de temas gerais para o grande público e outra de cartilhas para adolescentes, atendendo assim os antigos e novos interessados em temas esportivos sempre abordados a partir de fatos de memória e de práticas de sustentabilidade no esporte.

Nessas circunstâncias, a combinação de objetivos museológicos com propósitos educacionais e culturais veio ao encontro das origens do eMuseu do Esporte, incubado na UERJ e ligado a vários setores desta universidade sobretudo do Programa de Pós Graduação em Ciências do Esporte e Exercício – PPGCEE, origem dos dois formuladores iniciais do projeto, Bianca Gama Pena e Lamartine DaCosta.

CONVIVÊNCIA DE IGUALITARISMO COM METAVERSO

Importa relevar finalmente que em um período de 12 meses entre 2020 e 2021, o eMuseu do Esporte alcançou uma audiência próxima a um milhão de participantes nas suas realizações (visitantes e compartilhamentos nas redes sociais). Com este impacto expressivo, no final de 2021 o projeto incubado pela UERJ e patrocinado Enel Distribuição Rio, em conjunto com a Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Rio, por meio da Lei de Incentivo do Esporte, do Governo Estadual, deu continuidade aos seus experimento inovadores em tecnologia digital criando uma oferta de imersão em padrão metaverso, ou seja, dando a visitantes a oportunidade de uso de equipamentos de realidade virtual e de escolhas direcionais em práticas esportivas.

Esta proposta avançada e ainda rara no mundo dos esportes foi tornada possível pela produção de uma plataforma de mobilidade tradicional, i.e. uma carreta para deslocamento por vias públicas e estradas e promoção de encontros sem custos ou impedimentos com usuários de qualquer idade, sexo, estado físico e condição socioeconômica. Assim disposto, o novo formato de ofertas do eMuseu do Esporte pretende manter seus propósitos igualitários e diversificados dando-lhes atributos interativos e inclusivos, incluindo as rotinas de precauções com a Covid-19. Por outro lado, a nova oferta de participação torna o projeto museológico de alcance híbrido combinando as experiências digitais na Internet com a mobilidade para alcance dos participantes nos locais onde moram. A figura 1 mostra a primeira Carreta Interativa do eMuseu do Esporte posta em movimento em municípios do Estado do Rio de Janeiro, em dezembro de 2021 (3;4).

Em conclusão, o bem-sucedido projeto do eMuseu do Esporte sintetiza em seu estado atual a compreensão e busca do tão esperado “esporte para todos”, antecipado por Pierre de Coubertin há mais de um século e que agora ressurgue dentro de uma moldura típica da Era Digital.

REFERÊNCIAS

- (1) Gama Pena, B., DaCosta, L., Miragaya, A. e Vilela, R. (2020) eMuseu do Esporte 2020. Rio de Janeiro: eMuseu do Esporte, p. 5 – 22. Disponível em: www.emuseudoesporte.com.br

(2) Gama Pena, B. (2020) eMuseu Nacional do Esporte: Promovendo Novas Soluções de Ecossistemas em Inovações, Tecnologias e Startups. In Miragaya, A., DaCosta, L., Turini, M. e Gomes, M. (Eds) Tecnologia, Inovações e Startups no Esporte. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, p. 89 – 100.

(3) TV Band Notícias (2021) Carreta Interativa do eMuseu do Esporte. Vídeo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=1yMAK3dfbws>

(4) TV GLOBO (2021) Carreta Interativa do eMuseu do Esporte. Vídeo disponível em: <https://youtu.be/OLj7N6tMJDs>

A PROMOÇÃO DA PAZ E OS VALORES OLÍMPICOS NA PERSPECTIVA DO e-SPORT: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO OLYMPIC VIRTUAL SERIES

Leonardo Jose Mataruna-Dos-Santos
Andressa Fontes Guimaraes-Mataruna

RESUMO: A organização da primeira edição do *Olympic Virtual Series* abriu uma janela de trabalho no Movimento Olímpico. Com a aproximação do universo do e-Sport e as infinitas possibilidades de se tra-

balhar elementos básicos de Educação Olímpica, além dos elementos de promoção da paz, o Comitê Olímpico Internacional escreveu um novo capítulo na história do esporte. O presente capítulo é um estudo de caso a respeito do jogo Zwift, utilizado nas provas de e-Sport – ciclismo, apresentado na nova série Olímpica digital e a identificação de elementos que podem ser explorados para a Educação Olímpica e promoção para a paz.

PALAVRAS-CHAVE: e-Sport; Ciclismo; Valores Olímpicos; Paz.

ABSTRACT: The *Olympic Virtual Series* (OVS), organized by the International Olympic Committee (IOC), has paved the way for e-Sports to become mainstream and represents the first steps taken by the IOC to enter the metaverse. This chapter is a case study on one of the OVS discipline – cycling event - which utilized Zwift, an online multiplayer cycling training program. It also aims to explore the elements which will enable the IOC to integrate Olympic values and promote education and peace.

KEYWORDS: e-Sport; Cycling; Olympic Values; Peace.

INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos Tóquio 2020 representaram um grande marco na história, seja por conta de seu atraso motivado pela pandemia de Covid-19 impactando na realização do evento um ano depois sem a presença de espectadores; ou a inclusão de competições no ambiente digital com a organização da primeira edição da *Olympic Virtual Series*. Se por um lado, o contexto pandêmico pode ser considerado um grande obstáculo e/ou prejuízo econômico para os organizadores dos Jogos Olímpicos, por outro lado, criou-se a abertura e inclusão de competições em contexto digital. Sendo assim, ampliou-se a participação de jogadores de diferentes nacionalidades, consoles, e modalidades como já se discutia a questão em voga no Movimento Olímpico e na própria academia, de como promover os jogos eletrônicos em uma perspectiva esportiva.

Nos últimos anos argumentos distintos sobre incluir ou não os e-Sports (Jogos Eletrônicos) no programa olímpico já promoviam destaque na mídia; além das investigações acadêmicas que discutiam a legitimidade de considerar os e-Sports como esporte (Wanick, Mataru-

na-Dos-Santos, 2021; Parry, 2019; Mataruna-Dos-Santos and Wanick, 2018; Guimaraes-Mataruna et al, 2017; Wanick, Mataruna-Dos-Santos, and Guimaraes-Mataruna, 2017a; Wanick, Mataruna-Dos-Santos and Guimaraes-Mataruna, 2017b; Wanick, Mataruna-Dos-Santos and Guimaraes-Mataruna 2017c; Mataruna-Dos-Santos, Wanick and Guimaraes-Mataruna, 2016).

Thiel e John (2019) afirmam que na perspectiva do debate público os e-Sports já são vistos como configurações competitivas no qual um jogador ou equipe lutam pela vitória baseada no sistema de pontos de cada jogo, com regras estruturadas e válidas para todos os participantes. Mesmo assim os autores afirmam que a discussão sobre os e-Sports serem ou não definidos como esportes estão longe de ser resolvidos (Thiel & John, 2019). Muitas destas divergências foram pontuadas por Todt et al. 2020, que realizaram uma investigação recente de revisão de literatura que assinalaram as seguintes categorias discutidas na academia: (1) aspecto social; (2) institucionalização, gestão e administração; (3) aspectos físicos, humanos e de habilidade dos e-Sports; e (4) Para-sport. Apesar dos autores constatarem a presença de variadas citações na literatura atual discutindo a impossibilidade de categorizar os e-Sports como esporte, Todt et al. (2020) em sua conclusão mencionam o evento Intel World Open que ocorreu em 2020 como “um passo importante para um futuro engajamento dos games junto ao Movimento Olímpico”. Conseqüentemente, eventos como esse já demonstravam uma abertura de possíveis competições futuras pensadas no ambiente digital como o foco de engajar mais pessoas.

No que tange a visão do Comitê Olímpico Internacional, o presidente Thomas Bach em 2017, já havia afirmado sobre a possibilidade de incluir os e-Sports nas Olimpíadas, uma vez que fosse mantido os valores olímpicos e que excluísse jogos com conteúdo violento (Reuters, 2017). Thomas Bach afirmou neste mesmo período que desejava: “promover a não discriminação, a não violência e a paz entre as pessoas. Isso não combina com os videogames, que são sobre violência, explosões e mortes. É preciso traçar um limite claro.” (Istoé, 2021). Esta preocupação do Comitê se torna pertinente ao abordar uma indústria que atinge um público que não raro os videogames de violência se tornam extremamente populares. Os jogos chamados de “first-person shooter”, em português “jogos de tiro em primeira pessoa”, permitem que o jogador vivencie, por exemplo, a experiência de combate através da visão do protagonista. A narrativa normalmente deste gênero envolve a estratégia de “correr e atirar”, e permite que os adversários sejam jogadores reais ou “Non-Playing Charac-

ters” (NPCs), que são controlados pelo próprio computador (Elias, 2009). Estudos realizados para investigar como os jogos que contém teor violento impactam em jovens, demonstram a tendência desse material despertar sentimentos de raiva (Lull & Bushman, 2016).

Outra perspectiva que se discute além do conteúdo de agressividade, seria o tempo em que estes jogadores ficam expostos e imersos dentro do ambiente digital. Liu, Lo e Wei (2020) alertam para o tempo de exposição a jogos de violência, e a questão da telepresença, os pesquisadores argumentam que os jogos dependem de uma maior interatividade com os jogadores, desta forma, o personagem e o roteiro são desenvolvidos a partir dos comandos fornecidos. Esse ambiente de interatividade desperta um senso de vivência da realidade (Lin, 2013), e principalmente os videogames de alta tecnologia despertam efeitos de imersão nos jogadores que afetam sua capacidade cognitiva, tornando-se difícil a separação do mundo virtual e real (Bracken & Skalski, 2009; Liu, Lo & Wei, 2020).

Traçar esse limite entre potenciais jogos que poderiam representar e se tornar parte do conteúdo Olímpico, reflete a importância da estratégia de continuar prezando não só a competição independente do meio, mas reflete também a estrutura que preza sobretudo a manutenção de valores olímpicos descritos na Carta Olímpica, como a amizade, excelência e respeito. Desta forma, ao desenvolver a Olympic Virtual Series que foi considerada pelo próprio COI como uma nova vivência digital olímpica com o foco no aumento do engajamento com o público no campo dos e-Sports, foram selecionadas cinco modalidades diferentes. Desse modo, as modalidades escolhidas foram automobilismo, beisebol, ciclismo, remo e a vela (ver tabela 1).

Tabela 1. Jogos selecionados pelo Comitê Olímpico Internacional

Modalidade	Nome do Jogo	Instituição (Stakeholds)	Tipologia do Jogo
Automobilismo	Grand Tourism	International Automobile Federation (FIA)	Videogames Inativos
Beisebol	eBaseball Powerful Pro Baseball 2020	World Baseball Softball Confederation (WBSC)	Videogames Inativos
Ciclismo	Zwift	Union Cyclist Internationale (UCI)	Videogames Ativos
Remo	Open Format	World Rowing (WR)	Videogames Ativos
Vela	Vitual Regatta	World Sailing (WS)	Videogames Inativos

*Desenvolvido pelos autores a partir dos dados fornecidos pelo COI (2021).

Dentre estas escolhas, observa-se a presença de jogos chamados de Videogames Ativos (VGAs) e Videogames Inativos (VGIs). Videogames Ativos podem ser chamados também de exergames, e são considerados os jogos eletrônicos com maior interatividade que utilizam o movimento do jogador tal como realizado na “vida-real” (Bailey & McInnis, 2011). Estes jogos que exigem que os jogadores realizem comandos físicos, diferem da perspectiva dos Videogames Inativos relacionados a passividade e ao sedentarismo (Vandewatter et al. 2004). A inclusão de VGAs que obtiveram inclusive a participação de atletas olímpicos e paralímpicos profissionais em uma mesma competição, pode ter sido uma escolha do COI em face a possíveis críticas dessa implementação. Embora, não seja um fato assumido publicamente, os videogames que envolvem o esforço físico real do participante, podem minimizar críticas a passividade, que por outro lado ocorre em jogos inativos.

Dentro dessa perspectiva de avaliar as escolhas e a realização do evento em si, o estudo visa identificar e analisar as representações dos valores olímpicos disponíveis na Carta Olímpica (2020) que guarda os ideais do Olimpismo pensados desde o início dos Jogos Olímpicos da Era Moderna por Pierre de Coubertin. Para realizar a investigação, observou-se o contexto geral da apresentação do evento no canal Olympics disponibilizado pela plataforma do YouTube. Dentro da análise foram observados os aspectos do jogo em si, além da narrativa desenvolvida pelos apresentadores do evento e dos jogadores participantes. Como as competições ocorreram em um ambiente digital, e que naturalmente permite também a interação direta com a audiência, não foram avaliados ou considerados, por exemplo, os comentários ou observações do público. Para este capítulo foram discutidos os dados encontrados a partir da observação do jogo Zwift, modalidade do ciclismo.

OLYMPIC VIRTUAL SERIES

A *Olympic Virtual Series* foi definida pelo COI como uma nova vivência digital olímpica, e a sua concepção foi pensada a partir da recomendação de número nove da Agenda Olímpica 2020+5, que afirma o objetivo de: “Incentivar o desenvolvimento de esportes virtuais e se envolver ainda mais com as comunidades de videogame” (COI, 2021). No documento constam quinze recomendações para o de-

envolvimento de ações e estratégias para implementação até 2025. Conseqüentemente, o foco do evento já envolveu uma das recomendações de “incentivar a participação nos esportes e promover os valores olímpicos com foco especial na juventude” (COI, 2021).

As competições no ambiente digital aconteceram antes da realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, entre o período de 13 de maio até 23 de junho de 2021. A data escolhida para o encerramento do evento marca a celebração do Dia Olímpico destinado a divulgar o esporte prezando os valores olímpicos. A escolha desta data específica reflete a preocupação de aliar mais uma vez a proposta de expor os ideais do Olimpismo em um evento digital. A realização das competições foi anunciada somente no final de abril de 2021. Para cumprir as exigências de um evento no padrão do COI, foram desenvolvidos regulamentos com as regras gerais de seleção dos competidores, pontuações e escala, para cada uma das cinco modalidades. No ambiente virtual, por exemplo, pessoas com deficiência ou sem deficiência competiram juntas. Assim como homens e mulheres participaram de uma mesma competição. Os participantes também poderiam ser de faixa etária distintas.

VALORES OLÍMPICOS

Apesar dos três valores Olímpicos fundamentais compreenderem a Excelência, Amizade e o Respeito conforme descritos na Carta Olímpica (2020). Existem distintas definições destes valores na visão de especialistas envolvidos nos estudos do Movimento Olímpico. Preuss, Schütte, Könecke e DaCosta (2016) realizaram uma investigação com cerca de 1.500 pesquisadores e profissionais especialistas em Jogos Olímpicos de diferentes países e identificaram que os valores citados por meio de lembrança espontânea foram: a) jogo limpo, b) respeito/tolerância, c) excelência, d) amizade, e) internacionalismo/universalidade e, f) paz.

Para a análise desenvolvida neste estudo utilizamos como referência os valores olímpicos, tal como descritos na pesquisa dos autores. Uma vez que as transformações no Movimento Olímpico foram refletidas a partir da percepção de especialistas associados aos Jogos Olímpicos em uma visão contemporânea.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para a investigação dos valores olímpicos na *Olympic Virtual Series* foi utilizado uma adaptação do modelo de análise realizado a partir do Jogo Mario & Sonic At The Rio 2016 Olympic Games (Mataruna-Dos-Santos, Wanick, Guimarães-Mataruna, 2016). Na qual considerou-se os Personagens, Cenário, NPCs, Mecânicas, Narrativa (do jogo, apresentadores, e jogadores entrevistados). Com o objetivo de identificar as mensagens e valores elucidados transmitidos. Para o presente capítulo, foram avaliadas somente as competições de ciclismo, desta forma, buscas por ideais de paz e valores olímpicos serão discutidos dentro da perspectiva das competições que envolveram o jogo Zwift.

O jogo Zwift foi desenvolvido em setembro de 2014 e opera em diferentes sistemas e plataformas, atualmente possui o custo de 14,99 dólares por mês (Zwift, 2021). Para realizar o perfil torna-se necessário fornecer dados como peso e potência para calcular quantos watts por quilo serão utilizados para definição da dificuldade do percurso. Para a utilização do jogo é preciso obter alguns itens como: “a) uma bicicleta b) turbo simulador ou conjunto de rolo de treinos c) um medidor de potência, um turbo simulador inteligente ou sensores de velocidade/cadência que podem ser conectados via Bluetooth ou ANT+ d) Um computador, smartphone ou tablet com ligação Bluetooth ou ANT+” (Canyon, 2021). O cenário do jogo varia de acordo com a localização da competição escolhida. As pistas de competições são atualizadas constantemente por seus desenvolvedores, e os jogadores podem desafiar outros jogadores reais ou competir contra os NPCs, controlados pelo próprio computador. O jogo fornece a possibilidade de enxergar a competição com a variação de ângulos e posicionamentos.

Na transmissão do Comitê Olímpico Internacional no dia 18 de junho de 2021, as regras foram explicadas para o público através da apresentadora Gabby Logan, que apresentou os jogadores um por um. Matt Stephens e Dani Rowe trabalharam como narradores da competição, e realizaram uma introdução sobre o jogo apresentando algumas características gerais sobre o jogo Zwift. Em entrevistas com os jogadores foram elucidados pontos como a saúde mental que pode ser melhorada a partir dos jogos eletrônicos por conta das consequências da pandemia de Covid-19. Outro ponto foi o esforço físico que é necessário ser feito bem semelhante a uma competi-

ção de ciclismo, por se tratar de um jogo de Videogames Ativos. A competição ocorreu entre ciclistas profissionais inclusive campeões olímpicos e amadores, na pista de ficção Mukuri Islands, inspirado no cenário da natureza e cultura japonesa.

No ambiente virtual, pessoas com deficiência ou sem deficiência podem competir juntas. Como foi por exemplo o caso da britânica Dame Sarah Strorey, atleta paralímpica na natação e ciclismo, quinze vezes medalhista de ouro. Strorey que já competiu antes em eventos com pessoas sem deficiência em 2010 nos Jogos da Commonwealth na Índia, competiu novamente na *Olympic Virtual Series* sem distinção de gênero e pessoas com ou sem deficiências. Essa informação foi inclusive discutida entre a apresentadora e os jogadores como benefício de integração e encorajamento de pessoas sem distinção tornarem-se ativas. No entanto, observa-se o fato de que na competição com 16 participantes, 10 atletas eram do Reino Unido, este número elevado de competidores britânicos impacta na promoção do universalismo, uma vez que há a predominância desta nacionalidade. Neste sentido, torna-se necessário investigar possíveis formas de integrar melhor jogadores de outras nacionalidades dentro da competição. Nos eventos classificatórios de e-Sport há a possibilidade de se oferecer uma maior oportunidade de inclusão de países e pessoas do que em uma competição esportiva convencional. No entanto, participantes com melhores equipamentos e melhores condições de preparação tendem a se classificar mostrando que a hegemonia de esportes tradicionais no movimento olímpico com os jogos convencionais (analógicos), tendem a se repetir em uma plataforma digital.

O gráfico do jogo foi elogiado durante as competições, o participante Chris Hoy inclusive foi mencionado por ter um Avatar bastante real e com características bem parecidas com sua fisionomia. Durante a narração da competição, o estilo foi bem parecido com a narrativa de um evento de ciclismo profissional com o foco da narração na performance do atleta. Ao mesmo tempo que era possível acompanhar o jogo, uma pequena tela com as imagens reais dos participantes era apresentada.

Em relação a investigação sobre o valores olímpicos e promoção da paz, foram identificados mas de modo muito insipiente com raros elementos durante as transmissões das competições da *Olympic Virtual Series* na modalidade ciclismo. A apresentadora Gabby Logan afirma em uma das suas falas que este evento permite a inte-

gração do Movimento Olímpico em um ambiente digital, mas não explora ou desenvolve essa questão. Identificou-se, portanto, uma limitação a não menção de outros valores olímpicos e a expansão deste debate em competições da modalidade de ciclismo durante a *Olympic Virtual Series*. Futuras pesquisas e análises deverão ser empregadas em outros jogos a fim de acompanhar se a transmissão de outras modalidades permitiu o maior engajamento com mensagens voltadas para promoção de valores olímpicos e a paz especificamente. Compreende-se que o foco das transmissões e a narrativa em si emprega as mesmas características de uma competição olímpica, contudo, o ambiente digital que permite maior interação com o público, observamos que não houve nenhuma interação via chat, ou através de qualquer outra iniciativa online. Além de explorar valores olímpicos, estratégias para melhorar a interação com o público virtual podem ser desenvolvidas a fim de expandir os objetivos do COI na agenda Olímpica 2020+5.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os valores olímpicos e a promoção da paz precisam ser mais enfatizados, tanto no período pré-competição como parte de um novo momento da educação olímpica, mas sobretudo durante o período competitivo e pós-evento. O universo do e-Sport é muito novo para uma estrutura analógica do paralelo Olímpico, o que requer com que novos mecanismos educacionais sejam elaborados visando uma linguagem competitiva virtual. Deve-se repensar também a ampliação da percepção do que se pode transferir dos Jogos Modernos Olímpicos, para esta nova fase que se experiencia, uma era digital. O que percebe-se é que o novo momento do esporte olímpico despertou novos seguidores para este novo seguimento, mas que os programas educativos e elementos de promoção da paz precisam ser discutido englobando uma linguagem mais despojada em que se possa gerar um engajamento de novos consumidores, sobretudo para jovens e crianças. A seleção dos jogos para a série virtual, parece ter atraído não só a atenção de novos espectadores que acompanharam os eventos nas redes sociais, mas também para jogadores profissionais de e-Sport. Recomenda-se que propostas educacionais na perspectiva olímpica sejam preparadas para as próximas edições Olímpicas Virtuais.

REFERÊNCIAS

Bailey, B.W., & McInnis, K. (2011). Energy Cost of Exergaming: A Comparison of the Energy Cost of 6 Forms of Exergaming. *Arch Pediatr Adolesc Med*, 165(7), 597–602. doi:10.1001/archpediatrics.2011.15

Bracken, C. C., & Skalski, P. (2009). Telepresence and video games: The impact of image quality. *PsychNology Journal*, 7(1), 101–112.

Canyon. (2021). O derradeiro guia do Zwift para principiantes. Disponível em: <https://www.canyon.com/pt-pt/blog-content/guide-to-zwift-for-beginners.html>

Comitê Olímpico Internacional - COI. (2021). *The Olympic Virtual Series*. Disponível em: <https://olympics.com/en/featured-news/olympic-virtual-series-everything-you-need-to-know>

Comitê Olímpico Internacional - COI. (2021). *Inaugural Olympic Virtual Series* concludes successfully. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/news/inaugural-olympic-virtual-series-concludes-successfully>

Comitê Olímpico Internacional - COI. (2020) *Olympic Agenda 2020+5*. Disponível em: https://stillmedab.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/What-We-Do/Olympic-agenda/Olympic-Agenda-2020-5-15-recommendations.pdf#_ga=2.109055877.1262524182.1617693851-616753925.1575537379

Comitê Olímpico Internacional - COI. (2020). *Carta Olímpica*. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/ES-Olympic-Charter.pdf>

Elias, H. (2009). *First Person Shooter: The Subjective Cyberspace*. Covilhã: LabCom Books.

Istoé. (2021). e-Sports podem fazer parte das Olimpíadas? Entenda a situação. Disponível em: <https://istoe.com.br/esports-podem-fazer-parte-das-olimpiadas-entenda-a-situacao/>

Guimaraes-Mataruna., A.F, Wanick, V., Range, D., and Mataruna-Dos-Santos., L.J. (2017). Rio de Janeiro eGames Showcase 2016: Where are the Olympic Values? Proceedings of the 2017 Olympic Forum, Santa Úrsula University, August 4-5, Rio de Janeiro, Brazil.

Lin, J.-H. (2013). Identification matters: A moderated mediation model of media interactivity, characteristic identification, and video game violence on aggression. *Journal of Communication*, 63(4), 682–702.

Lull, R. B., & Bushman, B. J. (2016). Immersed in violence: Presence mediates the effect of 3D violent video gameplay on angry feelings. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(2), 133–144. <https://doi.org/10.1037/ppm0000062>

Liu, X., Lo, V., & Wei, R. (2020). Violent Videogames, Telepresence, Presumed Influence, and Support for Taking Restrictive and Protective Actions. *SAGE Open*. doi:10.1177/2158244020919524

Mataruna-Dos-Santos, L.J., and Wanick, V. (2018) Cryptocurrencies in the ludic economies: the case of contemporary game cultures. In: Salman, Asma, *Cryptocurrencies*. Prague: IntechOpen, DOI 10.5772/intechopen.80950.

Mataruna-Dos-Santos, L.J., Wanick, V., & Guimarães-Mataruna, A.F. (2016). Legados de Games, Advergames e Megaeventos Esportivos. *Z Cultural*, 2 (1), 1-13.

Parry, J. (2019) E-sports are Not Sports, *Sport, Ethics and Philosophy*, 13:1, 3-18.

Preuss, H., Schütte, N., Könecke, T., & DaCosta, L. (2016). Valores associados aos jogos olímpicos. *Ciência e Cultura*, 68(2), 43-49. <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000200014>.

Reuters. (2017). Olympics: e-sports could be sports activity, says IOC. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-olympics-summit-idUSKBN1CX0IR>

Thiel.A., & John, J.M. (2019). Is e-Sport a ‘real’ sport? Reflections on the spread of virtual competitions. *European Journal for Sport and Society*,15(4).

Todt, N.S., Pase, A.F., Scarton, A.M., Rolim, L.H., Berlitz, G.Z., & Baptista, L.V. (2020). The e-Sports and Olympic Games: Perspectives of an ongoing debate (in Portuguese). *Journal of Human Sport and Exercise*, 15(1proc), S94-S110. doi:<https://doi.org/10.14198/jhse.2020.15.Proc1.10>

Vandewater, E.A., Shim, M., & Caplovitz, A.G. (2004). Linking obesity and activity level with children's television and video game use. *J Adolesc*, 27(1), 71-85

Wanick, V.; Mataruna-Dos-Santos, L.J. (2021). "The state of digital gaming and play post-COVID." Retrieved from: <http://www.alexander.it/37-StateDigitalGaming.pdf>

Wanick, V., Mataruna-Dos-Santos., L.J., and Guimaraes-Mataruna, A.F. (2017a). Power-ups as digital doping: the role of games design in the promotion of anti-doping messages, Proceedings of the ABEP-UK Conference 2017, Imperial College London, June 10, London, United Kingdom.

Wanick, V., Mataruna-Dos-Santos, L.J., and Guimaraes-Mataruna, A.F. (2017b). e-Sports and Olympic Games: situational analysis of Rio 2016 case study, Proceedings of the ABEP-UK Conference 2017, Imperial College London, June 10, London, United Kingdom.

Wanick, V., Mataruna-Dos-Santos, L.J., and Guimarães-Mataruna, A.F. (2017c). The role of video-games in mega-events: footprints connections. In: Mataruna-Dos-Santos, L.J., and Pena, B.G. (2017). *Mega Events Footprints: Past, Present and Future*. Available at: https://matarunadotorg.files.wordpress.com/2017/09/2017_e-book_footprints_book_download.pdf. Rio de Janeiro: Engenho, 301-319, ISBN: 978-85-69153-02-3

Zwift. (2021). Zwift Game. Disponível em: <https://www.zwift.com/eu>

REFUGIADOS
REFUGEES
REFUGIADOS

BUILDING ON THE OLYMPIC EXAMPLE: EMBEDDING OLYMPIC VALUES IN REFUGEE INTEGRATION THROUGH SPORT

John Dorber

RESUMO: A criação da Equipe Olímpica de Refugiados pode ser vista como uma poderosa declaração do compromisso olímpico com a participação universal no esporte. Os valores que sustentam isso são bem estabelecidos no movimento esportivo e têm encontrado expressão mais amplamente em textos internacionais importantes. Este capítulo examina quais impactos mais amplos podem ser imaginados na aplicação desses valores a populações historicamente sub-representadas no esporte, especificamente os refugiados. Sugere que a ação multinível pode fornecer um importante caminho para melhorar a trajetória de integração das pessoas que chegam a um país buscando proteção internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Integração; Refugiados; Participação.

ABSTRACT: The establishment of the Refugee Olympic Team can be viewed as a powerful statement of the Olympic commitment to universal participation in sport. The values underpinning this are well-established in the sport movement and have more broadly found expression in important international texts. This chapter examines what broader impacts can be envisioned in applying these values to historically underrepresented populations in sport, specifically refugees. It suggests that multi-level action can provide an important pathway for enhancing the integration trajectory for those persons who arrive in a country seeking international protection.

KEYWORDS: Integration; Refugees; Participation.

“The goal of Olympism is to place sport at the service of the harmonious development of humankind, with a view to promoting a peaceful society concerned with the preservation of human dignity.”¹

This fundamental principle of Olympism is a strong challenge to its signatories, and implementing these obligations has been never more appropriate as we are confronted by a world that is faced by upheaval, suffering, and conflict which has led to ever higher numbers of displaced persons in need of international protection.

Throughout the history of the Olympic Movement, it has been said, seen, witnessed that through powerful symbols and gestures that the Olympic games can open the way to dialogue, open the way to a more peaceful future. We continue to see the Olympics confronting the major issues of our time, and reflecting back to us who we are as a global society, and who we aspire to be.

This is patently the case when viewing the establishment of a Refugee Olympic Team at the 2016 Olympics. As the number of displaced persons due to conflict, persecution, or discrimination continued to grow, the Olympic Movement acted to provide a space that reflected its values, that proves that sport can be for all. It demonstrated, concretely, solidarity for the loss of homeland, the separation from families, and social networks that displacement may entail by ensuring that those who may have suffered such loss remain part of this global community, that the universality of the message of friendship of the Olympic Movement is as relevant as it ever has been. The establish-

ment of the Olympic Refugee Foundation and the use of the Olympic Solidarity mechanism for enhancing the identification and selection process for a new Refugee Olympic Team for Tokyo 2020 demonstrated further evidence of this commitment to “sport for all”.

The challenge that remains is how to follow the lead provided by the Olympics. How do these values translate more widely to daily action, to action at every level of the sport movement? How do we provide avenues that help break down barriers that may exist between different parts of our society?

The benefits of participation in sport have been closed all too often to refugees, who have been uprooted from their homeland and find themselves in a new country. Separation from families, social networks, and wider cultural background can compound the precarity this situation presents. Enhancing community cohesion through sport to help build relationships, improve communication, foster senses of belonging is something the Olympic values ask of all of us as we continue our journeys in sport.

In interrogating the idea of enhanced community cohesion via sport, the role of sport as a vector for integration will be examined, from the perspective of the European experience since 2015.

SPORT AND INTEGRATION

Integration is a multidimensional process, which has numerous social, education, spatial, and economic facets.² Effective integration has been defined as people from outside a host society achieving the same social and economic outcomes as natives.³ Currently, in the European space, those who have arrived into Europe currently fare worse than native citizens in relation to employment, education and social inclusion outcomes.⁴ Those with a refugee background face particular difficulties which may include further vulnerabilities, lack of documentation related to qualifications or education, inadequate housing, inactivity during long asylum procedures, but also, pertinently, cultural and language barriers and risks of stigmatisation.⁵ These added vulnerabilities can impede integration prospects, with studies suggesting vulnerable migrant groups may take some 15 years to reach similar employment rates as native born populations.⁶ As such,

the need for effective integration policies and efforts are clear for the mutual advantage of host states and incoming populations.

What role can sport play in this? Firstly, it should be addressed that sport in itself is an ambivalent tool in building bridges between people of different backgrounds and nationalities.⁷ Sport can reproduce ethnic and national distinctiveness, reinforce or reflect social tensions, and as such be a battleground for identity, difference, chauvinism. Indeed, the existence of the Refugee Olympic Team itself can raise questions of contested identity, with athletes competing neither under the banner of their country of origin nor of their country of residence. The integrative capacity of sport is not inherent in activity alone, and the simple pursuit of a shared activity is not able to overcome challenges presented by arriving in a new country.⁸

It is therefore necessary to note the need for ‘active integration’.⁹ The ability of sport to enhance the integration of migrants in a society is a two-way process between migrants and the residents of the host country. The Olympic example in showcasing openness and inclusion is a notable step in this venture, and its effects be reinforced by purposeful policy action and intervention at all levels. Sport organisations can play an important role in broader societal action including governments and local authorities to facilitate, support, and promote the integration efforts of individuals. The effects of this on integration trajectories can be multifaceted, with impact across several integration indicators mentioned above, interacting with health, education, social outcomes.

By taking action in making the sport movement inclusive, accessible, welcome to people of all backgrounds, sports clubs are enriched, and become a forum for new friendships, new networks, and stronger communities. Committing to “sport for all” necessitates this, and indeed, sport has frequently taken action to enhance its inclusiveness, such as regarding gender, race, ethnicity, physical and intellectual ability, sexual ability. Ensuring people with migration backgrounds can access sport on an equal footing to those in a host society has clear advantages for physical wellbeing, for mental wellbeing, individual development, life satisfaction, and social and community development.¹⁰

The acceleration of efforts to enhance sport as a forum for integration has been notable since 2015, and was expressed in the adoption

of the Global Compact on Refugees, an international framework for strengthened cooperation and solidarity with refugees.¹¹ This Compact specifically recognised the “important role that sports [...] can play in social development, inclusion, cohesion and wellbeing”.¹² Equally, a number of pioneering initiatives from National Olympic Committees,¹³ accompanied by information sharing and the development of best practices for including refugees in sport, have acknowledged the vulnerabilities and disadvantages that refugees may face on the basis of their identity, and accordingly adapted structures and services to meet the needs of diverse populations.

Mapping exercises of sports programmes and activities across Europe have demonstrated the wide range of activities that have been provided to enhance integration.¹⁴ Yet frequently these projects are run on an ad hoc, voluntary basis, with much of the drive coming from grassroots movements. These initiatives, and the expertise and networks developed within need to continue to be supported by providing a sustainable basis and continuing to improve co-operation with such movements. Allied to this, equality agendas of sporting organisations can review barriers to participation for groups such as refugees, and use their specific local knowledge to address obstacles preventing refugee participation, and seek solutions to facilitate such participation.

CONCLUSION

This chapter stresses that integration is a long-term, gradual process – contingent on regional and individual specificities. The linguistic, social, and cultural barriers differ widely on a case-by-case basis, and it is evidently the case what might be appropriately adapted sport programmes in Europe may not be appropriate for the needs of refugees in other parts of the world. Yet, by following the core Olympic commitment to preserving human dignity, the use of sport to enhance this process has enhanced the trajectories of numerous individuals globally.

The strong basis for future action in the domain of sport inclusion and integration for refugees is clear from internationally agreed texts, such as the Global Refugee Compact and the Olympic Charter, and highlights that stakeholders at all levels have committed to engagement in this domain. The complexity of translating the shared values

found in such texts into concrete action permeating through all levels of the sporting pyramid remains an ongoing task.

Our core ambitions deriving from our shared values suggest sport can and should be maximised for its positive impact in providing unity, solidarity, and paths to cohesion by being accessible to everyone irrespective of background. Cultural sensitivity, welcoming atmospheres, and inculcating a sense of shared identity has these beneficial effects for all parties involved, and should remain a central pillar of the work in embedding the Olympic values at all levels of sport.

NOTES

1 IOC, Olympic Charter (Lausanne: IOC, 2019), para 2.

2 OECD/European Union, *Settling In 2018: Indicators of Immigrant Integration*, OECD Publishing, Paris/European Union, (2018), 25.

3 *Ibid*, 8.

4 See Eurostat data: http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migrant_integration_statistics_-_overview and OECD/European Union (2015), *Indicators of Immigration Integration 2015 – Settling In*: <http://www.oecd.org/els/mig/Indicators-of-Immigrant-Integration-2015.pdf>

5 (2016) 377 final, (2016).

6 OECD (n 2), 11.

7 See, for example, D. Blecking, “Integration through Sports? Polish Migrants in the Ruhr, Germany”, *IRSH* 60 (2015), Special Issue, pp. 275-293.

8 *Ibid*, 277.

9 Mark Doidge, Marc Keech & Elisa Sandri (2020) ‘Active integration’: sport clubs taking an active role in the integration of refugees, *International Journal of Sport Policy and Politics*, 12:2, 305-319

10 World Bank, Inclusion Matters: The Foundation for Shared Prosperity. New Frontiers of Social Policy (Washington DC, 2013).

11 United Nations, Global Compact on Refugees, New York, 2018.

12 Ibid, para 44.

13 See, for example, Deutscher Olympischer Sportbund, Integration durch Sport.

14 See, for example, Enlarged Partial Agreement on Sport, Sport Migrant Integration Platform.

DIGNIDADE HUMANA EXPRESSA PELA EQUIPA DE REFUGIADOS

Leonardo Cunha

RESUMO: A reflexão que faço neste ensaio foi realizada durante os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Promover a dignidade humana através de gestos simbólicos pode ter um efeito catalítico e tocar intrinsecamente "a alma" de várias pessoas. Em outubro de 2018, faltando apenas dois anos para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, a sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI) decidiu que haveria uma Equipe Olímpica de Refugiados para Tóquio 2020, que participou com 29 atletas competindo em 12 modalidades. Esta equipe está enviando uma mensagem de esperança e solidariedade para as mais de 82 milhões de pessoas forçadas ao deslocamento no mundo. O Comitê Paralímpico Internacional (CPI) confirmou então os planos de enviar até seis atletas para os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020. Há uma clara determinação por parte do COI e do CPI para promover a existência de outras equipes de refugiados, em relação aos jogos continentais (como Jogos Africanos ou Asiáticos).

PALAVRAS-CHAVE: Refugiado; Tokyo 2020; COI; CPI.

ABSTRACT: The reflection I do in this essay was carried out during the Tokyo 2020 Olympic Games. Promoting human dignity through symbolic gestures can have a catalytic effect and intrinsically touch "the soul" of various people. In October 2018, with only two years to

go until the Tokyo 2020 Olympic Games, the International Olympic Committee (IOC) session decided that there would be an Olympic Refugee Team (ORT) for Tokyo 2020. The ORT participated with 29 athletes competing in 12 disciplines. This team is sending a message of hope and solidarity to the more than 82 million people who were forced to displace in the world. The International Paralympic Committee (IPC) then confirmed plans to send up to six athletes to the 2020 Tokyo Paralympic Games. There is a clear determination on the part of the IOC and IPC to promote the existence of other refugee teams, regarding continental games (such as African or Asian games).

KEYWORDS: Refugee; Tokyo 2020; IOC; IPC.

A reflexão que faço neste ensaio foi realizada durante a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Na qualidade de chefe de missão de Cabo Verde nos jogos, vejo-me mergulhado no verdadeiro significado dos Jogos no que diz respeito à Dignidade Humana. Penso que o espaço onde agora me encontro, permite ter uma reflexão emocionalmente mais comprometida do que ser realizada noutra qualquer altura.

A dignidade humana e os direitos humanos fazem parte dos princípios fundamentais do olimpismo. Promover a dignidade humana através de gestos simbólicos, pode ter um efeito catalisador e tocar intrinsecamente “a alma” de várias pessoas. Na Assembleia-Geral das Nações Unidas (ONU), em outubro de 2015, confrontada com a crise global de refugiados que viu milhões de pessoas no mundo deslocadas, o presidente do COI, Thomas Bach, anunciou a criação da Equipa olímpica de Refugiados (EOR) – a primeira do género – para participar nos Jogos Olímpicos Rio2016.

Dez meses depois do anúncio, 10 atletas, que originalmente eram oriundos da Etiópia, Sudão do Sul, Síria e República Democrática do Congo, competiam ao lado de 11.000 colegas atletas no Brasil, enviando uma mensagem de esperança e inclusão a milhões de refugiados em todo o mundo e inspirando o mundo com a força do seu espírito humano. Este foi um momento sublime e grande significado.

Este projeto único demonstra o compromisso do COI em estar com os refugiados e apoiá-los através do desporto, e mostra também como a Solidariedade olímpica, através do seu programa de apoio aos atle-

tas refugiados, ajuda não só a treinarem para se qualificarem para os Jogos Olímpicos Tóquio 2020, mas também a continuarem a sua carreira desportiva e a construírem o seu futuro. Na altura de apresentação da equipa oficialmente, choveram elogios de todos os quadrantes do mundo.

Em outubro de 2018, com apenas dois anos para os Jogos Olímpicos Tóquio 2020, na sessão do COI, decidiu-se que haveria uma Equipa olímpica de Refugiados para Tóquio 2020, e confiou à Solidariedade olímpica a tarefa de estabelecer as condições de participação e definir o processo de identificação e seleção para uma equipa em Tóquio. Este processo era conduzido em estreita colaboração com a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), os Comitês olímpicos Nacionais, as Federações Desportivas Internacionais e o Comité Organizador de Tóquio 2020.

Através das “Bolsas olímpicas para Atletas Refugiados”, um programa dedicado sendo criado após o Rio, a Solidariedade olímpica apoiou 56 atletas promissores de refugiados de 13 países. As bolsas proporcionaram aos 56 atletas o apoio financeiro que lhes permitiu treinar para os Jogos, continuando a sua carreira desportiva e construindo para o seu futuro. As subvenções foram prorrogadas por mais um ano após o adiamento de Tóquio 2020, elevando para 2 milhões de dólares o investimento total da Solidariedade olímpica em apoio aos bolseiros olímpicos de refugiados que se preparam para os Jogos Olímpicos desde o Rio 2016. O programa oferece aos Comitês olímpicos Nacionais (NOCs) a oportunidade de identificar os atletas refugiados que vivem nos seus países e apoiá-los ao longo da sua formação, preparação e participação em competições de alto nível.

A Equipa olímpica de Refugiados (EOR) participa nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, com 29 atletas a competir em 12 modalidades. Esta equipa envia uma mensagem de esperança e solidariedade aos mais de 82 milhões de deslocados forçados no mundo. Os 29 atletas que compõem a EOR de Tóquio 2020 foram selecionados entre estes bolseiros com base numa série de critérios, incluindo, em primeiro lugar, o desempenho desportivo de cada atleta e o seu estatuto de refugiado, como confirmado pela Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

A EOR para Tóquio 2020, teve como chefe de missão Tegla Loroupe. Ela é uma fundista queniana nomeada Embaixadora das Nações Unidas

junto aos Desportos pelo ex-secretário-geral - Kofi Annan. Nos últimos anos, ela tem atuado como porta-voz da UNICEF e da World Athletics.

De seguida, o Comité Paralímpico Internacional (IPC) confirmou os planos para enviar até seis atletas para os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020, no âmbito de uma Equipa Paralímpica de Refugiados (RPT). Trabalhando com os seus parceiros comerciais e com o ACNUR (a Agência das Nações Unidas para os Refugiados), o IPC aumentará a consciencialização sobre a situação enfrentada pelos atletas refugiados e enviar uma mensagem mais ampla de esperança aos quase 80 milhões de deslocados à força em todo o mundo.

A Equipa Paralímpica de Refugiados, anteriormente a Equipa Independente de Atletas Paralímpicos, competiu nos Jogos Paralímpicos de verão de 2020, em Tóquio, Japão, de 24 de agosto a 5 de setembro de 2021. A equipa foi composta por seis atletas paralímpicos refugiados que representam 12 milhões dos 82 milhões de refugiados estimados terem deficiências. A formação da equipa e dos seus seis atletas foi anunciada em 30 de junho de 2021, num comunicado conjunto do IPC e do ACNUR.

Esta equipa foi recebida pelo Alto Comissariado da ONU para os Refugiados, Filippo Grandi. A equipa fizera a sua estreia na edição anterior dos Jogos Paralímpicos, que consistia em apenas dois atletas. Essa equipa foi considerada coordenada sendo referida como “a primeira”.

Esta equipa foi a primeira a entrar no Estádio Nacional do Japão durante o Desfile das Nações na cerimónia de abertura, sendo liderada por uma ex-refugiada e paralímpica de Londres 2012, Ileana Rodriguez. Rodriguez nasceu em Cuba, mas competiu pela Equipa USA. A sua família partiu para os Estados Unidos da América quando era adolescente, na esperança de encontrar um melhor tratamento para uma malformação da coluna vertebral que a deixou paralisada. Em Londres, chegou às finais dos 100 metros femininos.

Além de a equipa olímpica de refugiados ter já um grande significado nos Jogos, a notícia de uma equipa Paralímpica terá ainda maior significado. Em conjunto com o ACNUR, o IPC continuará a promover a inclusão ativa e a plena participação de refugiados com deficiência na sociedade através dos desportos adaptados.

Dominique Hyde, Diretor da Divisão de Relações Externas da Agência das Nações Unidas para os Refugiados, acrescentou: “Apesar de viverem de uma existência de ponta de navalha e enfrentarem desafios às suas rotinas de treino devido à pandemia COVID-19, a resiliência e determinação destes atletas refugiados continuam a brilhar.”

Existe uma determinação clara por parte do COI e do IPC de promover a existência de outras equipas de refugiados, nomeadamente, no que diz respeito a jogos continentais (como e o caso dos jogos africanos ou dos asiáticos). A intenção é que estas equipas sejam constantes nos eventos com o envolvimento do movimento olímpico e também paralímpico.

Agora, já se encontra na Vila olímpica, a equipa de refugiados olímpicos. Uma equipa que representa o sonho de 25 jovens atletas, mas dá esperança de uma vida com outro propósito a milhões de jovens refugiados e deslocados no mundo inteiro.

A dignidade humana expressa-se também por muito simbolismo e um cada vez mais presente sinal de esperança que irá permitir a outras pessoas em condições idênticas conseguirem idealizar uma alternativa de vida. Esta alternativa está por vezes longe, mas suficientemente visível para ser um motor para a ação.

TIME DE ATLETAS REFUGIADOS: PERSEGUINDO SONHOS

Miguel Pachioni

RESUMO: A participação de atletas refugiados nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos representa um processo de inclusão no âmbito dos Jogos, mas principalmente de muitos refugiados que, tendo sido forçados a deixar seus países, somam às sociedades anfitriãs seu conhecimento, experiência, resiliência e comprometimento. Quando a lógica do esporte não se limita mais aos resultados e incorpora em sua prática o verdadeiro espírito de competição para superar as inúmeras barreiras presentes na vida humana, a participação dos refugiados reflete o quanto a diversidade traz ganhos para o alto desempenho na vida social, nas trocas, na consolidação de valores. Dada a oportunidade dos Jogos para promover a inclusão de refugiados em competições esportivas, guerras e violações de direitos humanos serão questionadas pela sociedade e as opiniões sobre a aceitação e integração dos refugiados serão consideradas por diferentes setores sociais para repensar os papéis e responsabilidades das questões globais.

PALAVRAS-CHAVE: Refugiados; Inclusão; Esportes.

ABSTRACT: The participation of refugee athletes in the Olympic and Paralympic Games represents a process of inclusion in the realm of the Games, but mainly of many refugees whom, having been forced to leave their countries, add to the host societies with their knowledge, experience, resilience and commitment. When the logic of sport is no

longer limited to results and incorporates in its practice the true spirit of competition to overcome the countless barriers present in human life, the participation of refugees reflects how much diversity brings gains for high performance in social life, in exchanges, in the consolidation of values. Given the opportunity of the Games to promote the inclusion of refugees in sports competitions, wars and human rights violations will be questioned by society and views on the acceptance and integration of refugees will be considered by different social sectors to rethink the roles and responsibilities of global issues.

KEYWORDS: Refugees; Inclusion; Sports.

QUEM SÃO AS PESSOAS REFUGIADAS

Em muitas ocasiões, as pessoas refugiadas não têm uma escolha entre os caminhos viáveis – para além dos possíveis – que possam garantir sua segurança ao longo do deslocamento forçado e a garantia de seus direitos nos países de acolhida.

Ser refugiado é estar em uma condição atrelada à perseguição ocasionada por motivos de raça, religião, nacionalidade opinião política ou pertencimento a algum grupo social que, evidenciando claras evidências de violação de direitos humanos.

Ser refugiado, portanto, é estar sob a condição de refugiado, uma situação em transição que se faz necessário justamente pela garantia de direitos ameaçados por guerras, violência generalizada, perseguições e ameaças que forçam as pessoas a deixarem seus locais de origem.

A partida forçada rompe com projetos de vida, desestabiliza as estruturas sociais e familiares, torna ainda mais incerto o futuro e, em muitos casos, limita a potencialidade de pessoas que acumulam em si conhecimentos, culturas, experiências profissionais, sonhos...

Ao término de 2020, de acordo com os dados do ACNUR, Agência da ONU para Refugiados (Global Trends Report, 2021), cerca de 1% da população mundial teve que se deslocar contra sua própria vontade, uma tomada de decisão para a garantia de suas vidas. São mais de 82 milhões de pessoas nessa condição e dentre estas, mais de

26 milhões de pessoas são refugiadas, vítimas de perseguições que buscaram proteção internacional em outros países.

Equivoca-se quem acredita que muitos dos refugiados estão acolhidos em países economicamente mais desenvolvidos, distantes de seus locais de origem: cerca de 86% dos refugiados vivem em países em desenvolvimento e 73% estão em países vizinhos aos seus, buscando reconstruir suas vidas com dignidade em face das oportunidades que lhes são dadas. Outro dado alarmante é que cerca de metade das pessoas refugiadas em todo o mundo são crianças, jovens que são confrontados por disputas que limitam as oportunidades de se tornarem os engenheiros, médicos, agricultores, professores e atletas que gostariam de ser.

O ESPORTE COMO ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E INCLUSÃO SOCIAL

O número de pessoas em situação de deslocamento forçado dobrou na última década, saltando de 41 milhões em 2010 para mais de 82 milhões de pessoas deslocadas de forma forçada. Concomitantemente a este processo, há de se notar em todo o mundo que os conflitos armados e as instabilidades políticas, sociais e conjunturais/econômicas de uma série de países têm se tornado um tema que persiste por anos e décadas, como já evidente nos conflitos e tensões no Afeganistão, Colômbia, Iêmen, Iraque, Israel e Palestina, Síria, Sudão do Sul e mais recentemente na Líbia, Ucrânia e Venezuela.

Considerando esta trágica conjuntura de mais pessoas deslocadas ao longo dos anos, sob a persistência das instabilidades em diversas partes do mundo, nas comunidades de acolhida de pessoas refugiadas o esporte tem um papel crucial para facilitar o processo de integração dessa população. Ou seja, o esporte vai bem além de uma atividade de lazer.

Por meio do esporte, a inclusão torna-se uma real possibilidade de quem busca proteção, pertencimento e uma chance de reconstruir novos caminhos, mais seguros que os até então tortuosos e instáveis. As habilidades e o senso de responsabilidade que são construídas com a prática de atividades esportivas refletem nas decisões

que são tomadas na vida, promovendo a coesão social dentro de um ambiente heterogêneo por natureza, mas harmônico pelo senso de coletividade que se instala. E como todo aperfeiçoamento, é preciso dar um primeiro passo, muitas vezes ousado.

HISTÓRICO DA PARTICIPAÇÃO DOS ATLETAS

Durante a Assembleia Geral das Nações Unidas em 2015, Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), anunciou a criação do primeiro time de refugiados da história, competindo nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Na Olimpíada de 2016, uma delegação formada por 12 atletas fez história ao representar o primeiro time de refugiados das competições. Já nos Jogos de Tóquio 2020, o número de atletas refugiados, na segunda formação da equipe, saltou para 35 exponentes de 12 países de origem, acolhidos em 14 diferentes países que lhes garantiram a oportunidade de buscar meios de realizar seus sonhos e vocações.

Considerando que nos Jogos Rio 2016 havia 22,5 milhões de pessoas refugiadas em todo o mundo, quatro anos depois, ao término de 2020, 26,4 milhões de pessoas viviam nessa trágica situação, um crescimento de 15% em um ciclo olímpico. Tais números revelam uma evidência: a de que os conflitos armados, violação dos direitos humanos e perseguições da população civil não apenas estão se tornando mais duradouras, mas também novos focos têm emergido.

Ainda mais delicado é a situação dos deslocados internos, pessoas que continuam em seus países de origem, ainda que tenham sido forçados a abandonar suas casas: foram mais de 7,7 milhões de pessoas somadas nesta condição em apenas quatro anos. Se nos Jogos a delegação dos refugiados disputa suas respectivas provas sob a tradicional Bandeira Olímpica, na vida pedem pela bandeira branca, pela paz que os faria retornar para reconstruir seus países de origem com a mesma dedicação que fazem nos países de acolhida, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Para competirem nos Jogos, os atletas refugiados passaram por seletivas e foram avaliados por seu nível de rendimento em modalidades

individuais – até pela dificuldade de se formar uma equipe coletiva de atletas refugiados. Também foram necessários o reconhecimento da condição de refugiado pelos governos dos países de acolhida e a participação em eventos internacionais para que tivessem já experiência em disputas. Experiência de vida é o que não falta aos atletas refugiados.

DIVERSIDADE E OS GANHOS ADVINDOS COM A INCLUSÃO

A Equipe de Atletas Refugiados é composta por atletas de diferentes nacionalidades, tendo em suas trajetórias diferentes vivências relacionadas ao universo dos esportes. Enquanto parte dos atletas, como o judoca congolês Popole Misenga e o canoísta iraniano Saeid Fazloula já eram atletas antes de se tornarem refugiados, outros, como a nadadora síria Yusra Mardini e o corredor James Chiengjiek Nyang, tornaram-se refugiados ainda jovens e, com a determinação e resiliência característicos de muitos refugiados, não abandonaram seus sonhos e mesmo em condições adversas, treinaram para atingir índices para competir no maior evento esportivo mundial.

Na esfera corporativa, há diversos estudos que evidenciam o quanto a diversidade agrega entusiasmos às equipes, capacidade de inovação, incentivo à novos aprendizados e resultados efetivos nos negócios. Ao traçar uma relação entre a diversidade e performance no ambiente corporativo, o estudo Diversity Matters (McKinsey, 2020), por exemplo, mostra que as empresas diversas em sua composição de times apresentam um Ebit (lucro antes de juros e impostos) 53% acima da média de seus pares.

Os refugiados trazem enormes contribuições para os países de acolhida, contribuindo para o aprimoramento de amplos setores da economia, ampliando as fontes de receitas e arrecadação de impostos, agregando novos saberes e conhecimentos, além de trazer mais diversidade às sociedades – e isso se reflete em amplos setores, seja dentro das salas de aulas desde creches até universidades, seja na abertura de novas empresas, na continuidade de uma vida que requer solidariedade e respeito.

OS VALORES OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS E SUAS RELAÇÕES COM A ACOLHIDA DE REFUGIADOS

Olhando adiante, a previsão é que a Bandeira Olímpica sob a qual os refugiados competem tende a contemplar mais atletas, muitos dos quais em trajetórias semelhantes aos das últimas duas edições.

O atleta James Nyang, por exemplo, foi um dos poucos a competir nas duas edições dos Jogos Olímpicos, competindo pelo atletismo, na prova dos 800 metros rasos. Aos 13 anos de idade, James foi forçado a deixar sua casa em Bentiu, no Sudão do Sul, para evitar ser sequestrado pelos rebeldes que faziam recrutamento forçado de crianças para se tornarem soldados. Vivendo como refugiado no Quênia, ele frequentou a escola em uma cidade serrana famosa por seus corredores e se juntou a um grupo de treinamento de meninos mais velhos para treinar corridas de longa distância.

No começo de sua formação, James não tinha tênis adequados para treinar e chegou a sua segunda Olimpíada aos 23 anos. Porém, ainda no início da prova, James foi tocado involuntariamente por outro atleta que também buscava a liderança da prova e caiu. Depois de se levantar, completou a prova em último lugar, ajoelhando-se no meio da pista em prantos pelo peso que carregava consigo.

“Eu treinei muito para estar na Olimpíada de Tóquio, estava concentrado e seguro dos meus objetivos. Eu sabia que iria melhorar minha marca. Muitos outros refugiados tinham expectativa que eu pudesse performar bem, mas não consegui. Queria me destacar para chamar a atenção para a situação de milhões de refugiados”, disse o atleta.

A queda de James e sua determinação para se reerguer e seguir adiante é o mais notório exemplo do espírito olímpico, reforçando que a quebra de recordes é um detalhe para quem teve que superar um longo caminho para chegar aonde estão. E lá estando, já são exemplos de dignidade para o mundo.

PUBLICAÇÕES

ACNUR, 2021. “Global Trends – Forced displacement in 2020”. www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/60b638e37/global-trends-forced-displacement-2020.html

ACNUR, 2020. “Cobertura Jornalística Humanitária”. www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/02/Guia-Jornalismo-Web-V3.pdf

ACNUR e CSVM, 2020. “Desafios, limites e potencialidades do empreendedorismo de refugiados(as), solicitantes da condição de refugiado(a) e migrantes venezuelanos(as) no Brasil”. www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/09/empreendedorismo_de_refugiados_completa.pdf

ACNUR e CSVM, 2019. “Perfil Socioeconômico dos Refugiados no Brasil”. www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Pesquisa-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-Refugiados-ACNUR.pdf

ACNUR, FGV e ESMPU, 2020. “A Economia de Roraima e o Fluxo Venezuelano: evidências e subsídios para políticas públicas”. www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-A-economia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano_compressed.pdf

ACNUR e ESMPU, 2020. “Percursos, Percalços e Perspectivas: a jornada do projeto Atuação em Rede: capacitação dos atores envolvidos no acolhimento, na integração e na interiorização de refugiados e migrantes no Brasil”. www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/Percursos-percal%C3%A7os-e-perspectivas-Online-V2.pdf

Giuliana Redin (Org), 2021. “Migrações Internacionais: Experiências e Desafios para a Proteção e Promoção de Direitos Humanos no Brasil”. www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/07/migracoes-internacionais.pdf

World Bank e UNHCR, 2021. Integration of Venezuelan Refugees and Migrants in Brazil. <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/35358/Integration-of-Venezuelan-Refugees-and-Migrants-in-Brazil.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SITES DE REFERÊNCIA

www.acnur.org.br

www.acnur.org.br/timederefugiados

www.refugiadosempreendedores.com.br

www.empresascomrefugiados.com.br

<https://www.unhcr.org/the-global-compact-on-refugees.html>

www.r4v.info

A FILOSOFIA, OS REFUGIADOS E OS JOGOS OLÍMPICOS: REALIDADE E IDEALISMO

Renata Floriano de Sousa

RESUMO: Em 2021, excepcionalmente, ocorreram os Jogos Olímpicos de Tóquio. Esse evento foi marcado pela pandemia de Covid-19 que acarretou, conseqüentemente, no adiamento dos Jogos. Contudo, outras características desse evento merecem igual destaque, como a segunda participação da Equipe Olímpica de Atletas Refugiados, repetindo o feito dos Jogos de 2016 do Rio. A proposta desse capítulo é desvendar a natureza humana através dos filósofos Aristóteles, Francisco de Vitoria e Thomas Hobbes, em suas respectivas perspectivas positivas ou pessimistas acerca da natureza humana, trazendo para a discussão a atual crise dos refugiados, dimensionando o poder da sua representatividade nos Jogos Olímpicos e discutindo a responsabilidade internacional por esse problema. Ao fim desse capítulo, vamos demonstrar a relação entre o ideal do “espírito olímpico”, proposto pelo Barão de Coubertin, e o mundo em que vivemos, contrastando com o futuro em que queremos viver, representado pela Equipe Olímpica de Atletas Refugiados.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; Filosofia; Crise dos refugiados.

ABSTRACT: Exceptionally in 2021, the Olympic Games took place in Tokyo. This event was impacted by the COVID-19 pandemic, which consequently led to the postponement of the Olympics. However, other features of this event deserve equal attention, such as the second participation of the Refugee Olympic Team, repeating their Rio 2016's accomplishment. The purpose of this chapter is to unveil human nature through the philosophers Aristotle, Francisco de Vitoria and Thomas Hobbes, in their respective positive or pessimistic perspectives on human nature, bringing to the discussion the current refugee crisis, sizing the power of its representativeness in the Olympic Games and discussing international responsibility for this problem. At the end of this chapter, we will demonstrate the relation between the idealistic "Olympic Spirit", proposed by Baron de Coubertin, and the world we live in, in contrast with the future in which we want to live, represented by the Olympic Refugee Team.

KEYWORDS: Olympic Games; Philosophy; Refugee crisis.

INTRODUÇÃO

Você que está lendo esse capítulo, alguma vez já se perguntou por qual razão teve a sorte ou o azar de nascer no lugar onde nasceu? Você é completamente feliz onde você mora? No seu país, você tem liberdade para ser quem você é? Você se sente seguro ou segura onde você está? Você tem condições ou possibilidade de ter uma vida feliz e confortável morando onde nasceu? Ou, ao menos, você tem acesso aos meios básicos de sobrevivência?

Como sabemos, nem todas as pessoas do mundo vivem em condições dignas em seus países e por isso veem-se obrigadas a buscar refúgio em outro lugar. Nesse momento, imagino que você deve estar pensando: Qual a relação entre a filosofia, refugiados e os jogos olímpicos? Nas próximas páginas responder essa pergunta será o meu desafio.

A FILOSOFIA

A história da filosofia demonstra que o ambiente em que vivemos influencia a nossa visão acerca da natureza social do homem. Por exemplo, Aristóteles, em uma de suas mais célebres citações, disse

que “o ser humano é um animal político”¹. Isto é, para o filósofo antigo, nós os seres humanos vivemos de modo gregário, em comunidades, porque essa é a forma condizente com a nossa natureza, uma vez que somos racionais e fazemos uso da linguagem para a nossa comunicação e aperfeiçoamento. Aristóteles também compreendia que a vida humana tinha uma finalidade, a felicidade, e que essa só seria possível vivendo em sociedade. Desta maneira, o estado seria também o responsável por promover a qualidade de vida de seus cidadãos viabilizando a felicidade deles.

O filósofo grego não é uma voz solitária no que diz respeito à natureza humana, Francisco de Vitoria², filósofo espanhol do século XVI, também vai defender essa teoria, inclusive, para justificar a migração dos espanhóis para o continente recém-descoberto, a América. Em sua perspectiva política, Vitoria sustenta a tese de que a migração é um direito universal³ dos seres humanos e que, como tal, deve ser respeitado por todos. O filósofo espanhol apresenta em sua argumentação uma visão positiva das trocas promovidas por meio das interações pelas diferentes nações. Ele defende a completa integração das nações propondo a república do Totus Orbis⁴ em 1528 (uma espécie de ideia embrionária do que viria a ser a ONU no século XX).

Com uma visão completamente oposta, Thomas Hobbes apresenta a antítese da teoria levantada por Aristóteles e assumida por Vitoria. De acordo com o filósofo inglês, os seres humanos não se organizam em comunidade porque preferem viver em conjunto, eles o fazem porque precisam criar um mecanismo (estado) que garanta a própria segurança perante os possíveis ataques de outros homens. Por essa razão, a sentença “o homem é o lobo do homem”⁵ tem como intuito revelar a verdadeira natureza humana, na visão de Hobbes. Nota-se que, por sua maneira de enxergar o mundo, o pensador moderno está muito preocupado em garantir a segurança das pessoas e comprometido em defender a forma de governo que considera mais eficiente para esse objetivo, o absolutismo, provavelmente porque ele sentiu na pele as consequências diretas da instabilidade política e sua ameaça aos direitos individuais.

O pessimismo antropológico de Hobbes é explicado por seus historiadores como fruto do período conturbado em que o pensador foi contemporâneo da Revolução Inglesa (1640-1689). Foi por defender publicamente os ideais do absolutismo, durante a época em que este estava em declínio, que por algumas vezes Hobbes se viu obrigado

a se refugiar em Paris. Um destino bastante diferente de Aristóteles que, durante os reinados de Felipe II da Macedônia e de seu filho Alexandre Magno, conseguiu conquistar o respeito e a proteção deles, tornando-se, inclusive, preceptor do último.

Embora os autores apresentem ideias e vivências distintas com relação ao estado humana, eles são típicos exemplares de como as relações políticas influenciam positiva ou negativamente nossa percepção de mundo: obrigando pessoas a sair de países em nome da própria segurança, como Hobbes; apresentando uma concepção otimista da formação social, tal como Aristóteles; ou defendendo o direito universal de migração, como fez Vitoria.

OS REFUGIADOS

Como os refugiados entram nessa equação? Pois bem, o que aparentemente pode oferecer uma aparência desconexa, quando examinado mais minuciosamente apresenta vários pontos de ligação. Por exemplo, foram nos Jogos Olímpicos de Rio 2016 que a questão da crise humanitária dos refugiados⁶ tomou um novo olhar ao ser evidenciada através da participação da Equipe Olímpica de Atletas Refugiados. Afinal, qual a maneira mais sutil e mais eficaz de denunciar o problema do que montar uma equipe de esportistas sem pátria para concorrer com outros atletas que representam orgulhosamente suas bandeiras nacionais? Sendo que esta equipe de refugiados representa, atualmente, 82,4 milhões de pessoas no mundo, um aumento de 4% em relação ao ano anterior (79,5 milhões em 2019)⁷.

Há de se convir de que é, no mínimo chocante, observar que no mundo atual, tido como globalizado, existem pessoas que sejam obrigadas a viver sem a proteção do seu estado de origem, ou de qualquer outro país, por não terem seus direitos humanos reconhecidos e respeitados. É escandaloso perceber que existem nações que não são um lar para todos os ocupantes de seus territórios. Neste cenário, os refugiados representam, assim como Hobbes que por diversas vezes teve que se exilar por defender publicamente uma visão política distinta da vigente, o desamparo de quem não encontra proteção no seu país de origem. Tal como é igualmente perturbador perceber que, mesmo depois de toda a problemática dos refugiados levantada após a II Guerra Mundial⁹, ainda existem pessoas que estão em completa

situação de clandestinidade causada pela falta de hospitalidade dos demais países.

Nem todo imigrante é um refugiado, mas todo refugiado é necessariamente um imigrante. Essa constatação implica diversas consequências, de onde destaco: se admitimos e defendemos a existência de um mundo globalizado, porque entendemos que isso traz benefícios importantes para a civilização humana como um todo, por que limitamos a presença de estrangeiros em nossos territórios utilizando de argumentos meramente arbitrários? Não quero levianamente acusar esse ou aquele país, mas quero provocar a seguinte reflexão: Por que alguns países são tão hospitaleiros com turistas, investidores externos e imigrantes considerados altamente qualificados (de nível de escolaridade, país de origem, orientação religiosa etc.), enquanto demonstram ter uma conduta contrária para muitos refugiados, justamente, por não se encontrarem dentro de seus critérios de aceitação?

OS JOGOS OLÍMPICOS

Aqui neste ponto do texto, eu poderia selecionar um dos 29 atletas que compuseram a Equipe Olímpica de Atletas Refugiados nos Jogos Olímpicos de Tokio 2020 para retratar a discrepância que há entre essa equipe e qualquer outra delegação participante. Contudo, creio que apontar qualquer pessoa de forma individual seria uma escolha discricionária minha e que não contemplaria o todo da situação exposta. Por isso escolho, a bandeira do Comitê Olímpico Internacional como o símbolo desse fato.

A título de informação, a bandeira olímpica foi criada por Coubertin em 1913 como um símbolo de união e fraternidade que deveria ser alcançada através dos Jogos Olímpicos. O estandarte olímpico representa, nas palavras do Barão de Coubertin: “São os cinco continentes unidos pelo Olimpismo, enquanto pelo menos uma das seis cores aparece em todas as bandeiras nacionais do mundo no presente momento”⁹. Portanto, a composição icônica idealizada para expressar o “espírito olímpico” reflete, mais do que a proposta dos jogos, um desejo de fomentar uma sociedade fraterna para além das fronteiras de qualquer país, assim como pensou Vitoria em sua república de Totus Orbis e respeitando a natureza política e comunicativa dos seres humanos, sustentada por Aristóteles.

É bem verdade que, dadas várias experiências ruins vividas ao longo dos séculos XX e XXI, muitos de nós podemos definitiva ou parcialmente assumir a visão antropológica de Hobbes. Seríamos hipócritas se negássemos a dimensão violenta e competitiva contida na natureza humana. Ela tanto existe que temos um longo catálogo de guerras para demonstrá-la. Porém, isso pode e deve ser ressignificado de maneira que a competitividade seja saciada através do esporte, onde os inimigos são substituídos por concorrentes, como nas olimpíadas.

Alguns podem pensar, equivocadamente, que há aqui uma contraposição da visão pessimista com visão otimista da natureza humana. Que talvez esse “espírito de fraternidade” se manifeste apenas de quatro em quatro anos, durante os Jogos Olímpicos. E que esses filósofos, Aristóteles e Vitoria, assim como Pierre de Coubertin, eram sonhadores idealistas. Mas não se trata de fazer a comparação entre a cruel realidade e o ideal idílico. Trata-se de ir além das constatações do mundo em que vivemos para buscar o futuro em que queremos viver: um mundo em que a república de Totus Orbis, a ONU, a ACNUR e o Jogos Olímpicos não representem utopias, mas sim que retratem a fraternidade concreta onde todos os seres humanos têm seus direitos e lugar garantidos e respeitados.

NOTAS

1 ARISTÓTELES. A Política. Trad. de Roberto L.Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp.4.6.”

2 O filósofo, teólogo, economista e jurista, Francisco de Vitoria (1486-1546) é considerado o fundador do direito internacional moderno, da Escola de Salamanca e sua maior referência. VITORIA, Francisco de. Obras de Francisco de Vitoria: reelecciones teológicas. Tradução de Teofilo Urdanoz. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1960.

3 Conforme minha tese. SOUSA, Renata Floriano de. Migrar é um direito natural dos povos: ressignificando os argumentos de Francisco de Vitoria para demonstrar a universalidade do direito de migração. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS. 2021. 199f.

4 VITORIA, Francisco de. De Potestate Civili, q.21. In: VITORIA, Francisco de. Obras de Francisco de Vitoria: relecciones teológicas. Tradução de Teofilo Urdanoz, O. P. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1960, p.191.

5 HOBBS, T. O leviatã ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil Tradução João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Contudo, Vitoria oferece uma opinião diferente: “Pois o homem para outro homem não é um lobo, como diz Ovídio, mas um homem”. Tradução nossa. VITORIA, Francisco de. De Indis, q. 3. In: VITORIA, Francisco de. Obras de Francisco de Vitoria: relecciones. teológicas. Tradução de Teofilo Urdanoz, O. P. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1960, p 709.

6 De acordo com a ACNUR, refugiados são pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. REFUGIADOS. ACNUR BRASIL, 2021. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/> >. Acesso em: 20/10/2021.

7 Informação retirada do Relatório da ACNUR: TENDÊNCIAS GLOBAIS EM DESLOCAMENTO FORÇADO - 2020, 2021. Disponível em: < https://www.unhcr.org/60b638e37/unhcr-globaltrends-2020#_ga=2.204711696.148529805.1635540541-477549815.1634740727 >. Acesso em: 30/10/2021.

8 O ACNUR, a Agência da ONU para Refugiados, foi criado em dezembro de 1950 por resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas. Iniciou suas atividades em janeiro de 1951, com um mandato inicial de três anos para reassentar refugiados europeus que estavam sem lar após a Segunda Guerra Mundial. Seu trabalho tem como base a Convenção de 1951 da ONU sobre Refugiados.

9 Manual de Direito Desportivo. (2021). (n.p.): LTr Editora./ Manual de Direito Desportivo. N.p., LTr Editora, 2021./ Manual de Direito Desportivo. N.p.: LTr Editora, 2021./ p.96

BIBLIOGRAFIA

ACNUR BRASIL, 2021. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/> >. Acesso em: 20/10/2021.

ARISTÓTELES. Ética a Nicómaco. Tradução de M. Araujo e J. Marías. Madrid: Nova Cultural, 1999. (Series Clásicos Políticos).

ARISTÓTELES. A Política. Trad. de Roberto L.Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOBBS, T. O leviatã ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil Tradução João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Manual de Direito Desportivo. (2021). (n.p.): LTr Editora./ Manual de Direito Desportivo. N.p., LTr Editora, 2021./ Manual de Direito Desportivo. N.p.: LTr Editora, 2021.

MONTANDON, Alain. O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Direito internacional de migração: Glossário sobre Migração. Genebra: 2009, p. 8. Disponível em: <://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org). Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUSA, Renata Floriano de. A busca da identidade ameríndia através da Disputa de Valladolid. Dossiê Identidades Latino-Americanas. Revista Intuitio. Porto alegre, v. 12, n.2, 2019.

SOUSA, Renata Floriano de. Migrar é um direito natural dos povos: ressignificando os argumentos de Francisco de Vitoria para demonstrar a universalidade do direito de migração. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS. 2021. 199f.

UNHCR. Tendências globais em deslocamento forçado – 2020, 2021. Disponível em: < https://www.unhcr.org/60b638e37/unhcr-global-trends-2020#_ga=2.204711696.148529805.1635540541-477549815.1634740727>. Acesso em: 30/10/2021.

VITORIA, Francisco de. Obras de Francisco de Vitoria: reelecciones teológicas. Tradução de Teofilo Urdanoz. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1960.

VITORIA, Francisco de. Reelecciones: sobre os índios e sobre o poder civil. Tradução de José Carlos Brandi Aleixo. Brasília: Universidades Federal de Brasília, 2016.

REFUGIADOS - A INTEGRAÇÃO ATRAVÉS DO DESPORTO E DOS JOGOS OLÍMPICOS

Rita Amaral Nunes

“O desporto tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar. Tem o poder de unir as pessoas de uma maneira que pouco mais o faz. O desporto pode criar esperança onde antes havia apenas desespero. É mais poderoso que o governo ao derrubar barreiras raciais”.¹

Nelson Mandela

RESUMO: O drama dos refugiados continua a ser um dos temas que mais marcam a atualidade, tornando-se, por isso, fundamental encontrar formas de ajuda e cooperação. O desporto, através da sua linguagem universal, promove a diminuição das diferenças raciais, culturais e religiosas, e por isso pode e deve ser usado como uma poderosa ferramenta para facilitar a integração dos refugiados nos países de acolhimento. Os Jogos Olímpicos são considerados o principal palco desportivo internacional. Por isso competir no maior evento multidesportivo internacional é também o sonho dos atletas que, devido a guerras e conflitos, passam a deter o estatuto de refugiados. Foi a

pensar nestes atletas que o Comitê Olímpico Internacional anunciou, em 2015, a criação de uma Equipe Olímpica de Refugiados. Com participação nos Jogos Olímpicos do Rio 2016 e Tóquio 2020, estes atletas transmitiram ao mundo uma mensagem de esperança e inclusão, acreditando num mundo melhor e mais pacífico.

PALAVRAS-CHAVE: Desporto; Refugiados; Jogos Olímpicos.

ABSTRACT: Refugee drama continues to be one of the topics that marks present time, revealing the necessity to find forms of aid and cooperation. Sport, through its universal language promotes the reduction of racial, cultural, and religious differences, and therefore can and should be used as a powerful tool to facilitate the integration of refugees in host countries. The Olympic Games are considered the main international sports stage, so to compete in this event is also the dream of athletes who, due to wars and conflicts, have a refugee status. It was with these athletes in mind that the International Olympic Committee announced in 2015 the creation of an Olympic refugee team. They ended up competing in Rio2016 and Tokyo Olympics 2020, spreading a message of hope, inclusion and belief in a better and more peaceful world.

KEYWORDS: Sport; Refugees; Olympic Games.

Introdução e Contextualização

Crisis, migrações e refugiados são conceitos indissociáveis da época contemporânea.

A Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados², do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)³ adotada em 1951 veio estabelecer as bases da proteção internacional, definindo os direitos e deveres entre os refugiados e os países que os acolhem. Por consequência das diversas situações de conflito e dos novos fluxos de refugiados que têm surgido, a Convenção tem sido, ao longo dos anos, adaptada e melhorada de forma a corresponder aos desafios e às necessidades de milhões de pessoas deslocadas, possibilitando-lhes, muitas das vezes, o recomeço das suas vidas.

Desta forma consideram-se refugiados, as pessoas que “(...) temendo ser perseguidas por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.”⁴

EQUIPA OLÍMPICA DE REFUGIADOS

Atualmente, um número recorde de refugiados e migrantes cruzam as fronteiras internacionais fugindo de conflitos, perseguições e pobreza. Muitos deixam os seus países de origem à procura de uma nova oportunidade e de melhores condições de vida. Foi perante esta crise global de refugiados, que deixou milhões de pessoas deslocadas no mundo, que, em outubro de 2015, o presidente do Comité Olímpico Internacional, Thomas Bach, anunciou a criação de uma Equipa Olímpica de Refugiados. O objetivo foi proporcionar aos atletas de alto nível competitivo, deslocados dos seus países e que se encontravam abrangidos pelo estatuto de refugiado, a possibilidade de continuarem a sua preparação desportiva e de competirem em diversas provas com vista à tão desejada qualificação para os Jogos Olímpicos.

Dez meses depois deste anúncio, dez atletas, oriundos da Etiópia, Sudão do Sul, Síria e República Democrática do Congo, constituíram a primeira Equipa Olímpica de Refugiados e participaram nos Jogos Olímpicos. Foi na XXXI^a edição dos Jogos Olímpicos Rio 2016 que os 10 atletas, competiram pela primeira vez entre os 11 238 Atletas Olímpicos. Na cerimónia de abertura, desfilaram logo atrás da Grécia, enviando através dos diversos canais de comunicação e inúmeras plataformas digitais que a transmitiram globalmente, uma mensagem de esperança e inclusão não só aos milhões de refugiados existentes, mas a todos os espectadores do mundo.

Segundo os dados recentemente divulgados pela ONU o número de refugiados e deslocados que deixaram a sua terra natal, devido a guerras e perseguições políticas e/ou religiosas ultrapassou, em 2020, os 82 milhões de pessoas.⁵

O Comité Olímpico Internacional deu continuidade a este projeto e para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, foram 56 os atletas, a residir em 13 países, entre os quais Portugal, que através de bolsas atribuídas pela Solidariedade Olímpica, conseguiram dedicar-se ao treino e competir com vista há tão sonhada qualificação olímpica. Entre eles estavam os atletas refugiados que residem atualmente em Portugal: Farid Walizadeh (boxe) e Dorian Keletela (atletismo). Este grupo foi, numa segunda fase reduzido para 37 atletas, com os treinos a serem mais exigentes e direcionados a provas de aferição de nível competitivo. A 8 junho de 2021, foram anunciados os 29 atletas que constituíram a Equipa Olímpica de Refugiados, oficialmente designada pela sigla francesa EOR, ou seja, Équipe Olympique des Réfugiés.

Esta participação olímpica da equipa de atletas refugiados foi também, nas palavras de Thomas Bach "(...) um sinal para a comunidade internacional de que os refugiados são nossos semelhantes e um enriquecimento para a sociedade", uma forma de "mostrar ao mundo que, apesar das tragédias inimagináveis que enfrentaram, qualquer um pode contribuir para a sociedade através de seu talento, habilidades e força do espírito humano".⁶

Pela segunda vez na história, a Equipa Olímpica de Refugiados participou nos Jogos da XXXII^a Olimpíada, realizados em Tóquio, de 23 de julho a 8 de agosto de 2021. Sem qualquer exceção ou diferença, os 29 atletas acompanhados pelos seus treinadores e restantes elementos da equipa ficaram alojados na Aldeia Olímpica à semelhança das restantes 206 comitivas. Treinaram e competiram, desfilando com a Bandeira Olímpica na Cerimónia de Abertura, logo atrás da Grécia, sendo assim a segunda delegação a entrar no Estádio Olímpico.

Dos atletas a residir em Portugal, Dorian Keletela foi o único a alcançar o seu sonho: integrou a Equipa Olímpica de Refugiados e tornou-se Atleta Olímpico. Nascido na República Democrática do Congo, chegou a Portugal em 2016 solicitando o estatuto de refugiado devido a perseguições políticas no país de origem. Foi em Portugal que Dorian começou a olhar para o atletismo e para as provas de 100m como uma oportunidade para mudar a sua vida e concretizar o sonho olímpico. O atleta refere que o seu objetivo é inspirar a próxima geração: "Quero, depois da minha carreira, que os jovens se lembrem do meu nome como uma inspiração." Sobre esta fase da sua vida e o acolhimento que teve, Dorian refere que: "Sinto-me seguro em Portugal porque existe liberdade e o ser humano é respeitado."⁷

O DESPORTO COMO PODEROSA FERRAMENTA PARA INTEGRAR OS REFUGIADOS

Para além deste enquadramento que o Comité Olímpico de Portugal faz em estreita colaboração com o Comité Olímpico Internacional para apoiar os atletas Farid Walizadeh e Dorian Keletela, através da atribuição das bolsas da Solidariedade Olímpica, o COP tem, também, desde 2016, o programa “Viver o Desporto – Abraçar o Futuro” que visa facilitar a integração de refugiados na sociedade portuguesa através do desporto.

Com o objetivo de promover a coesão e a inclusão social dos refugiados através do desporto, o Programa visa dar oportunidades para a prática desportiva, fortalecer o empoderamento social desta população, integrando-a na sociedade portuguesa. Note-se que desde o seu início o “Viver o Desporto – Abraçar o Futuro” já abrangeu mais de 1500 refugiados. Para além destas iniciativas, tem sido possível apanhar os Centros de Acolhimento com material desportivo de diversas modalidades e integrar no tecido associativo aqueles que demonstram interesse para a vertente competitiva, integrando-os em atividades desportivas nas comunidades locais.⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos exemplos expostos não temos dúvidas em afirmar que o desporto é uma poderosa ferramenta para integrar os refugiados, diminuindo as diferenças raciais, culturais e religiosas, contribuindo assim para construir um mundo melhor⁹.

Em Portugal, desde 2016, através do Programa “Viver o Desporto – Abraçar o Futuro”, que o Comité Olímpico de Portugal desenvolve em conjunto com diversos parceiros e organizações não-governamentais, já foram mais de 1500 os refugiados que receberam equipamentos desportivos e tiveram oportunidade de praticar várias modalidades desportivas, funcionando este, como uma ferramenta para facilitar a sua integração e um elemento de coesão com a comunidade de acolhimento.

Esta é, sem dúvida, uma forma de colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento e da paz. A este respeito é importante realçar que a ONU proclamou em 2013 a celebração do Dia Internacional do Des-

porto para o Desenvolvimento e a Paz (A/RES/67/296)¹⁰. O dia 6 de abril foi o escolhido, também simbolicamente, por ter sido nesse dia que se iniciaram, em 1896, os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas, na Grécia. Ao assinalar-se esta efeméride pretende-se mostrar e realçar o poder que o desporto tem para impulsionar a mudança social, o desenvolvimento das comunidades e promover a paz e a compreensão.

Foi também através do desporto e dos Jogos Olímpicos que Dorian Keletela concretizou um dos seus sonhos: tornar-se Atleta Olímpico. A sua estreia aconteceu nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 e não podia ter começado da melhor forma. Venceu a sua série, na terceira eliminatória da prova de velocidade dos 100m (atletismo) e bateu o seu record nacional (que era de 10,46 segundos) percorrendo a distância em 10,33 segundos. Progrediu na competição e voltou a realizar uma boa marca (10,41 segundos), no entanto esta não foi suficiente para continuar em prova.

Os Jogos Olímpicos são o evento desportivo que mais pessoas alcança em todo o mundo, sendo por isso uma poderosa ferramenta de promoção da paz, da tolerância, do respeito e do mútuo entendimento. O desporto alcançou o estatuto de uma lei universal onde, independentemente do local onde se pratique, as regras são as mesmas, aplicando-se a todos, sem discriminação de raça, sexo, posição social, formação cultural, fé ou crença. Se a este princípio fundamental da não discriminação juntarmos os Valores Olímpicos da Excelência, Amizade e Respeito, aumentamos a capacidade de conter ou neutralizar conflitos, disputas e diferentes perspetivas que possam existir, mostrando ao mundo exemplos de superação e uma mensagem de esperança para um mundo melhor.

NOTAS

1 Nelson Mandela (1918-2013). Citação retirada do seu discurso proferido no 20.º aniversário do Laureus World Sports Awards, no Mónaco, em 2000.

2 A Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados foi formalmente adotada a 28 de julho de 1951 para resolver a situação dos refugiados na Europa após a Segunda Guerra Mundial.

3 O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) criado a 14 de dezembro de 1950 a partir da resolução n.º 428 da Assembleia Geral das Nações Unidas.

4 Artigo 1.º, n.º 2 da Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n.º 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43.º Série Tratados da ONU, n.º 2545, Vol. 189, p. 137.

5 “ONU mobiliza apoio para cerca de 82 milhões no Dia Mundial do Refugiado”, in página de internet das Nações Unidas, disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/06/1754202>

6 “Tudo o que precisa saber sobre a equipa olímpica de refugiados”, in página de internet do Comité Olímpico Internacional, disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/tudo-o-que-voce-precisa-sabersobre-a-equipe-olimpica-de-refugiados>

7 “Conhece Dorian Keletela: promessa Olímpica dos 100m e bolsista do COI para refugiados”, in página de internet do Comité Olímpico Internacional, disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/doriankeletela-olympic-100m-sprint-hopeful-refugee>

8 “Viver o Desporto – Abraçar o Futuro”, in página de internet do Comité Olímpico de Portugal, disponível em: <https://comiteolimpicoportugal.pt/programa-de-educacao-olimpica/viver-o-desporto/>

9 “Construir um mundo melhor através do Desporto” é a Visão do Comité Olímpico Internacional, in O Movimento Olímpico. Olimpismo, Programa de Educação Olímpica, Fascículo 1, 2.ª edição, Comité Olímpico de Portugal, Lisboa, p. 11.

10 Nações Unidas (2013) International Day of Sport for Development and Peace, disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/757105?ln=en>

BIBLIOGRAFIA

International Olympic Committee (2020). Olympic Charter (in force as from 17 July 2020), Lausanne International Olympic Truce Centre (s/d), Imagine Peace, COI, Olympia – Lausanne – Athens

Konstantinos Georgiadis e Angelos Syrigos (ed.) (2009). Olympic Truce. Sport as a Platform for Peace, International Olympic Truce Centre, Athens: ADAM Hellenic Reproductions SAIC

Rita A. Nunes (2021) “As Tréguas Sagradas. Dos Jogos Olímpicos da Antiguidade à Atualidade”, in Desporto e Diversidade Religiosa: Caminhos para a Paz, Constantino, José Manuel e Garcia, Rui Proença (ed.s), Visão e Contextos, Lisboa

Rita Nunes e Joaquim Videira (2020). O Movimento Olímpico. Olimpismo, Programa de Educação Olímpica, Fascículo 1, 2.ª edição, Comité Olímpico de Portugal, Lisboa

Philae – Sociedade Portuguesa de Moedas (2021), De Refugiado a Atleta Olímpico, Philae, Lisboa

DOCUMENTOS WEB

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (1951), “Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados”, disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

Comité Olímpico Internacional (2021), “Tudo o que precisa saber sobre a equipa olímpica de refugiados”, disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-equipe-olimpica-de-refugiados>

Comité Olímpico Internacional (2021), “Conhece Dorian Keletela: promessa Olímpica dos 100m e bolsista do COI para refugiados”, disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/dorian-keletela-olympic-100m-sprint-hopeful-refugee>

Comité Olímpico de Portugal (2020a), “Equipa Olímpica de Refugiados”, disponível em: <https://comiteolimpicoportugal.pt/programa-de-educacao-olimpica/equipa-olimpica-de-refugiados/>

Comité Olímpico de Portugal (2020b), “Viver o Desporto – Abraçar o Futuro”, disponível em: <https://comiteolimpicoportugal.pt/programa-de-educacao-olimpica/viver-o-desporto/>

Nações Unidas (2021), “ONU mobiliza apoio para cerca de 82 milhões no Dia Mundial do Refugiado”, disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/06/1754202>

Nações Unidas (2013), International Day of Sport for Development and Peace, documento disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/757105?ln=en>

Nações Unidas (1994), The Olympic Ideal, documento disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/166240>

INTERSEXUALIDADE
INTERSEXUALITY
INTERSEXUALIDAD

INTERSEXUALIDADE E MOVIMENTO OLÍMPICO: UMA HISTÓRIA CONTROVERSA

Barbara Gomes Pires

RESUMO: Este ensaio apresenta uma introdução ao tema da regulação esportiva da feminilidade, especialmente quando afetou, ao longo da história do Movimento Olímpico, atletas com variações de intersexualidade. É uma tentativa de enfatizar que o conhecimento hormonal, que embasa as atuais regulações para a elegibilidade da categoria feminina, ainda é uma ciência recente com pesquisas e consensos sendo delineados. O persistente sonho do Movimento Olímpico, isto é, da competição atlética para celebrar as diferenças entre povos e nações, precisa nortear com dignidade a inclusão esportiva que essas atletas merecem no mundo esportivo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Intersexualidade; Regulação esportiva da feminilidade; Movimento Olímpico.

ABSTRACT: This essay presents an introduction to the theme of sport regulation of femininity, especially when it has affected athletes with variations of intersexuality throughout the history of the Olympic Movement. It is an attempt to emphasize that hormonal knowledge, which underlies the current regulations for the eligibility of the female category, is still a recent science with research and consensus being outlined. The persistent dream of the Olympic Movement, that is, of

athletic competition to celebrate the differences between peoples and nations, needs to guide with dignity the sports inclusion that these athletes deserve in the contemporary sports world.

KEYWORDS: Intersexuality; Sports regulation of femininity; Olympic Movement.

O esporte sempre foi um lugar de valor e de organização social. Historicamente, o ambiente esportivo foi um espaço de cultivar sensibilidades ditas modernas. Aprender a estruturar o corpo e o comportamento para a vida na sociedade industrial. Nesse sentido, o Movimento Olímpico nasce com essa missão de situar a educação física e o lazer, na roupagem esportiva, como um lugar de formação social e também de sustentação nacional (Elias, 1990).

Quando as primeiras instituições esportivas foram criadas, como o Comitê Olímpico Internacional (COI), essas regras foram delimitadas por um grupo social bem rastreável. Homens, aristocratas, europeus. Inicialmente, a categoria feminina não foi incluída nesses eventos e, posteriormente, foi recebida influenciada por convenções sociais que ditavam as maneiras das mulheres aparecerem publicamente. Modalidades consideradas viris demais não eram permitidas para a categoria feminina. Por isso, desde a retomada dos Jogos Olímpicos na era moderna, alguns parâmetros foram negociados para a incorporação de atletas no mundo esportivo. Além da inclusão da participação feminina em eventos olímpicos, barreiras como a profissionalização versus o amadorismo de um atleta foram superadas ao longo do século XX na medida em que esse cenário internacional do esporte de alto rendimento se tornava cada vez mais relevante (Guttman, 1992).

No começo do século, a maior marca dessa elegibilidade esportiva acontecia pela chave da “proteção”. As mulheres participavam, mas apenas em modalidades previamente determinadas. Por exemplo, o halterofilismo só foi liberado para a categoria feminina em Sidney 2000. Modalidades do atletismo de média e longa distância também tiveram autorizações diferenciadas para cada grupo, como a corrida de 1500 metros, permitida desde a retomada das Olimpíadas para os homens e sendo liberada para as mulheres somente em Munique 1972. Ainda assim, as participações femininas e as modalidades autorizadas foram, ao longo do tempo, aumentando cada vez mais. Muitas atletas e, posteriormente, as membras do próprio Co-

mitê Olímpico Internacional, se esforçaram para expandir essa inclusão feminina (Lenskyj, 1986).

De todo modo, entre os parâmetros de inclusão para garantir uma almejada proteção esportiva, alguns critérios também foram estabelecidos com base na “suspeição” de certos corpos considerados ambíguos ou masculinos demais para a categoria feminina. É importante contextualizar tal momento porque esses critérios eram definidos em uma estreita conversa com o campo médico e científico da época. Ou seja, ao mesmo tempo em que profissionais de saúde difundiam protocolos para clinicar condições de intersexualidade (Hampson, Money, Hampson, 1956; Stoller, Garfinkel, Rosen, 1962; Money, 1974), alguns profissionais da área também realizavam consultorias para as organizações esportivas no sentido de estabelecer esses mesmos critérios diagnósticos como bases técnicas para as regulações de elegibilidade (Ljungqvist, Simpson, 1992; Wrynn, 2004; Genel, Simpson, Chapelle, 2016).

Podemos dizer que, ao longo do tempo, as formas de inspecionar mulheres para serem elegíveis nessa categoria feminina foram mudando de acordo com os avanços médicos e científicos de cada época. Contudo, essas bases nunca foram puramente técnicas. É muito difícil, para o campo médico e científico, determinar apenas um único marcador biológico que diferencie os corpos de homens e mulheres (Fausto-Sterling, 2000). Por isso, as tentativas em estabelecer uma linha rígida para a elegibilidade feminina parecia, em um momento, uma decisão regulatória muito correta, mas anos depois se mostrava completamente infundada e prejudicial para as atletas investigadas. Passamos por inúmeros métodos, como avaliações visuais de genitálias e características sexuais secundárias, testagens cromossômicas e genéticas, até chegar no escrutínio hormonal (Pieper, 2016).

A organização da divisão esportiva a partir de uma normalidade hormonal, especificamente do hormônio esteroide de classe androgênica intitulado “testosterona”, é fenômeno muito recente (Hoberman, 2005). Há pelo menos 30 anos que acompanhamos cientistas e gestores de diversas organizações esportivas determinarem taxas hormonais em protocolos regulatórios para separar a categoria masculina da categoria feminina. Mas no caso das atletas com variações de intersexualidade, essa biologia muito dimórfica, que embasa o imaginário das regulações de elegibilidade no esporte, não se aplica muito bem.

A intersexualidade compõe uma série de condições congênitas que desenvolve o corpo biológico com diferenças tanto sutis quanto significativas frente ao que acreditamos ser a “normalidade” para o corpo humano baseado no dimorfismo sexual (Blackless et al, 2000). Dito de outra maneira, essas diferenças do desenvolvimento do sexo (Lee et al, 2016) alteram a maneira usual do corpo biológico se diferenciar nos extremos da masculinidade ou da feminilidade. Alteração natural do próprio organismo que pode modificar, por sua vez, a maneira com que esses corpos diversos sintetizem hormônios e conseqüentemente desempenhem atividades esportivas em alto nível.

Precisamente por apresentarem variações biológicas em corpos não considerados “típicos” para o nosso padrão de divisão sexual, que também engloba o ambiente esportivo, precisamos repensar esses critérios de “diferenciação” dos sujeitos e alargar com responsabilidade nossa expectativa sobre o funcionamento hormonal presente naturalmente no corpo humano. Digo isto olhando com atenção todo o controverso histórico regulatório da intersexualidade no esporte (Martínez-Patiño, 2005; Karkazis et al, 2012).

Mas por que devemos compreender o fenômeno da intersexualidade como corpos excepcionais na inclusão celebratória do mundo esportivo? Porque assim como outros corpos biológicos que destoam da usual excelência dentro do alto rendimento, como a capacidade aeróbica singular de atletas quenianos em maratonas, algumas mulheres com variações de intersexualidade podem sobressair em determinadas modalidades esportivas, mas em vários casos, elas apenas compõem o grupo médio das atletas de alto nível. Não são tão fora da curva. Nesse sentido, precisamos compreender socialmente que os padrões de normalidade que definimos para homens e mulheres “típicos” não se aplicam uniformemente para os corpos de pessoas que vivem com condições de intersexualidade.

Enquanto não internalizarmos o fato científico de que a biologia não é tão binária assim, continuaremos a investigar, constranger e banir atletas com essas variações, que muitas vezes nem são plenamente conhecidas pelas atletas, a maioria vinda de “países em desenvolvimento”. Com essa constatação, gostaria de enfatizar que as relações entre hormônios endógenos e rendimentos atléticos ainda estão sendo pesquisadas por estudiosos de várias disciplinas ao redor do mundo (Jordan-Young, Sönksen, Karkazis, 2014; Van Anders, Steiger, Goldey, 2015; Sönksen et al, 2018; Pielke, Tucker,

Boye, 2019). Por isso mesmo, não podemos afirmar nenhuma verdade sobre diferenças no desempenho esportivo de pessoas intersexo em relação às pessoas não-intersexo porque faltam estudos comparativos de longa duração.

Seria muito importante ter mais trabalhos científicos realizados de maneira ética e comprometida por entidades e pesquisadores sem vínculo nem financiamento direto com as instituições esportivas que estabelecem tais políticas regulatórias. Da maneira que existe hoje, esses processos investigativos e regulações para verificar a feminilidade de uma atleta dizem mais, evidentemente, sobre as demandas sociais de organizar os sujeitos em categorias essencialmente masculinas ou femininas do que sobre a saúde esportiva dessas atletas. Infelizmente, nos deparamos com um pesado processo de debilitação dos corpos e de humilhação pública das atletas com variações de intersexualidade que buscam inclusão social a partir do esporte (Pires, 2020).

Em suma, percebemos ao longo da história do Movimento Olímpico que esses casos se tratam de atletas que nasceram com variações congênitas raras, mas que encontraram no esporte um lugar para desenvolver sonhos e habilidades, então devemos reconhecer seus corpos diversos, da mesma maneira que reconhecemos e celebramos as capacidades naturais de outros atletas na categoria masculina. O paradigma dos hormônios de hoje não é tão diferente da certeza de outrora abrigada nas testagens cromossômicas e genéticas (Chapelle, 1986; Genel, 2000; Simpson, 2000; Brodsky, Genel, 2016). Mas essas metodologias e avaliações mudam com o contexto histórico e a ciência em desenvolvimento.

Portanto, elas devem somente indicar a pluralidade e a plasticidade da existência humana, do mesmo modo que nossa excepcional capacidade em quebrar barreiras físicas e culturais através da prática do esporte. Essas avaliações, de ordem hormonal ou qualquer nova forma de investigação científica, não podem mais ser usadas para encerrar futuros e limitar a inclusão esportiva. Afinal, o Movimento Olímpico se funda no persistente sonho de competir com dignidade e igualdade para celebrar as diferenças de povos e nações – incluindo aí, por que não, a diversidade de corpos biológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACKLESS, Melanie et al. "How sexually dimorphic are we? Review and synthesis". *American Journal of Human Biology*, v. 12 (2), 2000, p. 151-166.

BRODSKY, Jill; GENEL, Myron. "The 2015 Pediatric Endocrine Society Ethics Symposium: Controversies Regarding 'Gender Verification' of Elite Female Athletes". *Horm Res Paediatr*, 85 (4), 2016.

CHAPELLE, Albert de la. "The Use and Misuse of Sex Chromatin Screening for 'Gender Identification' of Female Athletes". *JAMA*, 256 (14), 1986.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. New York: Basic Books, 2000.

GENEL, Myron. "Gender Verification No More?". *Medscape Women's Health*, 5 (3), 2000.

GENEL, Myron; SIMPSON, Joe Leigh; CHAPELLE, Albert de la. "The Olympic Games and Athletic Sex Assignment". *JAMA*, 316 (13), 2016, p. 1359-1360.

GUTTMANN, Allen. *The Olympics: a history of the modern games*. Urbana: University of Illinois Press, 1992.

HAMPSON, J G; MONEY, J; HAMPSON, J L. "Hermaphroditism: recommendations concerning case management". *J Clin Endocrinol Metab*, 16(4), 1956, p. 547-56.

HOBBERMAN, John. *Testosterone Dreams: Rejuvenation, Aphrodisia, Doping*. Berkeley: University of California Press, 2005.

JORDAN-YOUNG, Rebecca; SÖNKSEN, Peter; KARKAZIS, Katrina. "Sex, health, and athletes". *British Medical Journal*, v. 348, 2014.

KARKAZIS, Katrina et al. "Out of bounds: a critique of the new policies on hyperandrogenism in elite". *The American Journal of Bioethics*, v. 12, n. 7, p. 3-16, 2012.

LEE, Peter et al. "Global Disorders of Sex Development Update since 2006: Perceptions, Approach and Care". *Horm Res Paediatr*, 2016, p. 1-23.

LENSKYJ, Helen. *Out of bounds: women, sport and sexuality*. Toronto: Canadian Scholars Press, 1986.

LJUNGQVIST, Arne; SIMPSON, Joe Leigh. "Medical examination for health of all athletes replacing the need for gender verification". *JAMA*, v. 267, n. 6, p. 850-852, Feb. 1992.

MARTÍNEZ-PATIÑO, María José. "Personal account: a woman tried and tested". *The Lancet*, v. 366, Special Issue, S38, Dec. 2005.

MONEY, J. "Psychologic consideration of sex assignment in intersexuality". *Clin Plast Surg*, 1(2), 1974, p. 215-22.

PIELKE, Roger; TUCKER, Ross; BOYE, Erik. "Scientific integrity and the IAAF testosterone regulations". *The International Sports Law Journal*, v. 19 (1-2), 2019, p. 18-26.

PIEPER, Lindsay. *Sex testing: gender policing in women's sports*. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 2016.

PIRES, Barbara Gomes. *A Gestão da Integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento*. Doutorado (Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

SIMPSON, Joe Leigh et al. "Gender Verification in the Olympics". *JAMA*, v. 284 (12), 2000.

SÖNKSEN, Peter et al. "Why do endocrine profiles in elite athletes differ between sports?". *Clin Diabetes Endocrinol.*, n. 4 (3), 2018.

STOLLER, R J; GARFINKEL, H; ROSEN, A C. "Psychiatric management of intersexed patients". *Calif Med*, 96(1), 1962, p. 30-4.

VAN ANDERS, Sari M; STEIGER, Jeffrey; GOLDEY, Katherine L. "Effects of gendered behavior on testosterone in women and men". *Proc Natl Acad Sci USA*, 112(45), 2015, p. 13805-10.

WRYNN, Alison. "The human factor: science, medicine, and the IOC, 1900-70". *Sport in Society*, v. 7, n. 2, p. 211-231, 2004.

INTERSEXUALIDADE E VERIFICAÇÃO DE GÊNERO NO ESPORTE: O QUE NOS DEFINE ENQUANTO HOMENS OU MULHERES?

Ellen Cristina Rodrigues Correia

RESUMO: Os objetivos deste trabalho são compreender em que consiste a verificação de gênero no esporte e as implicações desse processo para os atletas a ele submetidos, a saber, pessoas intersexuais. Para atingir tais objetivos, será explorada a obra *Sporting Gender* (2019), de Joanna Harper. A metodologia a ser utilizada é a revisão bibliográfica, com especial atenção à obra mencionada anteriormente, bem como artigos e outros textos complementares à discussão. Os resultados apontam que não há como justificar a verificação de gênero, pois os corpos são interpretados através de uma construção sócio-histórica e o método utilizado considera apenas fatores biológicos, mostrando-se arbitrário para definir a identidade de gênero dos atletas. Assim, no âmbito esportivo, não se pode impedir que os competidores se enquadrem nas categorias masculina

e feminina somente em virtude de taxas hormonais derivadas da intersexualidade. Essa questão é algo que perpassa a vida inteira dessas pessoas, não somente enquanto competidores olímpicos.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Intersexualidade; Verificação de Gênero.

ABSTRACT: This article aims to understand what gender verification in sports consists of, as well as the implications this process has on athletes who are subjected to it, namely intersex individuals. To achieve these objectives, the work *Sporting Gender* (2019), by Joanna Harper, will be explored. The chosen methodology is the bibliographic review, with special attention to the aforementioned work, articles and other complementary texts. The results demonstrate that there is no justification for gender verification, as bodies are interpreted through the lens of a socio-historical construction, and the method used only takes into account biological factors, therefore being arbitrary when defining the athletes' gender identity. Thus, in a sports context, one cannot prevent competitors from falling into the male and female categories only on the basis of hormonal rates derived from intersexuality. This issue is something that pervades these individuals' entire lives, not only as Olympic competitors.

KEYWORDS: Sports; Intersexuality; Gender Verification.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É importante iniciar o presente trabalho apresentando um entendimento sobre gênero, porque adotarei aqui a posição de que o gênero não é algo que nasce com os sujeitos, e sim algo que resulta de uma construção cultural e social, que produz efeitos nos corpos, nas ações e nas relações dos homens e das mulheres (SCOTT, 1990). Na atualidade, o uso do termo gênero diz respeito, então, à construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina. Trata-se, portanto, de um conceito central para as teorias feministas, já que a partir dele pode-se compreender o sistema de gênero¹ – em outras palavras, um sistema de crenças que especificam o que é característico de um e outro sexo, determinando os direitos, os espaços, as atividades e as condutas próprias de cada um. Também é um conceito central, conseqüentemente, para compreender o patriarcado e

como os discursos fornecidos por esse sistema legitimam e justificam a hierarquização dos homens e das mulheres na sociedade. A partir dessa reflexão, surge o entendimento de que essas estruturas precisam ser modificadas para tornarem-se mais iguais ou, melhor que isso, equitativas.

2. INTERSEXUALIDADE E VERIFICAÇÃO DE GÊNERO NO ESPORTE

Compreendendo o conceito de gênero conforme apresentado nas considerações iniciais, parece plausível questionar o que define os indivíduos enquanto homens ou mulheres. Seriam os dados biológicos? Ora, estes parecem insuficientes – para aderir a esse posicionamento seria necessário assumir uma postura intolerante de negação aos corpos transexuais², por exemplo. Entretanto, se esses dados são insuficientes, o que poderia justificar a verificação de gênero no esporte?³

Antes de responder a essa pergunta, exponho a problemática por trás dos testes de verificação sexual desde seu surgimento, em 1966, até os dias atuais. Os primeiros testes eram feitos por meio de “palpação”, ou seja, consistiam em apalpar as competidoras para excluir a possibilidade de um homem estar competindo em categorias femininas. Devido a inúmeras reclamações, houve uma alteração protocolar para que o teste passasse a ser “apenas” visual, sem toque. Assim, as atletas precisariam passar nuas por um comitê formado por três médicas que determinariam se elas atendiam aos critérios que as classificariam como “mulheres”. Após novas reclamações, então sobre o constrangimento dos exames visuais, o COI (Comitê Olímpico Internacional) mudou o protocolo para exigir um teste cromossômico que determinaria o sexo pela presença ou não do cromossomo Y (característico do sexo masculino)⁴.

Portanto, se o teste biológico está fadado ao fracasso e “não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais” (BUTLER, 2018, p.29), parece não haver justificativa plausível para manter qualquer tipo de testagem sexual.

Além disso, os testes prejudicam não só a carreira dos atletas, mas também suas vidas pessoais. Considere o caso da atleta Caster Semenya, que foi obrigada a se submeter aos exames pedidos pela In-

ternational Association of Athletics Federations (IAAF), depois de ganhar o ouro nos 800m do Campeonato Mundial de Atletismo de Berlim em 2009⁵. Semenya disse que não recebeu um motivo válido para seus testes de gênero. (HARPER, 2019, p. 106)⁶. Entretanto, posteriormente, descobriu-se que o que motivou a investigação foi o fato de que seu desempenho não era tipicamente feminino. (DIEGEL, 2018, p. 62).⁷ Maria Savinova, que terminou em quinto lugar, comentou: “Basta olhar para ela.” (HARPER, 2019, p. 107). Os resultados do teste mostraram que “ela não tinha útero ou ovários; em vez disso, ela tinha testículos que não desceram, o que lhe proporcionou três vezes os níveis normais de testosterona feminina”. (HARPER, 2019, p. 107).⁸ A partir disso, Semenya é “diagnosticada” como uma pessoa intersexual, isto é, uma pessoa que apresenta particularidades de ambos os “sexos”, a saber, características biológicas para classificar macho e fêmea / homem e mulher.⁹ Semenya foi, então, impedida de competir durante um ano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o exposto, entende-se que a verificação de gênero é arbitrária ao usar testes que se limitem ao material biológico para definir a condição de homem ou mulher, visto que essas são categorias construídas. Veja o caso de Semenya que, apesar dos níveis altos de testosterona e do aparato biológico interno, constituiu-se como mulher e viveu sua vida toda assim. Nesse sentido, há a possibilidade de se pensar em uma verificação não mais de sexo, mas sim de gênero, a partir da vivência pessoal do(a) atleta, conforme Alice Dreger apresenta em *Sex Typing for Sport* (2010, p. 24): “se você realmente foi criada como uma menina, você pode jogar como uma mulher”. Penso que esse modelo ainda poderá apresentar problemas, mas o que é certo é que o esporte, conforme diz a Dra. Maria Martínez Patiño (2021), não pode impedir que os competidores se enquadrem nas categorias masculina e feminina em virtude de taxas hormonais derivadas da intersexualidade. Essa questão é algo que perpassa a vida inteira dessas pessoas, não somente enquanto competidores olímpicos.

NOTAS

1 Conceito utilizado por GARCIA, Carla C. em Breve História do Feminismo, 2015, p. 19.

2 Não dedicarei parágrafos à transexualidade, pois o foco do presente trabalho corresponde às questões de intersexualidade; entretanto, apresento uma definição do que consiste ser um indivíduo trans, conforme segue: transexual é a pessoa cuja identidade de gênero está discordante do sexo designado no seu nascimento. Portanto, corresponde a uma mulher transexual alguém que nasceu com pênis e identifica-se como mulher e a um homem transexual alguém que nasceu com vagina e identifica-se como homem. (BLANKENHEIM, 2019, p. 6). Grifo nosso.

3 O termo “verificação de gênero” é empregado aqui em razão de ter sido amplamente difundido; entretanto, deveria ser chamado de verificação de sexo ou testagem sexual, pois corresponde apenas a fatores biológicos.

4 Mais informações disponíveis em Dibradoras – UOL. Link de acesso disponível nas referências do trabalho.

5 Exemplo em Diegel, 2018, p. 62. Tradução nossa.

6 Tradução nossa.

7 Tradução nossa.

8 Tradução nossa.

9 Utiliza-se sexo para referir-se ao biológico, pois gênero aqui é assumido como um construto sócio-histórico.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Cássia. Intersexualidade e Esporte. 30 jun. 2021. Ilustração.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: Fatos e Mitos. 3 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BLANKENHEIM, T. Diversidade Sexual e de Gênero: Um diálogo entre a Psicologia e a Educação. – São Leopoldo: Unisinos, 2018.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. 16a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DIEGEL, H. Intersexuality in Sport: on the Verdict of a German Court. [S.I.], 2018. Disponível em: <<https://library.olympics.com/Default/doc/SYRACUSE/185590/intersexuality-in-sport-on-the-verdict-of-a-german-court-helmut-digel>>. Acesso em: jun. 2021.

DREGER, A. Sex Typing for Sport, Hastings Center Report 40, no. 2 (2010): 22-24. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1353/hcr.0.0250>>. Acesso em: jun. 2021.

GARCIA C. C. Breve História do Feminismo. – São Paulo: Claridade, 2015. 120 p.

HARPER, J. Sporting Gender: The history, science and stories of transgender and intersex athletes. – Maryland: Rowman & Littlefield, 2019.

MENDONÇA, R. Teste obrigava atletas a comprovar que eram mulheres nos Jogos Olímpicos. Dibradoras - UOL, [S. I.], 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/24/teste-obrigava-atletas-a-comprovar-que-eram-mulheres-nos-jogos-olimpicos/>>. Acesso em: set. 2021.

PATIÑO, M. M. As Mulheres Atletas e os Estereótipos de Feminilidade. In. Reflexões Olímpicas. – Porto Alegre: GPEO - PUCRS, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dNstyQXZL8M>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SCOTT, J. W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. – Porto Alegre: Educação & Realidade, v. 15, n.2, jul./dez. 1990, traduzido da versão em francês. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: set. 2021.

ATLETAS LGBTQIA+ E A VISIBILIDADE NO ESPORTE OLÍMPICO

Wagner Xavier de Camargo

RESUMO: A cada edição olímpica, de verão ou de inverno, mais anúncios relativos a identidades ou expressões de gênero aparecem e conhecemos histórias de atletas LGBTQIA+ que são capturados momentaneamente sob os holofotes da mídia esportiva. Este breve artigo pretende trazer uma provocação sobre a visibilidade e representatividade desses sujeitos na trajetória do esporte olímpico contemporâneo, no intuito de pensar os sentidos de humanidade no esporte de alto nível de base olímpica e suas lógicas de exequibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Atletas LGBTQIA+; Jogos Olímpicos; Visibilidade; Representatividade; Sentidos de humanidade.

ABSTRACT: At each Olympic edition, summer or winter ones, more announcements related to identities or expressions of gender come out, and people know stories of LGBTQIA+ athletes who are captured shortly under the spotlight of sports media. This brief article intends to bring about visibility and representativeness of such subjects in the Olympic sport in order to discuss the meanings of humanity in high-level Olympic sport and its logics of feasibility.

KEYWORDS: LGBTQIA+ athletes; Olympic Games; Visibility; Representativeness; Senses of humanity.

Como antropólogo gostaria de tomar o Olimpismo como inspiração analítica e de emprestar dos Jogos Olímpicos histórias e trajetórias de atletas, que servem para uma antropologia do esporte que costumo fazer. Como disciplina científica, a antropologia se encarrega de olhar o outro inserido nos sistemas culturais e nas práticas sociais que o envolvem. O esporte não é exceção, e como componente da cultura, está também sujeito à interpretação antropológica.¹ Portanto, trato de uma antropologia do esporte, que estaria encarregada de análises antropológicas do e no campo esportivo: de atores e instituições sociais envolvidas na produção e reprodução de signos/significados culturais que o esporte apresenta à sociedade.

Dessa forma, não me interessam aqui heróis ou heroínas olímpicos/as. Busco histórias particulares, de atletas que ficaram de fora de um circuito de glórias e do estrelato. Pesquiso histórias marginais, que interseccionalizam condição social, gênero/sexualidade e raça, e que em geral acabam me conduzindo a atletas gays, lésbicas, transgêneros, intersexos, bissexuais e outros. São casos fora da curva de uma história que muitas vezes se coloca do lado dos vencedores, dos visibilizados, de quem tem o sistema a seu favor. Procuo os invisíveis ou invisibilizados, tanto no campo esportivo quanto na trajetória olímpica do esporte moderno.

Por isso é importante procurar os sentidos de humanidade inseridos no esporte olímpico de matriz espetacular – se é que isso seja possível! Para tanto, mídia e entidades esportivas (e também pessoas comuns) devem olhar distintamente para as expressões olímpicas e o que elas produzem enquanto significados e referências. Olhar mais para processos e menos para resultados, mais sentidos educativos implicados e menos glorificação de vitórias isoladas, mais margem e menos centro, mais gênero e menos sexo.

Desta feita, quero evocar a participação de atletas LGBTQIA+ nos Jogos Olímpicos e suas buscas por visibilidade e, conseqüente, representatividade. Os Jogos de Tóquio 2021 terminaram e podem ser considerados os mais “LGBT” da história: deixaram os do Rio-2016 para trás, pois se naquela época cerca de 56 atletas se autodeclararam lésbicas, bissexuais e gays², na edição japonesa tais participações aumentaram e mais de 180 atletas se disseram não estar alinhados com a matriz heteronormativa em vigor no esporte.³ Os números podem ser relativizados, e em que pese quase 200 pessoas num universo de 11 mil não ser uma cifra tão expressiva, vale a nota da particularidade.

Obviamente não há uma representatividade equânime de sujeitos LGBTQIA+ nos Jogos Olímpicos quando aparecem. As distintas orientações sexuais e as diferentes expressões de gênero tornam-se mais visíveis e representativas a cada edição olímpica.⁴ Como isso nos coloca desafios perante um esporte de base binária e calcado nas categorias fixas e estáveis “masculina” e “feminina”, faz-se importante endereçar essas questões sociais no esporte.

Curiosamente, se fossem cidadãos de um país, tais atletas o colocariam em 6º lugar no ranking do quadro de medalhas em Tóquio 2021, com um mínimo de 33 delas conquistadas.⁵ Isso tudo, no entanto, não é importante. O quadro de medalhas é uma invenção contabilista de um sistema capitalista perverso, que serve ao propósito de mostrar o privilégio de poucos sobre muitos, a supremacia de um sistema político-econômico ou de um conjunto de valores. Foi assim que funcionou na Guerra Fria; e é assim que é reeditado até hoje.

Porém, o quadro de medalhas poderia ser subvertido se tomarmos outros marcadores. Robin Levinson-King propõe um suposto “quadro alternativo” de medalhas.⁶ Por exemplo, num ranking em que fosse levado o número de medalhas conquistadas por milhão de pessoas, San Marino ficaria em primeiro e os EUA no 60º lugar; ou ainda, se fosse tomado o PIB (Produto Interno Bruto) per capita (por habitante) dos países participantes, China e Rússia ficariam nas duas primeiras posições, o Brasil na prestigiosa 8ª colocação e os EUA no 15º.

Olhar para práticas esportivas de atletas LGBTQIA+ na estrutura olímpica pode nos fazer pensar o quanto elas podem ser subversivas e transformadoras ou passivas e assimilacionistas⁷. De qualquer forma, algumas práticas (dissonantes) têm rompido formas e modelos únicos de compreender gênero e sexualidade em espaços esportivos que desfilam masculinidades e feminilidades não convencionais.⁸ O esporte acaba se tornando um “um espaço propício para tencionar as representações de gênero, pois nele produzem-se corpos e subjetividades que desestabilizam as determinações biológicas”.⁹

Tornar-se visível no holofote do esporte de alto nível não é fácil, tampouco simples. Mesmo atletas que não endereçam problemáticas de gênero têm dificuldades de atingir visibilidade. Fazer-se visível e manter-se visível são longos processos de reconhecimento (pela opinião pública, mídia esportiva, agentes sociais, especialistas do campo),

por vezes contraditórios, que podem não desembocar no esperado – como legitimidade e representatividade.¹⁰

Pensar nisso nos coloca um horizonte novo e esperançoso na história dos Jogos Olímpicos em termos humanitários? Será que a visibilidade de tais atletas conduzirá para um estado de representatividade legítimo e permanente dentro da matriz olímpica? Isso seria, de fato, um viés inclusivo do Olimpismo? Quais seriam os próximos passos para que aproximemos a realidade dos acontecimentos aos princípios olímpicos (amizade, respeito, excelência, igualdade, inspiração, determinação e coragem), escritos por Coubertin e reeditados pelo movimento paralímpico anos mais tarde?

Conforme as pesquisas avançam, necessário frisar que a diversidade sexual e de gênero sempre se fez presente no campo esportivo, porém era sufocada desde de dentro. Apenas a título de exemplo, atletas como Thomas Waddell (atletismo/decatlo), Caitlyn Jenner (atletismo/decatlo), Greg Louganis (saltos ornamentais) desenvolveram grande parte ou a totalidade de suas carreiras esportivas mantendo sigilos sobre suas orientações sexuais. Mesmo Stella Walsh, campeã olímpica dos 100 metros rasos em Los Angeles-1932, que acabou vivendo toda a vida como uma atleta cisgênero e heterossexual no atletismo, ao ser assassinada em 1980 e passar por uma autópsia pela identificação da causa mortis, foi declarada uma pessoa “hermafrodita” (ou intersexo) e por pouco não perdeu suas medalhas e marcas.¹¹

Ora, desde que o esporte (moderno) surgiu, em fins do século XIX, ele tem sido lugar de regulação e classificação de corpos que não os dos homens. Quem podia competir, oficialmente falando, nos primeiros Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896? Autorizados eram apenas os homens (brancos, cristãos, heterossexuais) e provenientes da aristocracia (ou ricos). O pai dos Jogos, o francês Barão de Coubertin, previra isso baseado em sua classe, em suas convicções androcêntricas de mundo e no resgate dos ideais gregos antigos. Quando mulheres atletas começaram movimentos por participação nas arenas esportivas, acabaram provocando uma intensificação na busca por “igualdade de chances” e desencadearam a persecutoriedade (ou regulação) da então convencionalizada “categoria feminina”. Afinal, quem era “mulher o suficiente” para competir e em quais esportes poderiam fazê-lo?

Vale lembrar que já na década de 1920 apareceram as primeiras preocupações relacionadas ao gênero de competidoras mulheres. Um caso interessante é o da corredora japonesa Hitomi Kinue, nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928. Considerada pela própria mídia de seu país como “meio mulher, meio homem”, houve boatos de que Kinue fora examinada por duas horas por médicos homens, para que identificassem seu “verdadeiro sexo”.¹² Acusações desta natureza apareceram também em 1932, em Los Angeles, sobre a polonesa velocista Stella Walsh e, quatro anos mais tarde, atingiram a campeã estadunidense dos 100 metros, Helen Stephens, que após ter passado por um exame minucioso de uma junta médica composta por homens, foi declarada uma “mulher legítima”.¹³ Nesse sentido, não há como negar que estes casos foram paradigmáticos para estabelecer um *modus operandi* do Comitê Olímpico Internacional (COI) e mesmo da World Athletics (antiga IAAF) perante o que designaram por “fraudes de gênero”.

Uma questão ainda bastante complexa no campo esportivo é a catalogação de corpos, que associa como únicas duas possibilidades as categorias “masculina” e “feminina” para o que se considera “homens” e “mulheres”, respectivamente. Se, por um lado, poucos/as atletas afrontaram a matriz heteronormativa na trajetória do esporte moderno enquanto estavam em atividade, por outro, confederações e federações esportivas acabaram desenvolvendo, ao longo do século XX, muitas formas de controle e regulação desses corpos (e os testes de verificação de gênero, cromossômicos, de DNA foram exemplos disso).

Nesse sentido, e a partir de dado momento histórico, os órgãos de controle e regulação de corpos no esporte foram se aperfeiçoando nas sutilezas da determinação arbitrária sobre desenvolvimento diferencial sexual, níveis hormonais, variações cromossômicas, presença ou ausência de anomalias orgânicas e físicas, dentre outras, que pudessem coibir (ou mesmo extirpar) “vantagens atléticas” de alguns corpos sobre outros. E os sentimentos de humanidade para com essas/esses competidores, onde ficara? Alguns supunham que o advento dos Jogos Paralímpicos (em Roma, 1960) para pessoas com deficiência pudesse ser um resgate de tal senso, mas a história nos mostra que o movimento do paradesporto seguiu uma cartilha já conhecida. Os Jogos Paralímpicos hoje, repletos de “heróis e heroínas” para-atletas, estão longe dos mortais humanos com deficiência que mal tem uma cadeira de rodas para se locomover na vida cotidiana.

Se considerarmos, então, o caso da corredora sul-africana Caster Semenya, que possui hiperandrogenismo, um distúrbio endócrino que atinge corpos de mulheres e produz excesso de androgênicos (como a testosterona) estamos em mal lençóis. Apresentando taxas de testosterona já controladas, ficou fora dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021 porque a World Athletics baixou ainda mais a exigência de tais índices para os níveis de testosterona endógena. Semenya disse não competiria sob tais condições porque não quer consumir mais drogas controladoras.

Interessante pensar que tal restrição atinge justamente uma atleta mulher, africana, negra e intersexo, portadora de múltiplos recordes nas provas de velocidade disputadas no atletismo. Do que se trata, exatamente, a intensa perseguição a ela: fair play, desumanidade ou machismo esportivo?

Fundamental entender que sempre vão existir especulações que tentam mostrar a realidade por meio de pontos de vista específicos, que favorecem obviamente aqueles que os escolheram e mesmo aqueles que estão em posições de poder e comando. No entanto, onde há poder e dominação, há igualmente resistência.¹⁴ No tocante às/aos atletas LGBTQIA+, portanto, por mais que contrariem as instituições de controle no esporte e seus dirigentes, que tentam invisibilizá-las/os, não há mais volta.

O recrudescimento da onda conservadora mundial e mesmo os mecanismos de controle não vão apagar ou silenciar posicionamentos pessoais/políticos no Olimpismo contemporâneo. Em Tóquio 2021 vimos os de Tom Delay, saltador britânico ganhador de duas medalhas, que afirmou “sou gay e sou campeão olímpico”, ou o gesto de Raven Saunders, estadunidense negra que, no pódio de prata do arremesso de peso, cruzou os braços em “x” sobre a cabeça em favor dos oprimidos e invisibilizados. Esses posicionamentos avançam perante os do passado, visto que resgatam uma dimensão íntima, pessoal, e a expõe publicamente uma questão, colocando em xeque valores de uma instituição. Tais atletas já fazem parte da realidade do esporte espetáculo (olímpico ou não) e vão continuar aparecendo às centenas.

De agora em diante, cada edição olímpica de verão ou inverno será mais e mais LGBTTTQIAPN+, chegando a um ponto em que as pessoas vão perceber que não têm mais sentido discriminar e excluir ninguém, pois elas próprias serão parte das inúmeras e distintas representatividades ali em cena.

Então se pensarmos o que isso implica, tanto para os Jogos Olímpicos quanto para a ideia de ritualização, talvez estejamos vendo modificações pontuais que, atreladas a outras no decorrer de ciclos olímpicos futuros, poderão transformar o evento como o conhecemos, a partir de um tempo de transformações ininterruptas. São momentos como esse que testarão nossas crenças e afetividades atreladas a eventos como os dos Jogos Olímpicos. E que oferecerão mais momentos interessantes para a interpretação antropológica e a possibilidades temáticas para uma antropologia dos esportes.

NOTAS

1 BLANCHARD, Kendall; CHESKA, Alyce. *Antropología del Deporte*. Barcelona: Ediciones Bellaterra S.A., 1986

2 A record 56 out LGBT athletes compete in Rio-Olympics. *Outsports*. Disponível em <https://www.outsports.com/2016/7/11/12133594/rio-olympics-teams-2016-gay-lgbt-athletes-record> . Acesso em 11 jul 2016.

3 At least 186 out LGBTQ athletes were at the Tokyo Summer Olympics.... *Outsports*. Disponível em <https://www.outsports.com/olympics/2021/7/12/22565574/tokyo-summer-olympics-lgbtq-gay-athletes-list>. Acesso em 20 out 2021.

4 Brian Pronger (1990) já apontava algo nesse sentido em seu clássico trabalho. In: PRONGER, Brian. *The arena of masculinity: sports homosexuality and the meaning of sex*. New York: St. Martin's Press, 1990.

5 Segundo Juwan Holmes (2021), o denominado “Team LGBTQ” (ou Equipe LGBTQ) teve “(...) mais atletas nos Jogos do que 190 das 206 seleções olímpicas participantes – 205 de diferentes países ou territórios participantes de forma independente (como Porto Rico e Samoa Americana), e uma equipe formada por atletas refugiados”. In: HOLMES, Juwan. *LGBTQ athletes win more medals at the Olympics than nearly 200 other nations*. *LGBTQ Nation*. Disponível em https://www.lgbtqnation.com/2021/08/lgbtq-athletes-winmedals-olympics-nearly-200-nations/?utm_source=LGBTQ+Nation+Subscribers&utm_campaign=ecf92e70eb20210809_LGBTQ_Nation_Daily_Brief&utm_

medium=email&utm_term=0_c4eab596bd-ecf92e70eb-432346384.
Acesso em 10 out 2021

6 LEVINSON-KING, Robin. Olimpíadas de Tóquio 2021: o quadro alternativo de medalhas.... BBC NEWS Brasil. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58158162>. Acesso em 08 out 2021.

7 CAMARGO, Wagner. Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições mundiais LGBTs. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2012.

8 CAMARGO, Wagner Xavier. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. *Movimento*, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, 2016.

9 GRESPAN, Carla L.; GOELLNER, Silvana V. Fallon Fox: um corpo querer no octógono. *Movimento (UFRGS, Impresso)*, v. 20, p. 1265- 1282. 2014. p. 234.

10 GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Gênero e imprensa internacional: Um relatório sobre a representação de atletas nos Jogos Olímpicos Rio-2016. *Revista Inteligência Competitiva, São Paulo*, v. 8, n. 2, jun.2018. p. 200-210.

11 ANDERSON, Sheldon. *The forgotten legacy of Stella Walsh: The greatest female athlete of her time*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2017.

12 PIEPER, Lindsay. *Sex testing: gender policing in women's sports*. Chicago: University of Illinois Press, 2016.

13 OFFUTT, Jason. *Helen Stephens: The Fulton Flash*. Kirsville: Truman State University Press, 2014.

14 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

AUTORES



ANA MIRAGAYA

Universidade Estácio de Sá
amiragaya@uol.com.br



BARBARA GOMES PIRES

Instituto de Medicina
Social – Universidade do
Estado do Rio de Janeiro
barbaragomespires@gmail.com



**ANDRESSA FONTES
GUIMARAES-MATARUNA**

University of Beira Interior
andressa.mataruna@ubi.pt



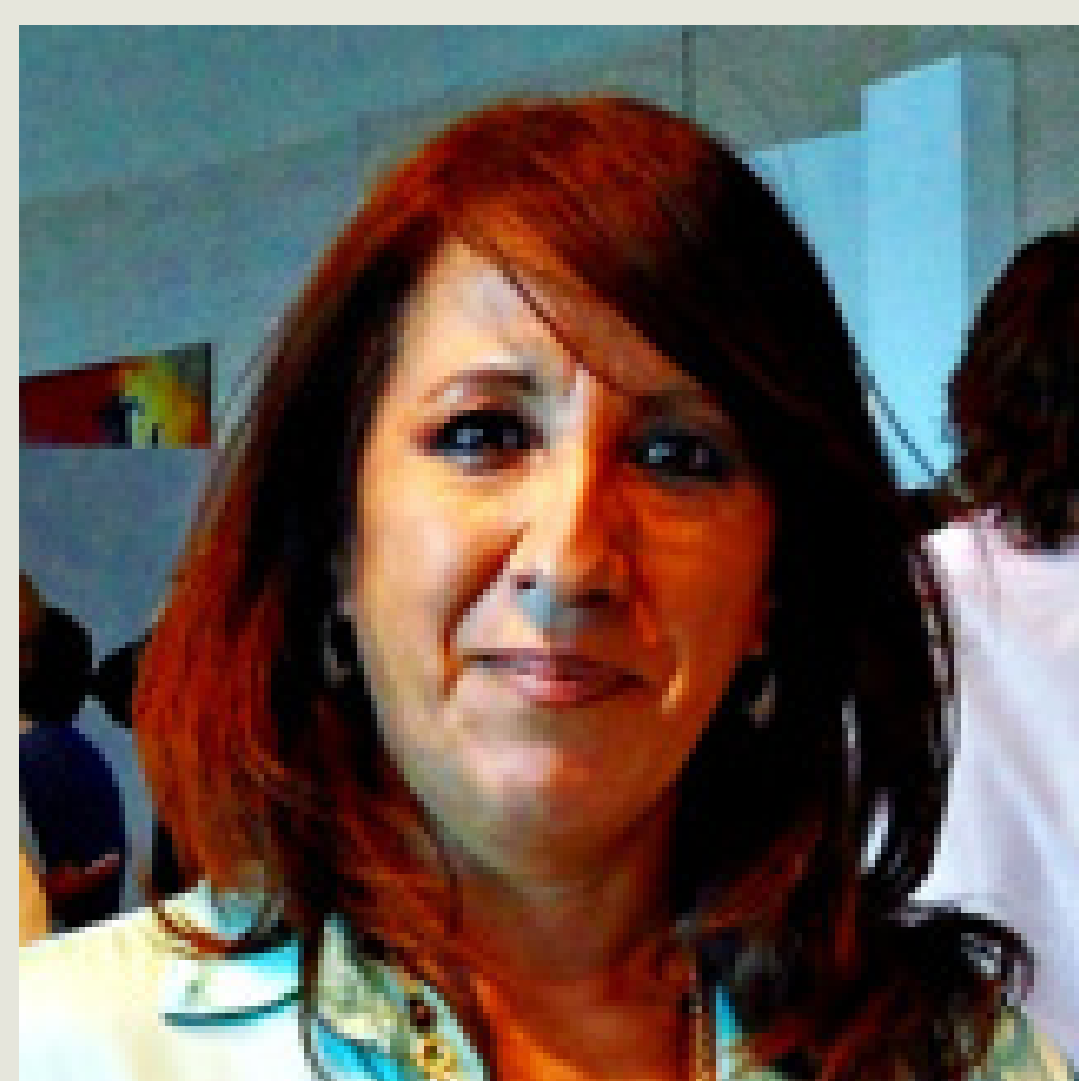
BIANCA GAMA PENA

Diretora e Museu do Esporte /
UERJ
biancagamapena@gmail.com



ANGELA J. SCHNEIDER

International Centre for Olympic
Studies – The University of
Western Ontario
aschneid@uwo.ca



CECILIA R. BOLLADA

Comité Pierre de
Coubertin Argentina
sesu57@gmail.com



DANIEL DE LA CUEVA

Comité Pierre de
Coubertin Argentina
danieldelacueva@gmail.com



FERNANDO FONTOURA

Universidade do Vale do Rio dos
Sinos (UNISINOS)
fcdafontoura@gmail.com



DIEGO BOEIRA LERINA

ARETE Centro de
Estudos Olímpicos
diego.lerina@gmail.com



HILLA DAVIDOV

International Pierre
de Coubertin Committee
hilladavidov7@gmail.com



**ELLEN CRISTINA
RODRIGUES CORREIA**

Universidade do Vale do Rio dos
Sinos (UNISINOS)
correiaellenr@gmail.com



IAN CULPAN

University of Canterbury
ian.culpan@canterbury.ac.nz



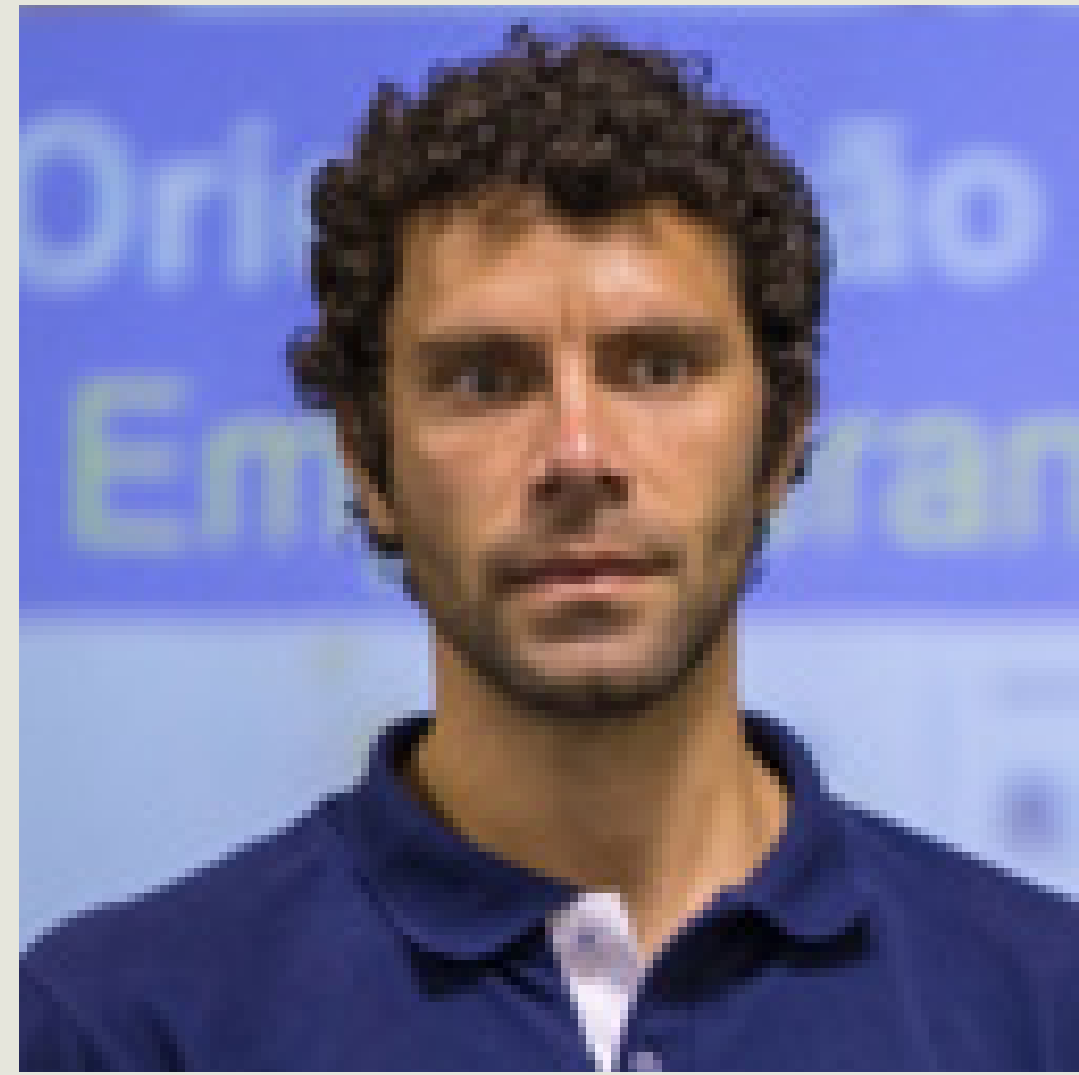
JOHN DORBER
Migration Consultant
jecdorber@gmail.com



**LEONARDO JOSE
MATARUNA-DOS-SANTOS**
Canadian University Dubai
leonardo.mataruna@ cud.ac.ae



LAMARTINE DACOSTA
Universidade do Estado
do Rio de Janeiro
lamartine@terra.com.br



MIGUEL PACHIONI
Assessor de comunicação
do ACNUR Brasil
pachioni@unhcr.org



LEONARDO CUNHA
Universidade de
Cabo Verde – ENG
leonardo.cunha@docente.unicv.edu.cv

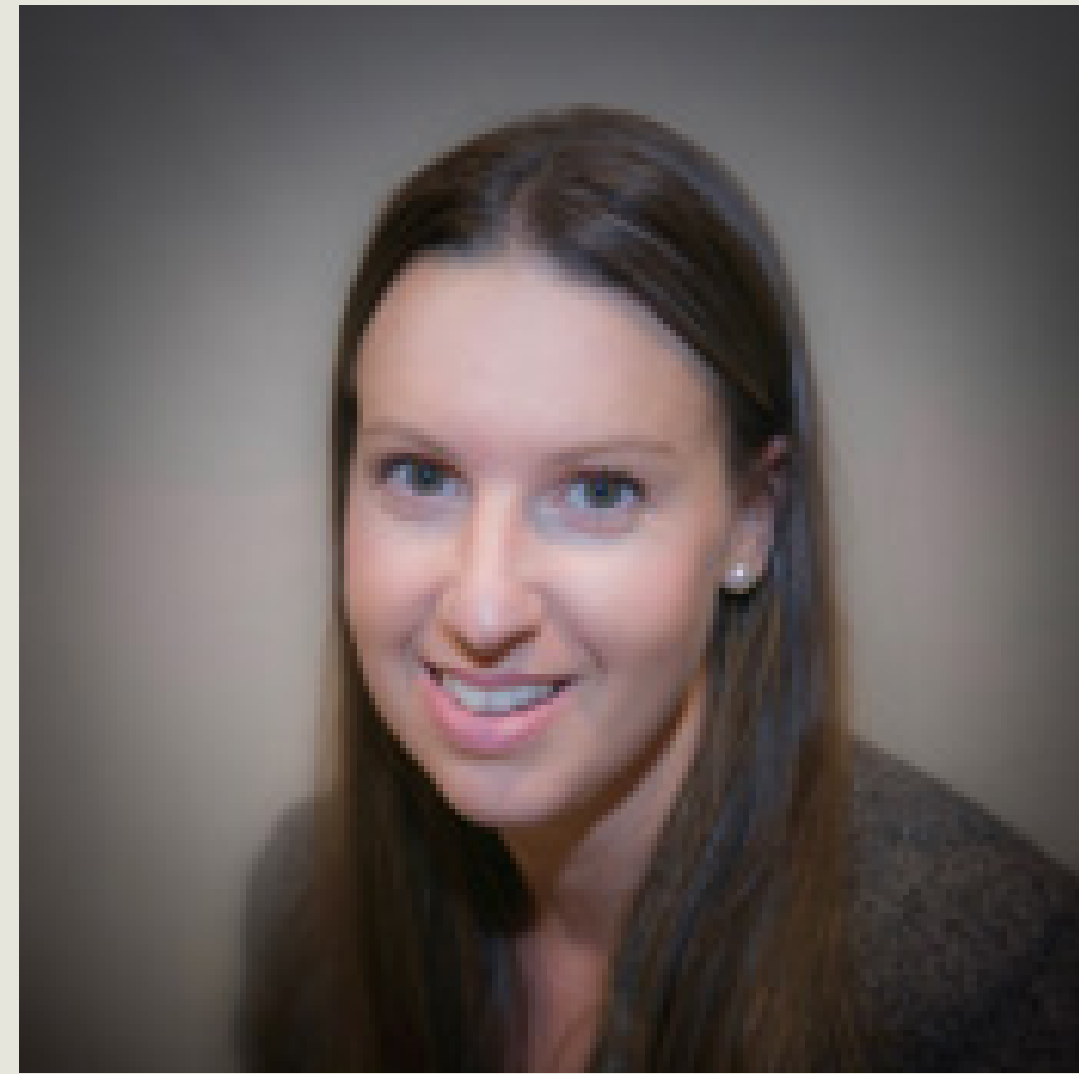


OTÁVIO TAVARES
Universidade Federal
do Espírito Santo
otavio.silva@ufes.br



**RENATA FLORIANO
DE SOUSA**

Instituto Federal de
Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense
rflorianos@outlook.com



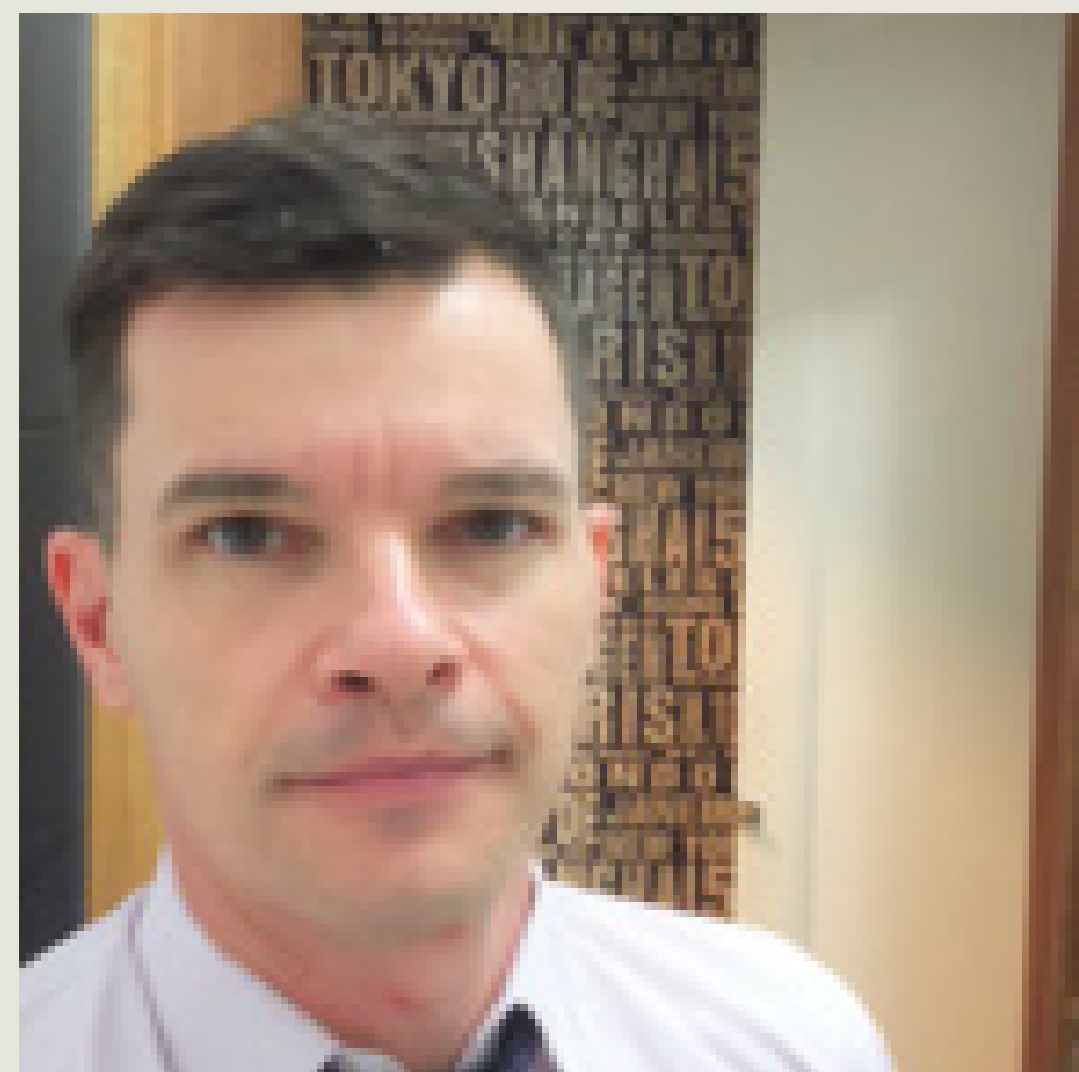
SUSANNAH STEVENS

University of Canterbury
susannah.stevens@canterbury.ac.nz



**RICARDO PEDROZO
SALDANHA**

Grupo de Pesquisa em
Estudos Olímpicos da
Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul
ricardo.pedrozo.saldanha@gmail.com



**WAGNER XAVIER
DE CAMARGO**

Universidade Federal de
São Carlos (UFSCar)
wxcamargo@gmail.com



RITA AMARAL NUNES

Universidade Nova de Lisboa
itaa.nunes@gmail.com



YOAV DUBINSKY

Lundquist College of Business
- University of Oregon
yoavdubinsky@gmail.com



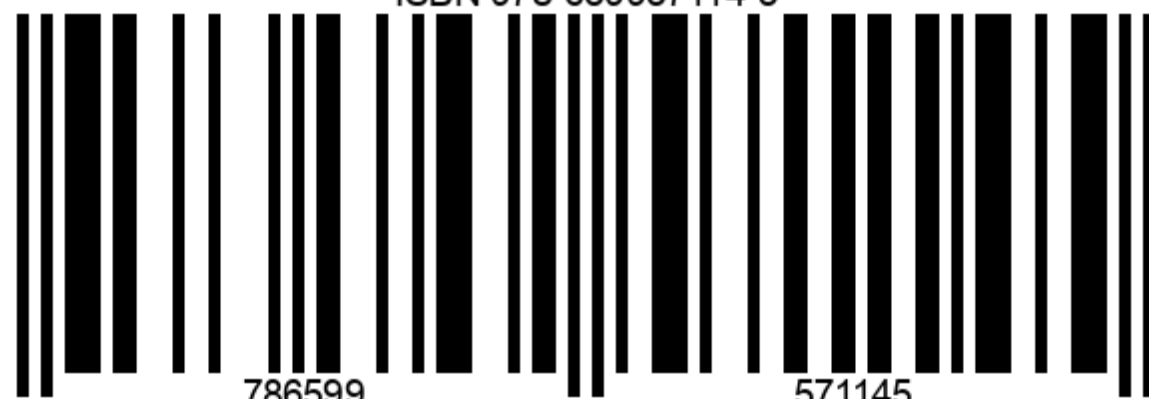
Pierre de Coubertin

COMITÊ BRASILEIRO
PIERRE DE COUBERTIN

eME

eMuseu do Esporte

ISBN 978-659957114-5



9

786599

571145